

Fudo sobre seu clube do coração por apenas **R\$ 4,50**

LANCE!

SÉRIE **GRANDES CLUBES** 2001

Edição Especial 2001

o diário dos esportes

<http://www.lancenet.com.br>

LANCEnet

► O Império do Oriente: bi mundial em Tóquio

► O mágico time de Telê Santana



► Os três títulos Brasileiros (77, 86 e 91)

► Os dez maiores craques de todos os tempos e muito mais!



AS 10 MAIORES GLÓRIAS DO TRICOLOR



Quem pediu ímpar. Bola ou campo. Quem apita. Quem manda. Lance limpo ou mereceu cartão. Quem mandou uma bomba. Aquela defesa sensacional. Pênalti ou problema de vista. Quem xingou. Quem foi pro chuveiro mais cedo. Gol contra ou de placa. Um chocolate ou zero a zero. Ganhou. Perdeu. Subiu. Desceu. A primeira divisão do esporte está aqui.

ESPORTE COMO VOCÊ NUNCA VIU!



Walter de Mattos Junior
EDITOR

CLUBE, A PRIMEIRA PAIXÃO DO FUT

As glórias do seu time numa nova revista para guardar e curtir

A primeira paixão a gente nunca esquece. E se ela for um clube de futebol vai nos acompanhar pelo resto da vida. Mais até do que a Seleção, é através do clube de coração que o torcedor se relaciona cotidianamente com o universo mágico do fut.

A escolha, seja pela influência dos pais ou de amigos, seja por livre opção do jovem torcedor, é, com raras exceções, definitiva. Suas cores, suas glórias, seus momentos de alegria e sofrimento estarão sempre presentes.

Foi pensando nessa paixão que o LANCE! preparou, em 99, uma série de revistas com a história de alguns dos grandes clubes brasileiros.

Agora, voltamos ao tema, mas com novidades. Desta vez, o LANCE! conta a história das 10 maiores glórias do seu clube predileto. A revista que você tem em mãos, com dados atualizados, é para guardar e se deliciar.

Você vai encontrar nas páginas que se seguem todos os detalhes das incríveis e memoráveis conquistas de seu clube.

Aproveite! O fut também é a nossa grande paixão.

Sumário

6 Bi Mundial-93

Pela segunda vez, o São Paulo é o melhor time do mundo. O Tricolor faz história no Oriente ao vencer o Milan



12 Mundial-92

A vítima é o Barcelona, considerado favorito. Mas, com o timaço de Telê, não tem perdão



18 Bi Libertadores-93

Com show no primeiro jogo, São Paulo bate o Universidad Católica (CHI) e fatura o título



22 Libertadores-92

O título sobre o Newell's Old Boys, conquistado nos pênaltis, é um dos mais emocionantes da história do clube

30 Pra matar de emoção Brasileiro-86

36 Suor e raça Brasileiro-77

39 Início da era de ouro Brasileiro-91

42 Bem-vindo, campeão Paulista-70

45 Título inédito Rio-São Paulo de 2001

48 Campeão da década Paulista-2000



52 Raí

O craque da camisa 10 unia o útil ao agradável: ganhava títulos e jogava bonito



53 Careca

Não tinha título perdido para Careca. Que ninguém se esqueça de 1986, contra o Guarani



55 Müller

Com 12 títulos pelo São Paulo, Müller é o papatudo tricolor. Alguma dúvida?

56 Serginho

O homem que mais marcou gols com a camisa tricolor: 242. É herói



Pedro Rocha 54 Darío Pereyra 59

Leônidas 57 Canhoto 60

Gérson 58 Zé Sérgio 61

66 Todas as campanhas

68 Todos os campeões

74 Ilustre torcedor: Jairzinho

DENTRE OS GRANDES, SOMOS OS PRIMEIROS

Não há nada mais perfeito no mundo do que o São Paulo Futebol Clube



MAURÍCIO LIMA

Caros tricolores, bicampeões mundiais, encontrar a perfeição é tarefa das mais complicadas. Menos para nós, são-paulinos, que somos perfeitos desde o momento da nossa concepção.

Filósofos, pensadores, religiosos, corintianos, palmeirenses e santistas correram a vida inteira, e ainda correm, atrás da perfeição, que para eles sempre se parece com alguma coisa irreal, distante, inatingível.

Coitadinhos, pobres almas, meros mortais...

O conjunto de todas as qualidades, a ausência de quaisquer defeitos, o máximo de excelência a que uma coisa pode chegar, o maior grau de bondade ou virtude a que pode alguém chegar, o mais alto grau de beleza a que pode chegar alguém ou algo... ou seja, a perfeição é para poucos, para eleitos, para predestinados. Para são-paulinos.

E sempre tivemos exemplos clássicos de tricolores natos que não passaram pelo mundo simplesmente, mas marcaram a história da humanidade.

Ou vocês duvidam que Aristóteles e Platão, os maiores filósofos da civilização grega, Mozart e Beethoven, os maiores gênios da música clássica, Caruso e Pavarotti, os maiores tenores do mundo da ópera, Shakespeare e Machado de Assis, os maiores gênios da literatura mundial, e da Vinci e Picasso, os maiores nomes da arte da pintura, sejam são-paulinos?

O tempo passa, as coisas mudam. Mas os maiores e melhores sempre têm uma coisa em comum: a paixão pelo vermelho, preto e branco do nosso glorioso pavilhão.

Festa na Avenida Paulista: o São Paulo é campeão!



E é para todos nós, são-paulinos de carteirinha, que o LANCE! preparou essa magnífica coletânea com os dez maiores jogadores e títulos da história do Tricolor do Morumbi.

Dez que também é o número da perfeição. E o motivo é óbvio: foi e sempre será o número da camisa do Rei Raí!

É claro que resumir tantos anos de glórias e craques em dez itens é sempre uma coisa muito complicada e polêmica. Injustiças podem ser cometidas. Na minha opinião, o ideal seria publicar não apenas uma edição de dez,

mas dez edições com os dez maiores títulos e jogadores tricolores. E ainda faltaria muita coisa! O São Paulo é mais do que perfeito.

Fico até pensando nas revistas dos outros clubes. Como vai ter gente querendo comprar, o LANCE! vai ter que publicá-las. Não tem problema... pelo menos vão economizar papel.

Boa leitura! E aproveitem o melhor: a história do clube que, dentre os grandes, é o primeiro!

PEDRO HENRIQUE BUENO DE TOLEDO, BICAMPEÃO MUNDIAL

A PERFEIÇÃO
é uma virtude para
poucos, para
ELEITOS, para
predestinados.

Para
SÃO-PAULINOS



A torcida tricolor faz a festa nas vitórias do time



O IMPÉRIO D

Raí, Müller, Zetti, Palhinha, Cerezo, Leonardo, Cafu... será que era um time de contos de fada? Será que todas aquelas jogadas, gols e vitórias foram obra de uma alucinação coletiva?

Todo torcedor tem o seu lado pescador. Aquele lado que parece ser viciado em inventar e aumentar histórias. Mas o que a equipe montada por Telê Santana fez, primeiro na América do Sul, depois em Tóquio, no Japão, não foi sonho. Aconteceu.

Que o digam os jogadores do Barcelona (ESP), em 1992, e os do Milan (ITA), em 93. Aliás, que o digam os torcedores japoneses, testemunhas oculares das vitórias são-paulinas.

O São Paulo fez história no Oriente. Arigatô!

Com um time
fantástico, o
SÃO PAULO
conquista o
bicampeonato
mundial interclubes no
JAPÃO

Festa em
Tóquio: Zetti e
Ronaldão
beijam a taça do
bicampeonato
mundial



O ORIENTE

AGÊNCIA ESTADO





Cafu organiza a volta olímpica com a bandeira tricolor nas mãos

GOL SEM QUERER VALE O MUNDO

Com um santo calcanhar, Müller marca, contra o Milan, o gol da maior façanha da história do São Paulo: o bicampeonato mundial interclubes

Palhinha marcou primeiro para o São Paulo; o Milan, com Massaro, empatou. Toninho Cerezo recolocou o Tricolor na frente; o Milan, com Papin, igualou mais uma vez.

A tônica do jogo foi essa. Os brasileiros marcava um gol, os italianos corriam e empatavam.

Tamanho equilíbrio, porém, teria que ser quebrado.

Quando já eram jogados 40 minutos do segundo tempo, Müller recebe um lançamento do meia Cerezo, mas não consegue chegar a tempo.

Tanto os torcedores no Brasil, quanto os são-paulinos que estavam presentes no estádio, em Tóquio, calculam:

— Essa é do goleiro.

O torcedor, no fundo, já parecia prever que a decisão iria para a prorrogação.

A partida estava dura, truncada, até um pouco feia, e, um gol, ali, seria muito difícil de acontecer.

Mas se o futebol fosse um esporte totalmente previsível não despertaria tanta paixão pelo mundo afora. Isso parece

evidente.

Tão evidente quanto foi a sorte de Müller. Sorte? Sim, sorte. Mas não é qualquer sorte - trata-se de uma especial, que acompanha todo jogador com capacidade de decidir uma partida. Müller tinha essa sorte.

Pois bem, voltemos ao lance da partida. O lançamento de Cerezo sai longo, mais para o goleiro Rossi do que para Müller. Mas ele não desiste da jogada e corre em direção à bola.

O que seria uma defesa tranqüila de Rossi torna-se uma grande trapalhada: ele abaixa, faz o movimento de que vai pegar a bola, mas deixa escapá-la.

Na sequência, Müller pula para escapar do choque com o goleiro e acaba encostando, de calcanhar, na bola, que entra vagorosamente no gol italiano.

Gol de sorte? Sim, mas sorte daquele tipo que somente as estrelas, como Müller, têm.

E a comemoração de Müller, desafiando o zagueiro Costacurta? Nossa, inesquecível!

O São Paulo era bicampeão mundial!

DÉCADA DE 30

1930: O São Paulo Futebol Clube é fundado pela primeira vez, no dia 26 de janeiro, por ex-jogadores do Clube Atlético Paulistano, uma das melhores equipes do futebol paulista.



A estreia é contra o Ypiranga e o time vence por 3 a 1, o primeiro gol é de Formiga. A camisa é inspirada na do Paulistano e na da Associação Atlética das Palmeiras (foto).



Müller, autor do gol salvador de calcanhar na decisão de 1993, disputa jogada com Donadoni: o São Paulo chega ao bicampeonato mundial

3 SÃO PAULO

2 MILAN

Estádio: Nacional (Tóquio) Data: 12/12/1993 Público: 60.000 pagantes

São Paulo: Zetti; Cafu, Válber, Ronaldão e André; Doriva, Dinho, Toninho Cerezo e Leonardo; Müller e Palhinha (Juninho)
Técnico: Telê Santana

Milan: Rossi; Panucci, Costacurta, Baresi e Maldini; Albertini (Orlando), Dasailly, Donadoni e Massaro; Papin e Radouciou (Tassoti)
Técnico: Fabio Capello

Gols: Palhinha 19' / 1ºT, Massaro 3' / 2ºT, Toninho Cerezo 14' / 2ºT, Papin 36' / 2ºT e Müller 41' / 2ºT

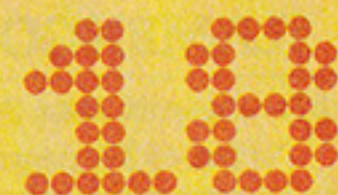
Juiz: Joel Quiniou (FRA)



Leonardo tenta roubar a bola de Costacurta: equilíbrio em Tóquio

AGÊNCIA ESTADO

NÚMERO



TÍTULOS

conquistou o São Paulo, de 90 e 94, entre torneios oficiais e não-oficiais.

STRIKE

TRICOLOR. O clube fatura o bicampeonato mundial, em 93, e entra para a história como um dos melhores times do país.



DÉCADA DE 30

1931: O São Paulo da Floresta (pois jogava na região da Floresta) é o vice-campeão paulista (foto) e tem o vice-artilheiro do campeonato: Friedenreich (26 gols).

1932: O São Paulo é vice-campeão paulista. Por causa da Revolução Constitucionalista, o campeonato só tem um turno e o time fica atrás do Palestra Itália, campeão invicto.



1933-34: Como no ano anterior, o time é vice. A diretoria resolve comprar uma luxuosa sede, mas fica sem ter como pagar. Por causa da fabulosa dívida, o time acaba extinto.

ANTES DO BI, MAIS UM TÍTULO

Enquanto o São Paulo prepara-se para disputar a final do Mundial Interclubes fatura a Supercopa

As vésperas de viajar para Tóquio em busca do bicampeonato mundial interclubes, em 1993, o São Paulo faturou a Supercopa. O torneio, substituído pela Mercosul em 98, reunia os campeões da Libertadores da América.

O primeiro jogo da campanha do título inédito foi contra o Independiente, no Morumbi. Vitória do São Paulo, por 2 a 0 (Moas contra e Valdeir). No jogo seguinte, empatou e garantiu a classificação.

Na sequência, a equipe do Morumbi não teve dificuldades para eliminar o Grêmio e o Nacional (COL), antes de chegar à decisão, contra o Flamengo.

O time carioca queria des-

contar a derrota para o São Paulo nas quartas-de-final da Libertadores daquele ano. No primeiro jogo, a empolgação dos flamenguistas foi contida pelo bom esquema armado por Telê. O técnico anulou as principais armas do adversário – Renato Gaúcho e Casagrande – e explorou os contra-ataques. Resultado: 2 a 2.

Na volta, o Flamengo usou as mesmas armas do São Paulo e o resultado acabou sendo o mesmo da primeira partida, 2 a 2.

Na decisão por pênaltis, todos marcaram pelo São Paulo. O flamenguista Marcelinho chutou na trave, entregando a taça nas mãos do Tricolor.

2 SÃO PAULO

2 FLAMENGO

Estádio: Morumbi Data: 24/11/1993

Público: 65.335 pagantes

São Paulo: Zetti, Cafu, Valber, Ronaldo e André; Doriva, Dinho, Toninho Cerezo (Juninho) e Leonardo; Palhinha (Guilherme) e Müller
Técnico: Telê Santana

Flamengo: Gilmar, Charles, Gélson, Rogério e Marcos Adriano; Fabinho, Marquinhos, Nêlio e Marcelinho; Renato Gaúcho (Éder Lopes) e Casagrande (Magno). **Técnico:** Júnior

Gols: Renato Gaúcho 9'/1 °T, Leonardo 16'/2 °T, Juninho 34'/2 °T e Marquinhos 37'/2 °T **Pênaltis:** São Paulo 5 (Dinho, Leonardo, Cafu, André e Müller) Flamengo 3 (Rogério, Marquinhos e Gélson)

Juiz: Márcio Rezende de Freitas

NÚMERO



JOGOS

disputou o São Paulo para conquistar a inédita Supercopa de 1993.

MALAS PRONTAS

RUMO AO BI.

O São Paulo disputou o torneio sul-americano pensando na final do Mundial Interclubes, contra o Milan.



O meia Leonardo, autor de um dos gols da decisão, foi peça decisiva

DÉCADA DE 30

1935: Após uma frustrada tentativa de fusão com o Clube Tietê, os associados do antigo São Paulo resolvem fundar o Clube Atlético São Paulo. Em 16 de dezembro, acontece a

reunião que definiria o futuro do time. O nome escolhido é São Paulo Futebol Clube e as cores são vermelho, preto e branco, como o antigo São Paulo da Floresta.

1934



1936-1937: Duas campanhas modestas no Campeonato Paulista. No primeiro ano, o time fica na nona colocação. No ano seguinte, em sétimo. Começo difícil.

A SUPERAÇÃO DO DONO DO GOL TRICOLOR

Há um consenso entre jogadores e torcedores: se não fosse o goleiro Zetti, o São Paulo não seria o supercampeão que foi no início dos anos 90

Zetti chegou ao São Paulo em 1990, vindo do Palmeiras em uma fase ruim. Ele havia sofrido uma fratura perna direita em 89, em um jogo contra o Flamengo, no Maracanã, que o afastou dos gramados por quase um ano.

Com a estrutura encontrada no novo clube, pôde se preparar melhor. Nos treinamentos, ga-

Zetti preferia posicionar-se bem a realizar defesas espalhafatosas

nhou a posição do então titular Gilmar e não saiu mais do time.

Goleiro do estilo que prefere se posicionar bem a realizar defesas espalhafatosas, Zetti tinha a confiança de seus zagueiros, e, mais do que isso, passava muita segurança aos companheiros.

Nas Libertadores de 92 e 93, viveu dois momentos especiais. Primeiro foi na decisão de 92, quando defendeu o pênalti decisivo, batido por Gamboa, do

QUEM É ELE

ZETTI
Goleiro

Nome: Armelino Donizetti Quagliato

Nascimento: 10/1/1965

Local: Porto Feliz (SP)

Principais títulos: Brasileiro (91), Paulista (91 e 92), Mundial e Libertadores (92 e 93)

Newell's Old Boys.

— Eu senti que ele ia bater no meu canto esquerdo e defendi — disse o goleiro mais tarde.

O outro momento foi na decisão do ano seguinte, contra o Universidad Católica, no Morumbi. O jogo já estava 5 a 0, e Zetti, mostrando que estava em ótima fase, defendeu quatro chutes consecutivos dos atacantes chilenos. No último, ainda encaixou a bola em seu corpo.

— Foi a maior sequência de defesas da minha carreira.

Para o ex-goleiro, sua autoconfiança e a ajuda do preparador Valdir de Moraes foram fundamentais para ele se tornar um dos melhores goleiros da história do São Paulo.



Contratado do Palmeiras em 1990, Zetti ficou seis anos no São Paulo

BATE BOLA COM ZETTI

■ O ex-goleiro Zetti, um dos heróis da conquista do bicampeonato mundial, relembra as suas alegrias no São Paulo.

1 Qual sua maior lembrança da época do Tricolor?

Foi uma época muito boa. A conquista do bi mundial marcou bastante, tanto que fui convocado para a Copa dos EUA. Estou muito feliz em voltar ao São Paulo para ser treinador (na categoria de juniores).

2 Como você estava na hora da decisão por pênaltis na Libertadores de 92?

Tranquilo. O Valdir de Moraes tinha me avisado sobre o canto que eles batiam e o Alexandre, o goleiro reserva, gesticulava para mim passando o canto que cada um costumava chutar. Mas na última cobrança, do Gamboa, senti que ele ia bater no meu canto esquerdo. Deu certo.

3 Como foi trabalhar com Valdir de Moraes?

Eu costumo dizer que a melhor fase da minha vida de jogador foi comandada pelo Valdir. Com ele, cheguei a ser apontado como o quinto melhor goleiro do mundo, em 93.

DÉCADA DE 30

1938: Uma fusão com o Estudante Paulista (ex-Antarctica F.C.) reforça o time e dá ao clube o bom campo da Companhia Antarctica. Assim, a equipe chega ao vice paulista após

uma conturbada final contra o Corinthians, em que o atacante Carlito, do Timão, teria marcado um gol com a mão.

1939: O Tricolor termina o Campeonato Paulista na quin-



ta colocação.

1940: Com a inauguração do Pacaembu (foto), o São Paulo deixa o campo da Moóca e passa a mandar seus jogos no estádio municipal.



O MUNDO INTEIRO É TRICOLOR

Com dois gols do craque Raí, São Paulo vence o Barcelona por 2 a 1 e conquista o Mundial Interclubes de 1992, em Tóquio, no Japão

O São Paulo chegou a Tóquio para a decisão do Mundial Interclubes, em 1992, confiante. Embora a imprensa japonesa e europeia apontassem o Barcelona como favorito, o time de Telê Santana estava preparado.

Em excursão à Europa no meio do ano, o Tricolor tinha vencido os torneios Teresa Herre-

na e Ramón de Caranza, arrasando Real Madrid (4 a 0) e o próprio Barça (4 a 1).

Na decisão mundial, o São Paulo, que também disputava a final do Paulista, estava afinado.

O jogo começou quente e o Barcelona, melhor. Foi assim que o atacante Stoitchkov inaugurou o placar com um golaço, sem chances para Zetti.

2 SÃO PAULO

1 BARCELONA

Estádio: Nacional (Tóquio) Data: 13/12/1992 Público: 60.000 pagantes

São Paulo: Zetti; Vítor, Adilson, Ronaldão e Ronaldo Luís; Pintado, Toninho Cerezo (Dinho), Raí e Cafu; Müller e Palhinha
Técnico: Telê Santana

Barcelona: Zubizarreta; Koeman, Ferrer e Bakero (Goicoechea); Amor, Eusébio, Guardiola, Beguiristain (Nadal) e Witschge; Stoitchkov e Michael Laudrup. Técnico: Johann Cruyff

Gols: Stoitchkov 12'/1ºT e Raí 27'/1ºT e 34'/2ºT

Juiz: Juan Carlos Lostau (ARG)

O Barcelona é apontado como favorito, mas o São Paulo é campeão

O São Paulo passou a tocar a bola em busca do empate. Ele veio ainda no primeiro tempo. Em uma jogada espetacular de Müller pela esquerda, Raí desviou de barriga e fez 1 a 1.

Na etapa final, o Tricolor voltou melhor. Aos 34 minutos, Raí bateu uma falta e colocou no ângulo direito do gol de Zubizarreta: 2 a 1. Era tarde demais para uma reação do time espanhol.

São Paulo campeão mundial!



Jogadores e comissão técnica do São Paulo festejam o título mundial

DÉCADA DE 40

1941: O atacante Paulo, do São Paulo, acusa o diretor do Palestra, Higino Pellegrini, de tentar suborná-lo na decisão do Paulista. Nada fica provado e o São Paulo ainda perde.



1942: O São Paulo compra o Estádio do Canindé. O clube contrata o atacante Leônidas da Silva (foto), do Flamengo, por 200 contos de reis. Pouco dinheiro para muito futebol.

UMA JOGADA DE MESTRE

Telê Santana usa as armas do adversário, o toque-de-bola, e leva a melhor contra Cruyff

Durante seis meses, o técnico do Barcelona, Johann Cruyff, ex-jogador da seleção holandesa, anunciou que sua equipe iria ser campeã mundial.

Já Telê, mantendo o estilo mineiro de ser, ficou calado e preferiu apenas treinar seu elenco. Antes do confronto final, as duas equipes se encontraram no Torneio Teresa Herrera, na Espanha. Resultado: 4 a 1 para o Tricolor.

Nem isso fez o técnico holandês mudar o discurso. Melhor para o time do Morumbi. Concentrados em busca do título inédito, há tempos sonhado pelo clu-

tem as principais armas do Barcelona, Laudrup e Stoitchkov. Por outro lado, o time espanhol apenas manteve seu modo de jogar.

O esquema tático montado pelo técnico Telê prevalece na final

be, os brasileiros continuaram estudando o adversário.

Quando chegou o dia da decisão, o que se viu foi um São Paulo aplicado e que conhecia

Dentro de campo, os esquemas montados pelos treinadores eram um show à parte. O Barcelona jogava com um 3-6-1, que se modificava conforme a situação. Já o São Paulo, mantendo o 4-4-2, procurou usar a arma do adversário, o toque de bola.

Os brasileiros erraram poucos passes e fecharam todos espaços do campo. Com isso, o talento individual dos são-paulinos prevaleceu. Telê deixou Müller pelo lado esquerdo e Raí livre para criar as jogadas. Isso confundiu os zagueiros espanhóis, que permitiram a virada do Tricolor e não tiveram forças para reagir.

AGÊNCIA ESTADO



O meia Raí, do São Paulo, domina a bola e escapa do zagueiro Koeman, do Barcelona: virada em Tóquio

FRASE

CAFU
Ex-lateral do São Paulo

“O técnico deles disse que a nossa vitória de 4 a 1, no Teresa Herrera, foi um acidente. Então o acidente aconteceu duas vezes”

NÚMERO



TÍTULOS.

conquistou Telê Santana pelo São Paulo, entre 90 e 95.

CONTINÊNCIA

MESTRE TELÊ. O treinador do Barcelona, Johan Cruyff, teve de se curvar à genialidade do técnico são-paulino, Telê Santana.



DÉCADA DE 40

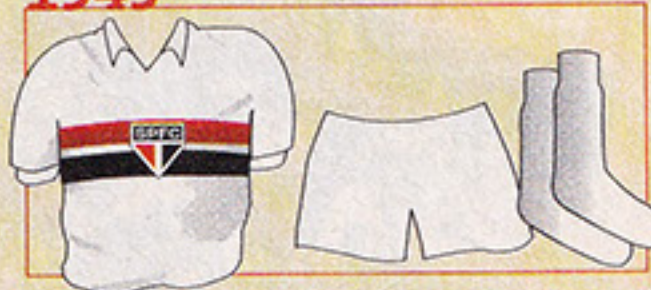
1943: A moeda cai em pé. O São Paulo não dá bola para o favoritismo de Corinthians e Palmeiras e fatura o Paulistão.

1944: Luizinho, com 22 gols, e Pardal, com 18, são os artilheiros

do Paulistão. Mas o time é vice paulista.

1945: Com goleadas históricas, como os 12 a 1 sobre o Jabquara, o Tricolor conquista mais um Campeonato Paulis-

1945



ta. Esse é o único título paulista invicto da história do clube (foto).

1946: Bicampeão. O gol do título, contra o Palmeiras, é feito pelo zagueiro Renganeschi.



NA FINAL EM TÓQUIO, O SÃO PAULO É BRÁSIL

Em 1992, o Tricolor consegue apoio até de torcedores das equipes rivais

Há tempos um clube brasileiro não conseguia chegar tão perto de conquistar o título mundial interclubes. O último que atingira tal feito fora o Grêmio, que chegou e ganhou em 1983.

Com a conquista da Libertadores, em 92, os são-paulinos não se continham. Acreditavam que poderiam atingir o degrau mais alto do futebol. Vários torcedores, empolgados com a possibilidade do título,

foram até o Japão para torcer de perto.

Em São Paulo, bares e casas noturnas alugaram telões para atrair o público. A frase geral era: "Hoje, o São Paulo é Brasil". Assim, torcedores de outros clubes, menos fanáticos, até assumiram que estavam torcendo pelo Tricolor contra o Barcelona.

Nas residências, os são-paulinos foram dormir mais tarde naquele dia, pois o jogo foi realiza-

do por volta de uma da manhã.

Depois de muita torcida, sofrimento e ansiedade, os são-paulinos puderam comemorar a vitória de 2 a 1. Em Tóquio, teve até invasão de campo, algo inédito desde que os confrontos entre sul-americanos e europeus começaram a ser disputados na capital japonesa, em 80.

Por aqui, a Avenida Paulista tornou-se pequena para tanta comemoração tricolor.

ASTRASES

ZETTI
Ex-goleiro do São Paulo

"O time deles era forte, mas nós nos superamos e vencemos"

Reconhecendo o esforço de seus companheiros contra o Barcelona

TELÊ SANTANA
Ex-técnico do São Paulo

"Nós temos amor um pelo outro. Eu confio em vocês"

Incentivando seus jogadores na saída do túnel, antes do jogo contra o Barcelona



Palhinha é cercado de jogadores do Barcelona por todos os lados



Cafu disputa a bola com o holandês Witschge, do Barcelona

DÉCADA DE 40

1947: Quarto colocado no Campeonato Paulista.

1948: Novamente campeão, dessa vez sob o comando do técnico Vicente Feola.

1949: Bicampeão. O destaque



é Friaça (foto), artilheiro com 24 gols. Leônidas (foto) ganha o último título pelo clube.

1950: Ano de perdas. Leônidas deixa os gramados e o time não consegue ser tri.



Conversa decisiva

■ O jogo estava empatado. Um gol para o São Paulo e outro para o Barcelona, e faltavam menos de dez minutos para acabar a partida. Então, Palhinha sofre falta a um passo da meia-lua da área do adversário. Raí se posiciona, Cafu chega perto dele e pergunta:

— O que você vai fazer?

O craque são-paulino responde com firmeza:

— Pare a bola que eu vou colocar no canto do goleiro.

Dito e feito. O goleiro Zubizarreta não teve chances de defesa.



Raí passeia pelo gramado do Estádio Nacional, de Tóquio: o craque faz dois gols e despacha o Barcelona

COM A PALAVRA

Ilone Vilas Boas

Editora da Série Grandes Clubes

Senna escreve-se com 's', de são-paulino

No dia 13 de dezembro de 1992, fui com um grupo de amigos a uma danceteria, em Campinas. A atração daquela noite era a final do Mundial Interclubes, em Tóquio, entre São Paulo e Barcelona.

Estávamos prontos para assistir ao jogo, que seria exibido em um telão, quando surge o tricampeão mundial de Fórmula 1 Ayrton Senna.

Jornalista recém-formada e fã fervorosa de Senna, fui logo tentando de fazer uma entrevista. Fiz as perguntas básicas de Fór-

mula 1, sobre aquela indecisão quanto a seu futuro - estava sem contrato com a McLaren e ameaçava nem correr mais - e depois, claro, falamos sobre a final do Mundial. Senna, todos sabem, sempre foi corintiano. Mas, naquela noite, manteve o estilo politicamente correto.

Contagiado pela atmosfera do local e pelo clima de "São Paulo é Brasil", Senna, pelo menos por um dia, foi são-paulino. Fez fé, incentivou, comemorou, vibrou com os gols, enfim, parecia um verdadeiro Tricolor desde crian-



cinha - só faltou tirar do bolso uma carteirinha de sócio-torcedor do clube. No final, mal conseguia disfarçar o largo sorriso com o título são-paulino.

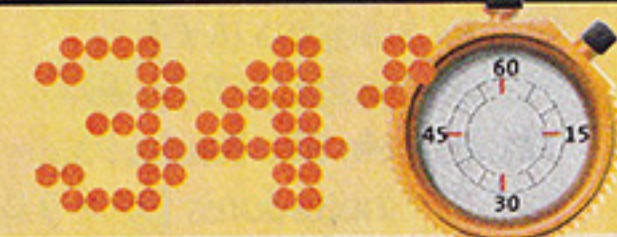
Despedi-me dele e, depois, percebi uma grande coincidência: tanto o São Paulo como ele, Senna, haviam conseguido suas maiores façanhas no esporte lá do outro lado do mundo, no Japão (Senna havia conquistado o tri da Fórmula 1 em Suzuka, em 91). Coincidências do esporte.

NA MOSCA

RAÍ. O meia cobra falta com perfeição no ângulo direito de Zubizarreta e faz 2 a 1 para o Tricolor. Melhor do que havia prometido.



MINUTO-CHAVE



DO SEGUNDO TEMPO

Raí bate falta e decide o jogo para o São Paulo, que conquistou o título mundial em cima do Barcelona.

DÉCADA DE 50

1951: Por causa de brigas entre os jogadores e o agora técnico Leônidas da Silva (foto), o São Paulo chega a ser goleado por 4 a 0 pelo Corinthians.

1952: Vice-campeão paulista.



O título fica com o Corinthians. É criada uma comissão pró-estádio e o clube começa a sonhar com a construção do Morumbi.

1953: Além de ser mais uma

vez campeão paulista, o time ainda fatura a Taça dos Campeões, numa disputa com o Flamengo, campeão carioca. Começa a construção do estádio do Morumbi.

A APOSTA CERTEIRA DE TELÊ

Palhinha chega do América-MG como desconhecido e em dois anos torna-se estrela do São Paulo

O meia Palhinha foi um dos principais jogadores na primeira campanha vitoriosa do São Paulo na Copa Libertadores, em 1992.

Palhinha chegou ao clube do Morumbi poucos meses antes do início da competição. Desconhecido da imprensa e da torcida, era uma aposta do técnico Telê Santana. Uma aposta que não tardou a mostrar resultados.

Após uma estréia desastrosa – derrota por 3 a 0 para o Criciúma –, o São Paulo viajou à Bolívia para a disputa de dois jogos.

E, diante do San Jose, logo na primeira partida, Palhinha marcou os três gols da vitória que reabilitou o Tricolor no torneio.

Nas quartas-de-final, contra o Criciúma, o meia novamente foi fundamental, ao marcar o gol da classificação no segundo jogo.

Ao fim da vitoriosa campanha tricolor, Palhinha foi o arti-

lheiro da competição, com sete gols.

Na Libertadores seguinte, Palhinha novamente foi presença certa no time titular, porém, atuando mais à frente, praticamente como um atacante.

Marcou apenas um gol na campanha vitoriosa, mas participou como titular das oito partidas do São Paulo na competição.

O toque final do jogador nas campanhas que tornaram o São Paulo o maior time do planeta veio na decisão do Mundial Interclubes de 93, contra os todos-poderosos italianos do Milan.

As duas equipes disputavam uma partida equilibrada em Tóquio, no primeiro tempo, até surgir o oportunismo de Palhinha. Ele aproveitou um cruzamento da direita de Cafu e, vindo de trás, tocou de primeira para abrir o placar na vitória por 3 a 2.



Palhinha foi o artilheiro da Libertadores de 1992 com sete gols

QUEM É ELE?

PALHINHA

Meia

Nome: Jorge Ferreira da Silva

Nascimento: 14/12/1967

Local: Carangola (MG)

No São Paulo: De 92 a 95

Títulos pelo São Paulo: Paulista (92), Libertadores (92 e 93), Mundial Interclubes (92 e 93), Recopa Sul-Americana (92 e 93) e Supercopa (93)

Outros clubes: América-MG (87 a 91 e 99 e 2000), Cruzeiro

(96 e 97), Mallorca (97), Flamengo (98), Grêmio (98), Sporting Cristal (2000), Botafogo-SP (2000) e Gama (2001)

Outros títulos: Copa do Brasil (96), Mineiro (96 e 97) e Libertadores (97) pelo Cruzeiro, Sul-Minas (2000) pelo América

Na Seleção: 92 e 93

Jogos: 16

Gols: 5

BATE BOLA COM PALHINHA

■ O meia Palhinha, artilheiro da Libertadores de 92, com sete gols, fala dos tempos do super-time do São Paulo.

1 O que significou para você fazer parte do elenco são-paulino bicampeão da Libertadores e do Mundial?

Foi muito importante para a minha carreira jogar pelo São Paulo. Ainda mais que, logo que cheguei, em 92, fui campeão da

Libertadores e ainda o artilheiro. Foi o auge da minha carreira.

2 Como foi sair do ataque e ir jogar no meio-de-campo no lugar do Raí?

O time jogava em função do Raí, mas com a saída dele creio que consegui cumprir bem o papel. Não pesou para mim. A qualidade técnica do grupo era muito grande e a adaptação foi rápida.

DÉCADA DE 50

1954-1955: Nos dois anos, o time termina o Campeonato Paulista em terceiro lugar.

1956: A diretoria vende o estádio do Canindé para a Portuguesa e encerra mais um capítulo na história do clube.



tulo na história do clube.

1957: Zizinho é contratado e vira estrela. Ao lado do técnico húngaro Bela Gutman, que dirigiu o Honved de Puskas, o time conquista o Paulistão.



AGÊNCIA JB



Pelo São Paulo, Cafu jogou de 1989 a 94 e ganhou sete títulos

CAFU, O CURINGA TRICOLOR

Seja como lateral-direito em 1992, ou como meio-campista no ano seguinte, Cafu sempre mostrou muita técnica no São Paulo

Maior lateral-direito da história do São Paulo, Marcos Evangelista de Moraes, o Cafu, esteve presente nas maiores conquistas do clube paulista, o bicampeonato da Libertadores e do Mundial Interclubes, nos anos de 1992 e 93.

Na primeira temporada, Cafu foi titular em 13 das 14 partidas da campanha vitoriosa. Não marcou nenhuma vez, mas fez o cruzamento para muitos gols dos meias e atacantes tricolores.

Foi nessa época que o jogador se firmou também como um dos maiores laterais-direitos do futebol brasileiro, o que o levou a ser convocado para defender a Seleção na Copa de 94. Desde então, ele é titular absoluto da posição.

Na campanha do segundo título na Libertadores, Cafu já desempenhava outro papel, até de maior importância. Deslocado pelo mestre Telê Santana para o meio-campo, o jogador mostrou que tinha habilidade suficiente para fazer companhia a Raí.

Com movimentações constantes, muita velocidade, e um

QUEM É ELE

CAFU
Lateral-direito e meia

Nome: Marcos Evangelista de Moraes

Nascimento: 19/6/1970

Local: São Paulo (SP)

No São Paulo: De 89 a 94

Títulos pelo São Paulo: Campeonato Paulista (89, 91 e 92), Brasileirão (91), Copa Libertadores (92 e 93), Mundial Interclubes (92 e 93), Recopa (92 e 93) e Supercopa (93)

bom toque de bola, Cafu não fez feio e provou que também poderia contribuir com muitos gols.

Na partida de volta das oitavas-de-final, contra o Newell's Old Boys, em São Paulo, Cafu marcou o quarto gol na goleada por 4 a 0. E repetiu a dose contra o Flamengo, nas quartas-de-final, ao marcar o segundo gol na partida de volta, vitória por 2 a 0.

Na decisão do Mundial Interclubes, diante do Milan, o lateral foi o responsável pelo cruzamento para Palhinha marcar o primeiro gol da vitória tricolor.

BATE BOLA COM CAFU

■ O lateral Cafu, um dos heróis da era de ouro do Tricolor, fala sobre o time bicampeão mundial e da Libertadores.

1 O que significou para sua carreira jogar naquele time do São Paulo?

Foi uma das melhores fases da minha carreira, as outras foram na Copa de 94 e agora na Roma.

2 O Telê o escalava na lateral e no meio-campo. Como era essa adaptação?

Normal. O que importava para mim era jogar. Eu estava sempre disposto a atender o que o Telê me pedia, não importava a posição que ele me colocava.

3 Para você, quando foi o auge daquele time que conquistou quase tudo?

Foi na Libertadores de 93. Nós confiávamos muito um no outro. O time estava entrosado, uma hora ou outra iríamos marcar.

DÉCADA DE 50

1958: O presidente Cícero Pompeu de Toledo deixa o cargo por problemas de saúde. Para homenageá-lo, a direção do clube decide colocar seu nome no novo estádio, ainda



em obras (foto).

1959: Com um time irregular, o São Paulo termina o Paulistão em terceiro e o Rio-São Paulo em quinto lugar.

1960: É inaugurada uma par-

te do estádio do Morumbi. A primeira partida, contra o Sporting de Portugal, termina em 1 a 0 para o Tricolor, gol do atacante Peixinho. O sonho vai se concretizando.

UMA ORQUESTRA AFINADA

São Paulo conquista o bicampeonato do torneio sul-americano com um time para lá de entrosado

AGÊNCIA ESTADO

O São Paulo de 1993 estava tão entrosado que mais parecia uma orquestra. Afinadíssimo. O Tricolor do Morumbi, regido pela batuta do maestro Telê Santana, chegou à decisão da Libertadores, pela segunda vez consecutiva e terceira na história, como favorito. Enfrentou o Universidad Católica, do Chile, um time técnico e de passes precisos.

O São Paulo, que entrou na segunda fase do torneio sul-americano, passou por Newell's Old Boys (ARG), Flamengo e Cerro Porteño (PAR).

O primeiro espetáculo foi apresentado no Brasil. O segundo, lá no Chile.

Acostumado a grandes partidas, o atual campeão mundial entrou em campo mais à vontade que o adversário. Mesmo assim, só conseguiu marcar aos 30 minutos de jogo, com gol contra de Lopes. Dez minutos depois, viria o segundo, com Vitor. Na volta do segundo tempo, a porteira se abriu de vez. O zagueiro Gilmar entrou driblando na área e marcou o terceiro. Em uma tabela de Cafu com Palhinha, Raí completou de peito. Para finalizar, Müller selou a goleada. O Universidad Católica descontou com Almada, de pênalti.

Na segunda partida, lá no Chile, o São Paulo poderia perder por até três gols de diferença. Perdeu de dois. Mas garantiu o bicampeonato da Libertadores.

Merecidamente.



Cafu era o curinga do técnico Telê Santana na conquista da Libertadores: lateral, volante, atacante...

5	SÃO PAULO
1	U. CATÓLICA
Estádio: Morumbi Data: 19/5/1993 Público: 94.629 pagantes	
São Paulo: Zetti; Vitor (Catê), Válber, Gilmar e Ronaldo Luís (André Luiz); Pintado, Dinho, Raí e Palhinha; Cafu e Müller Técnico: Telê Santana	
Universidad Católica: Wirth; Romero, Vásquez, Lopez (Barrera) e Contreras; Parraguez, Lepe, Lunari e Tupper; Almada e Perez (Reinoso) Técnico: Ignacio Prieto	
Gols: Lopez (contra) 30'/1ºT, Vitor 40'/1ºT, Gilmar 9'/2ºT, Raí 15'/2ºT, Müller 20'/2ºT e Almada 40'/2ºT	
Cartões Amarelos: André Luiz, Pintado, Lunari e Almada	
Juiz: José Joaquim Torres (COL)	

FRASES

IGNACIO PRIETO
Ex-técnico do U. Católica

"O São Paulo é um time de mestres! Uma equipe iluminada"

ZETTI
Ex-goleiro do São Paulo

"Os jogadores confiavam uns nos outros. Isso contribuiu muito"

CAFU
Ex-lateral do São Paulo

"Em 93, foi o auge. Nos entendíamos muito bem dentro de campo"

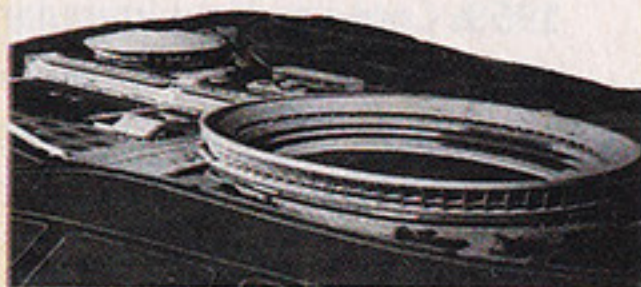
PINTADO
Ex-volante do São Paulo

"Foi muito emocionante. Um grupo unido que merceu o título"

DÉCADA DE 60

1961: Praticamente todo o dinheiro do clube é investido no Morumbi (foto) e o time vai mal nas competições.

1962: O São Paulo é vice-campeão do Rio São-Paulo.



1963: Entre tantos fracassos, o São Paulo goleia o Santos de Pelé por 4 a 1 no dia 15 de agosto. A partida termina no meio do segundo tempo porque três jogadores santistas

(Aparecido, Pepe e Dorval) alegam contusões e deixam o campo. Pelé e Coutinho haviam sido expulsos. Assim, não havia número suficiente (sete) para o jogo prosseguir.



O atacante Müller deixa a defesa do Universidad Católica, do Chile, incluindo o goleiro Wirth, em pânico: figura importante no bi

Um susto logo no início. E só

■ Para o segundo jogo da decisão da Libertadores de 1993, em Santiago, no Chile, os jogadores são-paulinos chegaram concentrados. Eles sabiam que seria difícil o Universidad Católica reverter a vantagem de quatro gols que o São Paulo tinha conquistado no primeiro jogo.

Nem a torcida chilena acreditava em uma reviravolta de seu time. Tanto que o público no estádio foi de pouco mais de 10 mil pessoas.

Os jogadores do Universidad até que tentaram. Em um sur-

preendente início de jogo, os chilenos conseguiram marcar dois gols em 20 minutos. Mas foi só. Os gols foram de Lunari e Almada, de pênalti.

Aos poucos, o São Paulo foi se encontrando e não permitiu que o adversário chegasse com perigo. O toque de bola e a marcação foram as armas tricolores para segurar o adversário.

No segundo tempo, o time brasileiro até criou algumas oportunidades, mas não marcou. Mesmo assim, garantiu o bicampeonato da Libertadores.

2 U. CATÓLICA

0 SÃO PAULO

Estádio: Nacional (CHI) Data: 26/5/1993

Público: 39.208 pagantes

Universidad Católica: Wirth; Romero, Sergio Vásquez, Contreras (Cardozo); Parraguez, Lepe, Luis Pérez, Tupper (Reinoso); Barrera, Lunari e Almada **Técnico:** Ignacio Prieto

São Paulo: Zetti; Vítor (Cerezo), Válber, Gilmar, Marcos Adriano; Dinho, Pintado, Cafu e Raí; Palhinha e Müller **Técnico:** Telê Santana

Gols: Lunari 9'/1ºT e Almada 15'/1ºT

Juiz: Juan Escobar (PAR)

BÚSSOLA

SÃO PAULO.

Nada tirava o São Paulo de seu caminho. Nenhum adversário resistiu à força tricolor.



NÚMERO



GOLS

marcou o São Paulo na primeira final da Libertadores 93. Um recorde em decisões.

DÉCADA DE 60

1964: Vergonha no Torneio Rio-São Paulo. O time faz péssima campanha e termina na décima - e última - posição.

1965: O Palmeiras goleia o São Paulo por 5 a 0 e o Tricolor



dá adeus às chances de conquistar o Torneio Rio-São Paulo. Apesar do resultado, o time termina em segundo lugar. No Paulistão, chega em quinto, ao lado do Comercial.

1966: Mais duas campanhas que deixam muito a desejar, tanto no Rio-São Paulo quanto no Campeonato Paulista. Nas duas competições, o time termina na quinta colocação.



Raí se esforça para sair da marcação do jogador do Universidad Católica na final da Libertadores: craque foi um dos destaques tricolores.

CAMINHO TRANQUÍLO EM 93

O São Paulo estréia na segunda fase e não encontra dificuldades para passar pelos adversários

Por ser o atual campeão da Libertadores, o São Paulo entrou direto na segunda fase do torneio sul-americano, em 1993.

Assim, enquanto as outras equipes já se enfrentavam, o time de Telê treinava e estudava os seus futuros adversários.

Na estréia, pelas oitavas-de-final, o Tricolor enfrentou justamente o time com o qual havia disputado a final de 92, o Newell's Old Boys. Os argentinos venceram a primeira partida por 2 a 0. Mas, na segunda, em casa, o time do Morumbi atropelou os rivais com uma goleada por 4 a 0.

Nas quartas, o Tricolor pegou o Flamengo. Os cariocas

não resistiram ao poder de fogo dos atuais campeões e o São Paulo classificou-se às semifinais, em que enfrentou o Cerro Porteño, do Paraguai.

O time paraguaio tinha vários brasileiros, entre eles o técnico Paulo César Carpegiani, os laterais Balu e Dida. Era o adversário mais difícil do Tricolor até então.

No Morumbi, o São Paulo só conseguiu ganhar de 1 a 0, gol de Raí. No segundo jogo, seguiu bravamente um empate em 0 a 0, com o goleiro Zetti fazendo defesa milagrosa no fim.

Apesar da pressão dos paraguaios, o Tricolor chegava à final. O adversário agora era o Universidad Católica, do Chile.

0 CERRO PORTEÑO

0 SÃO PAULO

Estádio: Defensores Del Chaco (Paraguai)
Data: 12/5/1993 **Público:** Não divulgado

Cerro Porteño: Mondragon; Cristaldo, Gamarra, Capurro e Dida; Struway, Ferreira, Arce e Sotelo (Balú); Alex e Villagra (Chaves)
Técnico: Paulo César Carpegiani

São Paulo: Zetti; Vítor, Válber, Gilmar e Ronaldo Luis; Pintado, Dinho, Raí e Palhinha; Cafu e Müller
Técnico: Telê Santana

Cartões Amarelos: Válber e Pintado

Juiz: Alberto Tejada (PER)

LIBERTADORES-93

7/4 - N. O. Boys-ARG 2 x 0 São Paulo
14/4 - São Paulo 4 x 0 N. O. Boys-ARG (Raí 2, Dinho e Cafu)
21/4 - Flamengo 1 x 1 São Paulo (Palhinha)
28/4 - São Paulo 2 x 0 Flamengo (Müller e Cafu)
5/5 - São Paulo 1 x 0 Cerro Porteño-PAR (Raí)
12/5 - Cerro Porteño-PAR 0 x 0 São Paulo
5/5 - São Paulo 5 x 1 Universidad Católica-CHI (Lopez (contra), Vítor, Gilmar, Raí e Müller)
26/5 - U. Católica 2 x 0 São Paulo

4 VITÓRIAS **2** EMPATES **2** DERROTAS

DÉCADA DE 60

1967: Após empatar com o Santos em total de pontos, uma partida extra é realizada para se decidir quem fica com o título paulista. O Peixe vence o jogo por 2 a 1, com gols de



Edu e Toninho Guerreiro (S) e Babá (SP), e fica com a taça.

1968: Numa campanha pífia, o São Paulo termina o Paulistão 17 pontos atrás do Santos, que se sagra campeão.

A experiência de Toninho Cerezo

■ O meia Toninho Cerezo foi contratado aos 36 anos pelo São Paulo, no segundo semestre de 1992. O craque, que estava no Sampdoria (ITA) há nove temporadas, foi o principal reforço naquele ano.

Cerezo chegou por indicação de Telê Santana. Ambos tinham trabalhado juntos no Atlético-MG e na Seleção. Aos poucos, ele virou um líder, dentro e fora de campo. Esteve na final do Mundial de 92, da Libertadores 93 e do Mundial de 93, quando foi eleito o melhor jogador da partida.



O veterano Toninho Cerezo chegou ao São Paulo com 36 anos, mas mostrou uma vitalidade de garoto

NÚMERO



ANOS

tinha o meio-campo Toninho Cerezo quando foi contratado pelo São Paulo em 1992.

EM FOCO

SÃO PAULO. No início da década de 90, além da Libertadores e do Mundial, faturou a Supercopa (93) e a Conmebol (94).



FRASES

MILTON NEVES
Jornalista

“Torcer para o São Paulo é uma grande moleza”

Bordão criado na fase de ouro do Tricolor

SLOGAN
Torcedores

*“Simply the Best”
(Simplesmente o melhor)*

Frase comum em camisetas de são-paulinos

REFRÃO
Torcedores

“É ano sim, é ano não, Tricolor é campeão”

Grito de guerra dos são-paulinos na época

DÉCADA DE 60

1969: O único título conquistado é o Troféu Colombino, um torneio amistoso disputado na Espanha.

1970: As obras terminam e o Morumbi é inaugurado oficialmente

1970



cialmente no dia 25 de janeiro no empate em 1 a 1 com o Porto, de Portugal. Agora, a capacidade oficial do estádio é de 120 mil pessoas. Para completar o ano em grande estilo,

o time sai do jejum de 13 anos e vence o Paulistão, liderado pelo centroavante Toninho Guerreiro, recém-chegado do Santos. Um ano inesquecível para os são-paulinos.

O TÍTULO QUE A TORCIDA NÃO ESQUECE

Para os são-paulinos, a final da Libertadores de 1992 é inesquecível. Quem viveu não esquecerá jamais aquela noite do dia 17 de junho

Noite de 17 de junho, final da Libertadores de 1992 entre São Paulo e Newell's Old Boys. Mais de 100 mil são-paulinos se espremem nas dependências do Morumbi com um só pensamento: a conquista do inédito título.

Em 74, o São Paulo havia sido derrotado pelo também argentino Independiente. Agora, o título estava perto. Como havia perdido o primeiro jogo da decisão lá por 1 a 0, o Tricolor precisava ganhar por uma diferença de dois gols aqui. Se a diferença fosse de apenas um, a decisão iria para os pênaltis.

Começa o jogo e os são-paulinos pressionam, mas a bola não quer entrar. Müller, Raí, Elivélton e Palhinha tentam e nada.

Vem o segundo tempo e a apreensão aumenta. A torcida pede a entrada do atacante Macedo. Pedido mais do que certo. Na primeira jogada, ele sofre pênalti. Raí cobra e marca: 1 a 0. O juiz apita o final e a agonia agora chama-se cobranças de pênaltis.

Começam as cobranças. Beri-

zzo é o primeiro e erra. Raí bate e faz 1 a 0 para o São Paulo. Zamora empata em 1 a 1. Vem Ivan e faz 2 a 1 para o Tricolor. Em seguida, Llop deixa em 2 a 2. Ronaldo perde para o time paulista e continua tudo igual. Mas aí Mendonza erra. Então, Cafu faz 3 a 2. Gamboa chuta do lado esquerdo e Zetti defende.

Tricolor campeão!

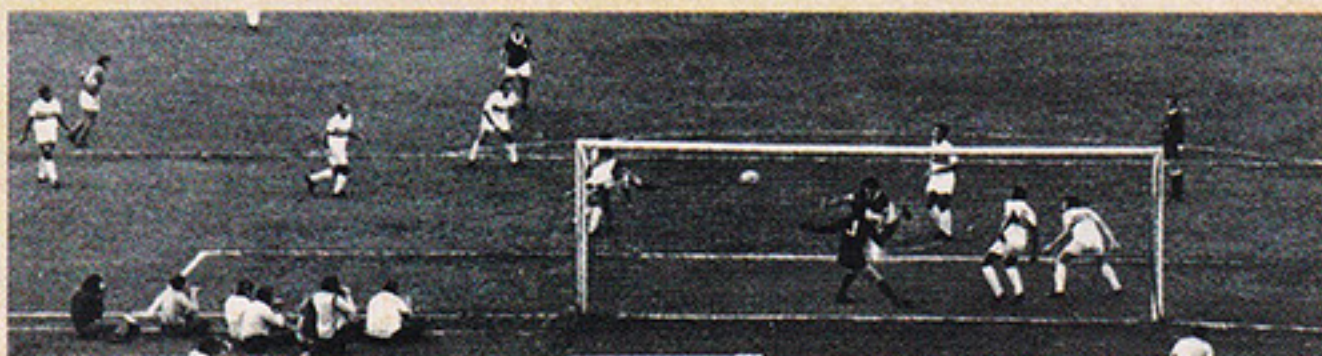
1	SÃO PAULO
0	N. OLD BOYS
Estádio: Morumbi Data: 17/6/1992	
Público: 105.000 pagantes	
São Paulo: Zetti; Cafu, Antônio Carlos, Ronaldo e Ivan; Adílson, Pintado, Raí e Palhinha; Müller (Macedo) e Elivélton	
Técnico: Telê Santana	
Newell's Old Boys: Scoponi Saldaña, Gamboa, Pochettino e Berizzo; Llop, Berti, Martino (Domizzi) e Lunari; Zanora e Mendonza	
Técnico: Marcelo Bielsa	
Gols: Raí 37'/2 ^o T (pênalti)	
Pênaltis: São Paulo 3 - Raí, Ivan e Cafu	
Newell's 2 - Zamora e Llop, Erraram: Berizzo, Mendonza Gamboa e Ronaldo	
Juiz: J. J. Torres (COL)	



O capitão Raí ergue a taça de campeão da Libertadores de 1992

DÉCADA DE 70

1971: Com o reforço do meia uruguaio Pedro Rocha, o São Paulo conquista seu terceiro bicampeonato paulista (foto). E a segunda colocação no recém-criado Campeonato Bra-



sileiro classifica o time para a Copa Libertadores da América. **1972:** O Palmeiras impede a conquista do tricampeonato. Na Libertadores, o time é eliminado na segunda fase.

Mais de 100 mil na final

■ Para ajudar o São Paulo na segunda partida da decisão da Libertadores de 92, contra o Newell's Old Boys, os torcedores são-paulinos compareceram em grande número.

Segundo a administração do estádio do Morumbi, no dia 17/6/92, havia 105 mil pagantes. Mas em um tumulto antes de começar o jogo, na rampa de acesso às arquibancadas, várias pessoas entraram sem apresentar ingresso.

Com a superlotação, os torcedores se acomodavam do jeito que podiam. Muitos assistiram ao jogo de pé. Segundo a Polícia Militar, do lado de fora cerca de 15 mil pessoas não puderam entrar, porque estavam sem ingresso.

O sacrifício valeu à pena.



Palhinha tenta passar pelo meio de três jogadores do clube argentino

AGÊNCIA ESTADO



Torcedores do São Paulo invadem o gramado do Morumbi para comemorar o título sul-americano

FRASES

ZETTI

Ex-goleiro do São Paulo

"Nós já sabíamos mais ou menos os cantos em que os argentinos batiam os pênaltis. Isso foi importante"

Admitindo que o São Paulo havia espionado o Newell's antes da decisão

CAFU

Ex-lateral do São Paulo

"Apesar do silêncio, sentia que a torcida estava conosco. Ela nos ajudou e muito naquela decisão de 1992"

Referindo-se à expectativa antes do gol de Raí no segundo tempo do jogo final

NÚMERO



PENALIDADES

foi o número de acertos do Tricolor e de erros do Newell's Old Boys na decisão de 1992.

MALANDRO

MACEDO. A

torcida pede sua entrada. Na primeira jogada, é derrubado dentro da área: pênalti.



DÉCADA DE 70

1973: Apesar de ter ido mal no Paulistão, o Tricolor chega perto do título no Campeonato Brasileiro. Disputa o quadrangular final e perde o título ao empatar com o Palmeiras

na última rodada.

1974: Pela primeira vez o time chega à final da Libertadores. Pedro Rocha e cia. fazem o que podem, mas não impedem a derrota para o Independiente.



1975: Com a liderança do goleiro Poy (foto), o São Paulo conquista o Paulistão. A vitória é sobre a Portuguesa, nos pênaltis. No Brasileirão, a equipe chega na quinta colocação.

CAMINHO REPLETO DE OBSTÁCULOS

Tricolor encontra dificuldades na Libertadores-92, mas chega ao título

Em 1992, na primeira fase da Libertadores, o São Paulo fez parte do grupo que contava com os bolivianos San Jose e Bolívar, além do Criciúma, campeão da Copa do Brasil no ano anterior. O Tricolor começou mal, sendo goleado por 3 a 0 pelo Criciúma, em Santa Catarina. Mas a derrota serviu para despertar a equipe, que se recuperou.

Com três vitórias, dois empates e uma derrota nos jogos seguintes, se classificou na segunda posição do grupo.

O adversário nas oitavas-de-final foi o Nacional, do Uruguai. Apesar de toda a tradição dos uruguaios no torneio, o Tricolor não tomou conhecimento e venceu as duas partidas, tanto em Montevideu quanto no Morumbi (1 a 0 e 2 a 0, respectivamente).

Na fase seguinte, o rival foi novamente o Criciúma. E, mais uma vez, os catarinenses engrossaram para o Tricolor. Somente com uma vitória por 1 a 0, no Morumbi, e um suado empate em 1 a 1, em Santa Ca-

tarina, a equipe conseguiu a classificação.

Era a vez, agora, de encarar o Barcelona, do Equador. Outro sufoco: após vencer por 3 a 0, no Morumbi, o Tricolor podia perder por dois gols de diferença que, ainda assim, chegaria à final.

E foi o que aconteceu. Num jogo duro, o São Paulo levou dois gols e se segurou na defesa para não tomar um terceiro. Se o Barcelona fizesse mais um, o jogo iria para a prorrogação. Foi duro, mas o time conseguiu.

LIBERTADORES-92

6/3 - Criciúma 3 x 0 São Paulo
17/3 - San Jose-BOL 0 x 3 São Paulo (Palhinha 3)
20/3 - Bolívar 1 x 1 S. Paulo (Raí)
1/4 - São Paulo 4 x 0 Criciúma (Raí, Palhinha, Elivélton e Müller)
7/4 - São Paulo 1 x 1 San Jose-BOL (Palhinha)
14/4 - São Paulo 2 x 0 Bolívar-BOL (Antônio Carlos e Macedo)
28/4 - Nacional-URU 0 x 1 São Paulo (Elivélton)
6/5 - São Paulo 2 x 0 Nacional-URU (Ronaldo e Antônio Carlos)
13/5 - São Paulo 1 x 0 Criciúma (Macedo)
20/5 - Criciúma 1 x 1 São Paulo (Palhinha)
27/5 - S. Paulo 3 x 0 Barcelona-EQU (Müller, Palhinha e Rinaldo)
3/6 - Barcelona-EQU 2 x 0 S. Paulo
10/6 - N. O. Boys-ARG 1 x 0 S. Paulo
17/6 - São Paulo 1 x 0 N. O. Boys-ARG (Raí)



Da esquerda para a direita, Raí, Pintado, Ronaldão, Antônio Carlos, Cafu, Elivélton, Macedo e Ivan: São Paulo fatura a Libertadores de 1992

DÉCADA DE 70

1976: Um ano decepcionante. Sexto colocado no Paulistão e a desclassificação na primeira fase do Brasileiro fazem com que o time seja reformulado para o ano seguinte.



1977: Numa final emocionante contra o Atlético-MG, em pleno Mineirão, o São Paulo conquista seu primeiro Campeonato Brasileiro, na decisão por pênaltis.

E NÃO É QUE O CRICIÚMA ENGROSSOU

O surpreendente time catarinense, então campeão da Copa do Brasil, foi o adversário mais difícil na campanha do título da Libertadores

Os dois representantes do Brasil na Libertadores de 92, São Paulo e Criciúma, enfrentaram-se quatro vezes na competição. Foram dois jogos na primeira fase e mais dois nas oitavas-de-final.

A participação do Criciúma na Libertadores veio com a conquista da Copa do Brasil em 91. Na época o time era comandado por Luiz Felipe Scolari – um desconhecido, até então.

Em 92, o treinador era Levir Culpi, que, anos mais tarde, veio a ser campeão paulista pelo próprio São Paulo, em 2000.

O primeiro jogo entre São Paulo e Criciúma ocorreu logo na rodada inicial. Jogando em Santa Catarina e contando com o apoio da torcida, o time da casa soube se impor e venceu por 3 a 0.

O troco são-paulino veio ainda na primeira fase. Em jogo disputado no Morumbi, o Tricolor se vingou dos catarinenses, vencendo por 4 a 0 (gols de Raí, Palhinha, Müller e Elivelton). Apesar da derrota, o Criciúma ficou como primeiro do grupo. O Tricolor classificou-se na segunda vaga.

Mais tarde, novo encontro, dessa vez nas quartas-de-final. Em duas partidas nervosas, com

provações de ambos os lados, o São Paulo levou a melhor.

No primeiro jogo, venceu por 1 a 0 (gol de Macedo), no Morumbi. Na volta, em Santa Catarina, o Tricolor não ligou para a pressão da torcida e segurou um bravo empate, em 1 a 1, que levou a equipe à semifinal.

Na opinião dos torcedores, o Criciúma foi o adversário mais difícil para o São Paulo em 92. Quem diria, hein!

1 CRICIÚMA

1 SÃO PAULO

Estádio: Heriberto Hülse (Criciúma)

Data: 20/5/1992 Público: Não divulgado

Criciúma: Alexandre, Jairo Santos, Vilmar, Vilson e Sarandi; Roberto Cavalo, Gelson e Grizzo (Everaldo); Vanderlei (Adilson Gomes), Soares e Jairo Lenzi. Técnico: Levir Culpi

São Paulo: Zetti, Cafu, Antônio Carlos, Ronaldo e Ivan; Adilson, Pintado e Raí; Palhinha, Müller e Rinaldo

Técnico: Telê Santana

Gols: Soares 9'/1ºT e Palhinha 8'/2ºT

Juiz: Márcio Rezende de Freitas



O capitão Raí se desdobra para passar pela marcação catarinense

FRASE

CAFU
Ex-lateral do São Paulo

“Foram jogos difíceis e muito disputados contra o Criciúma. Eles jogavam bem fechados na defesa, mas subemos nos livrar da marcação e seguimos na competição”

CONFRONTOS



JOGOS

foram disputados por São Paulo e Criciúma na Libertadores de 1992.

DUELLO

SÃO PAULO X CRICIÚMA.

Travam uma disputa emocionante pela vaga nas semifinais.



DÉCADA DE 70/80

1978: Vice-campeão paulista. O Tricolor perde o título para o Santos. No Brasileirão, o time faz má campanha e fica apenas com a 19ª colocação.

1979: O time não participa do

1984



Brasileiro, assim como Corinthians e Santos, que boicotam a competição por causa do excesso de clubes convidados.

1980: O Tricolor conquista o Paulistão ao vencer o Santos

na final. Os dois jogos terminam com vitória em 1 a 0. Os gols são de Serginho Chulapa. No retorno ao Campeonato Brasileiro, a equipe fica com a nona posição.



AGÊNCIA ESTADO



Cafu ainda jogava na lateral-direita na final da Libertadores de 1992, antes de passar para o meio-campo

A SUPERMÁQUINA DE TÍTULOS DO TRICOLOR

Em 1992, o São Paulo conquista o Paulistão sete dias depois do Mundial

Os mais novos, claro, não viram. Mas houve um time na década de 60 que ganhou, entre outras conquistas, duas vezes o Mundial Interclubes e duas vezes a Libertadores. Esse time foi o Santos, de Pelé, Zito, Pepe e Cia.

Trinta anos depois, outra equipe paulista repetiu, de forma brilhante, as mesmas glórias do mágico Santos dos anos 60. Esse

time foi o São Paulo de Raí, Cafu, Leonardo, Müller, Palhinha e Cia.

A equipe de Telê Santana ganhou todos os títulos possíveis e imagináveis no começo dos anos 90. Além do bicampeonato mundial e da Libertadores, venceu também o Brasileiro (1991) e, por duas vezes, o Paulistão (91 e 92).

No ano de 92, uma curiosidade: as duas partidas decisivas contra o Palmeiras foram dispu-

tadas uma semana antes e uma semana após (5 e 20 de dezembro de 1992) a conquista do Mundial em Tóquio, contra o Barcelona (no dia 13 daquele mesmo mês). Ou seja, a conquista do Mundial Interclubes ficou como um recheio do bi paulista.

No primeiro jogo contra o Palmeiras, Raí marcou três gols e o Tricolor venceu por 4 a 2. No jogo de volta, nova vitória: 2 a 1.

STRIKE

TRÊS TÍTULOS EM 1992. Nesse ano, o São Paulo foi campeão paulista, da Copa Libertadores da América e do Mundial Interclubes, em Tóquio, no Japão: papa-tudo



NÚMERO



DIAS

após ser campeão mundial, em Tóquio, o São Paulo conquistou o Paulistão de 1992.

2 SÃO PAULO 1 PALMEIRAS

Estádio: Morumbi Data: 20/12/1992
Público: 110.887 pagantes

São Paulo: Zetti; Vítor (Válber), Adilson, Ronaldão e Ronaldo Luís; Pintado, Toninho Cerezo (Dinho) Raí e Cafu; Müller e Palhinha
Técnico: Telê Santana

Palmeiras: César; Mazinho, Toninho, Edinho Baiano e Dida; César Sampaio, Daniel (Maurílio), Cuca (Carlinhos) e Jean Carlo; Evair e Zinho
Técnico: Otacilio Gonçalves

Gols: Müller 24'/1ºT, Toninho Cerezo 14'/2ºT e Zinho 45'/2ºT

Juiz: José Aparecido de Oliveira

DÉCADA DE 80

1981: Mais uma vez a equipe é bicampeã paulista. Na final, o São Paulo vence, desta vez, a Ponte Preta (1 a 1 no primeiro jogo e 2 a 0 no segundo). O destaque do time é Serginho.



No Campeonato Brasileiro, o time chega às finais. Passa pelo Botafogo na semifinal (foto) ao ganhar por 3 a 2, mas perde na decisão para o Grêmio, no Morumbi por 1 a 0, gol do

atacante Baltazar. Era a oportunidade de o Tricolor do Morumbi fazer "barba e cabelo", conquistando os torneios estadual e nacional, mas ela escapou.



AO MESTRE TELÊ COM CARINHO

De pé-frio a supercampeão, Telê conquista o mundo e se torna o maior técnico da história do clube

AGÊNCIA ESTADO

O que seria o futebol brasileiro se Telê Santana não tivesse existido? O que teria sido de Raí, Palhinha, Cafu, Pintado, Ronaldo... e outros mais se Telê não os treinassem?

Talvez essas perguntas não precisem ser respondidas, já que Telê existiu e, ainda, existe nos corações são-paulinos.

Em sua passagem pelo Tricolor, Telê Santana calou aqueles que o criticavam, que o chamavam de pé-frio por causa das campanhas da Sele-



Telê Santana chegou ao São Paulo para ficar três meses e só foi embora depois de cinco anos e 11 títulos

RECORDE



ANOS

foi o tempo que Telê Santana treinou o São Paulo (90 a 95), um recorde até hoje no clube.

ção Brasileira nas Copas de 1982 e 86, quando não conseguiu o título.

Telê chegou ao São Paulo, em outubro de 90, para ficar três meses e ficou cinco anos. Por quê? Porque como passar do tempo os dirigentes perceberam que ele era o profissional certo para o clube realizar um antigo sonho: ganhar o título mundial.

As estatísticas resumem bem o que foi a Era Telê no clu-

be. No total, foram 180 vitórias e 84 derrotas em 372 jogos. Em meia década, conquistou 11 títulos - o técnico mais laureado da história do São Paulo.

Mas o que importa é que Telê se tornou um daqueles mortais que conseguiu entrar no seleto grupo dos imortais do futebol brasileiro, para nunca mais ser esquecido. Que o diga a torcida são-paulina.

O futebol agradece a sua existência. Obrigado, Telê.

QUEM É

TELÊ SANTANA
Técnico

Nome: Telê Santana da Silva

Nascimento: 26/7/1931

Local: Itabirito (MG)

No São Paulo: Em 73 e de 90 a 95

Jogos: 372

Vitórias: 180

Empates: 108

Derrotas: 84

Títulos pelo São Paulo: Mundial Interclubes (92 e 93), Copa Libertadores (92 e 93), Paulista (91 e 92), Brasileiro (91), Supercopa (93), Recopa Sul-americana (93 e 94) e Copa dos Campeões Mundiais (95)

Na Seleção: Em 81, 82 e 86

Copa do Mundo: 82 e 86

Jogos: 55

Vitórias: 40

Derrotas: 6

DÉCADA DE 80

1982: O time tem a chance de, pela primeira vez, chegar ao tricampeonato paulista. Mas acaba caindo, na final, frente ao Corinthians, de Sócrates, Casagrande e Zenon. No Cam-



peonato Brasileiro, faz campanha apenas regular, chegando na sexta posição.

1983: Mais uma vez a equipe esbarra com o Corinthians na final do Campeonato Paulista

e sai derrotada. No Brasileirão, o São Paulo melhora uma posição em relação ao ano anterior e chega na quinta colocação. Dário Pereyra (foto) e Oscar se destacam na zaga.

A POTÊNCIA DO TRICOLOR



	J	G
Libertadores 92	-	-
Mundial 92	-	-
Libertadores 93	-	-
Mundial 93	-	-

■ **Gilberto** Félix de Melo, goleiro, nasceu em Recife (PE), em 5/10/68. Não foi utilizado na Libertadores e no Mundial Interclubes. Substituiu Zetti em alguns jogos do Brasileirão e Paulistão no ano de 93. Mas, ao contrário do que fazia no Nordeste, não foi bem no gol do Morumbi.



	J	G
Libertadores 92	-	-
Mundial 92	1	-
Libertadores 93	8	1
Mundial 93	1	-

■ **Vítor** - Claudemir Vítor, lateral-direito, nasceu em Mogi Guaçu (SP), em 19/6/70. Revelado pelo São Paulo, foi promovido ao profissional em 92. Em 93, foi vendido ao Real Madrid-ESP. Tem em seu currículo um tetra em Libertadores - 92 e 93 pelo São Paulo, 97 pelo Cruzeiro e 98 pelo Vasco.



	J	G
Libertadores 92	-	-
Mundial 92	-	-
Libertadores 93	8	-
Mundial 93	1	-

■ **Válber** Roel de Oliveira, zagueiro, nasceu no Rio de Janeiro (RJ), em 31/5/67. Chegou ao São Paulo no segundo semestre de 92. Sua habilidade agradou o técnico Telê e encantou os amantes do futebol. Ficou no clube até 94 e esteve presente nas grandes conquistas daquela época..

	J	G
Libertadores 92	12	0
Mundial 92	1	-
Libertadores 93	1	-
Mundial 93	-	-

■ **Adílson** José Pinto, zagueiro, nasceu em Cruzeiro (SP), em 19/6/1965. Revelado no próprio São Paulo, na década de 80, passou pelo Flamengo e voltou para conquistar a Libertadores improvisado de volante. Além desse título, conquistou outros importantes.



	J	G
Libertadores 92	14	1
Mundial 92	-	-
Libertadores 93	-	-
Mundial 93	-	-

■ **Antônio Carlos** Zago, zagueiro, nasceu em Presidente Prudente (SP), em 18/5/1969. Disputou apenas a Libertadores de 92, mostrando muita garra. Ajudou na cobertura dos laterais sem firulas. Suas maiores conquistas foram pelo São Paulo, como o Mundial e a Libertadores de 92.



	J	G
Libertadores 92	14	1
Mundial 92	1	-
Libertadores 93	2	-
Mundial 93	1	-

■ **Ronaldo** Rodrigues de Jesus, quarto-zagueiro, nasceu em São Paulo, em 14/1/1969. Sua grande participação na campanha do bicampeonato mundial contra o Milan o levou a ser chamado para a disputa da Copa do Mundo de 1994, nos Estados Unidos.



Além de Cafu, Palhinha e Zetti, conheça um pouco da magia dos outros craques, como Müller, Cerezo e Raí, que encantaram o mundo com um belo futebol no início da década de 90



	J	G
Libertadores 92	2	-
Mundial 92	1	-
Libertadores 93	6	-
Mundial 93	-	-

■ **Ronaldo Luís** Gonçalves, lateral-esquerdo, nasceu em Belo Horizonte (MG), em 14/8/66. Subia sempre com perigo ao ataque. Mas várias contusões atrapalharam a sua permanência no time titular. Ficou conhecido por salvar várias bolas sobre a linha do gol.



	J	G
Libertadores 92	-	-
Mundial 92	-	-
Libertadores 93	3	-
Mundial 93	1	-

■ **André Luís** Moreira, lateral-esquerdo, nasceu em São Paulo (SP), em 14/11/74. Revelado pelo clube, ganhou a posição de titular com a contusão de Ronaldo Luís. Defendeu o clube de 93 a 96 e ganhou: Mundial-93, Libertadores-93, Supercopa-93, Recopa-93/94 e Conmebol-94.



	J	G
Libertadores 92	-	-
Mundial 92	1	-
Libertadores 93	7	1
Mundial 93	1	-

■ **Dinho** - Edi Wilson José Santos, volante, nasceu em Neópolis (SE), em 15/10/66. Jogador de baixa qualidade técnica e às vezes violento. Fechava a marcação no meio-campo. Ficou no São Paulo em 92 e 93 e ganhou: Paulista-92, Mundial-92/93, Libertadores-93 e Recopa-93.



	J	G
Libertadores 92	13	-
Mundial 92	1	-
Libertadores 93	8	-
Mundial 93	1	-

■ **Pintado** - Luís Carlos de Oliveira, volante, nasceu em Bragança Paulista (SP), em 17/9/65. O xerife. Marcava com muita eficiência, quase não ia ao ataque e comandava a equipe em campo. Teve duas passagens pelo São Paulo (de 84 a 87 e 92/93) e ganhou cinco títulos pelo clube.



	J	G
Libertadores 92	-	-
Mundial 92	-	-
Libertadores 93	-	-
Mundial 93	1	-

■ **Juninho** - Oswaldo Giroldo Júnior, meia, nasceu em São Paulo (SP), em 22/2/73. Chegou no segundo semestre de 93, entrava no decorrer das partidas para dar velocidade ao time. Ficou no clube até 1995, quando se transferiu para o futebol inglês. Participou do Mundial-93



	J	G
Libertadores 92	-	-
Mundial 92	-	-
Libertadores 93	-	-
Mundial 93	1	-

■ **Leonardo** Nascimento de Araújo, lateral-esquerdo e meia, nasceu em Niterói (RJ), em 5/9/69. Jogou no São Paulo em 90/91 e voltou no segundo semestre de 93, para substituir Raí. Criava as jogadas do Tricolor. Esteve nas principais conquistas. Voltou em 2001.



	J	G
Libertadores 92	11	2
Mundial 92	-	-
Libertadores 93	-	-
Mundial 93	-	-

■ **Macedo** - Natanael dos Santos Macedo, atacante, nasceu em Americana (SP), em 16/12/69. Viveu a melhor fase na Libertadores de 92. Na final, entrou e sofreu o pênalti que empatou o jogo. Ficou no clube de 90 a 94 e esteve presente nas conquistas importantes daquela época.



	J	G
Libertadores 92	8	1
Mundial 92	-	-
Libertadores 93	-	-
Mundial 93	-	-

■ **Elivelton** Alves Rufino, atacante, nasceu em Serrânia (MG), em 31/7/71. Atacava bem e ajudava na marcação. Na Libertadores de 92, ajudou bastante o meio-campo na criação das jogadas. Ficou no São Paulo de 90 a 93 e ganhou todos os títulos importantes daquela época.



	J	G
Libertadores 92	12	2
Mundial 92	1	2
Libertadores 93	7	4
Mundial 93	-	-

■ **Raí** Souza Vieira de Oliveira, meia, nasceu em Ribeirão Preto (SP), em 15/5/65. O principal jogador nas maiores conquistas da história do São Paulo, em 92 e 93. Chegou a ser o melhor jogador do país. Defendeu o clube de 87 a 93, depois voltou em 98 para ajudar na conquista do Paulista.



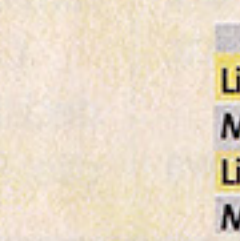
	J	G
Libertadores 92	8	2
Mundial 92	1	-
Libertadores 93	8	2
Mundial 93	1	1

■ **Müller** - Luís Antônio Corrêa da Costa, atacante, nasceu em Campo Grande (MS), em 31/1/66. Foi o principal jogador do ataque tricolor na conquista do Mundial e da Libertadores em 92/93. Já tinha defendido o clube de 84 a 88 e depois voltou em 91, ficando até 94. Em 96, retornou.



	J	G
Libertadores 92	-	-
Mundial 92	-	-
Libertadores 93	-	-
Mundial 93	1	-

■ **Doriva** - Dorival Guidoni Júnior, nasceu em Nhandeara (SP), em 28/6/72. Mais um jogador que veio das categorias de base do São Paulo, jogou a decisão do Mundial contra o Milan em 93, em Tóquio, como titular. Ficou no clube em 93 e 94, depois foi negociado.



	J	G
Libertadores 92	-	-
Mundial 92	-	-
Libertadores 93	6	1
Mundial 93	-	-

■ **Gilmar J.** dos Santos, quarto-zagueiro, nasceu em São Paulo (SP), em 23/4/71. Revelado pelo São Paulo, assumiu a responsabilidade de substituir Ronaldo na Libertadores de 1993. Foi tão bem que até marcou gol na decisão contra o Universidad Católica.



PRA MATAR DE EMOCÃO

Na mais empolgante das decisões de Brasileiros, São Paulo vence Guarani na decisão por pênaltis

Um gol no último minuto da prorrogação. Duas grandes equipes disputando o título com um empenho extraordinário. Três gols para cada lado ao final de 120 minutos. Qual amante do futebol não gostaria de assistir a uma grande decisão recheada de emoções?

Tudo isso e muito mais fizeram parte da história do jogo final do Brasileirão de 1986, a mais emocionante de todas as decisões da competição.

As duas equipes, que desde o início vinham se destacando como as melhores na competição, não queriam perder a oportunidade de levantar a taça de campeão. Aliás, bicampeão, já que ambas possuíam um título nacional cada (o São Paulo ganhara um em 77, e o Guarani, no ano seguinte).

Na primeira partida da final, no Morumbi, empate em 1 a 1 (Evair fez para o Bugre e Careca, para o Tricolor).

Esse resultado significava

que, na segunda partida, quem vencesse levaria o caneco.

O jogo começou pegando fogo. Logo aos dois minutos do primeiro tempo, numa infelicidade do lateral Nelsinho, o Guarani

Careca marca no fim da prorrogação e leva a decisão para os pênaltis

abriu o placar. Sete minutos mais tarde, o volante Bernardo empatou para o São Paulo.

Seguiram-se, então, diversas oportunidades de gol para os dois times. Evair e João Paulo tentavam pelo Bugre, enquanto os Menudos do Morumbi (Müller, Silas e Sidney) ameaçavam pelo Tricolor. Os goleiros Gilmar e Sérgio Néri, no entanto, impediram o show de gols.

Com o empate em 1 a 1, a decisão seguiu para a prorrogação. Prorrogação? Do jogo ou da

iminência de um ataque cardíaco no torcedor?

Logo no primeiro minuto do tempo extra, o meia Pita marcou para o Tricolor. O Bugre, porém, não demorou para reagir e, 15 minutos depois, virava o placar. Quando tudo indicava que o título ficaria em Campinas, Careca, a dois minutos do fim, empatou para o São Paulo. Aliás, daqui desprende-se uma ironia: revelado no próprio Guarani, ele fora o principal responsável pela conquista do único título nacional que o clube havia conseguido, em 78. Coisas do futebol.

Nos pênaltis, o Guarani começou perdendo – Marco Antônio chutou nas mãos de Gilmar. Aí, na vez de Careca, ele também errou. No terceiro pênalti, Tozin marcou, e Dário Pereyra descontou: 1 a 1. João Paulo errou para o Guarani. Então, Rômulo acertou e fez 2 a 1 São Paulo. Valdir Carioca revidou: 2 a 2. A decisão estava no final. Fonseca fez o terceiro do São Paulo. Então, veio Evair,

artilheiro do Bugre, e cravou 3 a 3. Mas Wágner, o último a bater, não perdoou: São Paulo 4 a 3.

E o Tricolor saía vencedor da mais emocionante e arrepiante final de Brasileirão da história.

3	GUARANI
3	SÃO PAULO
Estádio: Brinco de Ouro Data: 25/2/1987 Público e Renda: Não divulgados	
Guarani: Sérgio Néri; Marco Antônio, Valdir Carioca, Ricardo Rocha e Zé Mário; Tosin, Tite (Vágner) e Boiadeiro; Catatau (Chiquinho Carioca), Evair e João Paulo. Técnico: Carlos Gainete	
São Paulo: Gilmar; Fonseca, Wágner Basílio, Dário Pereyra e Nelsinho; Bernardo, Pita e Silas (Manu); Müller, Careca e Sidney (Rômulo) Técnico: Pepe	
Gols: Nelsinho (contra) 2/1 ^o T e Bernardo 9'/1 ^o T Prorrogação: Pita 1', Boiadeiro 7', João Paulo 17' e Careca 28'	
Cartão Vermelho: Vágner Cartões Amarelos: Ricardo Rocha e Careca	
Juiz: José de Assis Aragão	

DÉCADA DE 80

1984: A hora dos Menudos do Morumbi. Silas, Müller, Bernardo e Sidney são promovidos para o time principal do São Paulo e começam a formar a base que seria campeã



nos anos seguintes. O técnico é Cilinho (foto). Com os meninos no time, o São Paulo fica com a terceira colocação no Campeonato Paulista e a 17^a no Campeonato Brasileiro.



O atacante Müller sofre com a marcação do zagueiro Ricardo Rocha: os dois jogadores, depois, seriam companheiros no Morumbi

Uma final para ficar marcada na história

■ Apesar da desorganização, do regulamento confuso e de as finais serem disputadas somente em fevereiro do ano seguinte, o Brasileiro de 1986 foi um dos melhores da história.

À decisão chegaram duas equipes muito equilibradas. O São Paulo tinha o melhor ataque (62 gols marcados) e o Guarani, a melhor defesa (18 sofridos). Em todo o campeonato, o Tricolor

somou 17 vitórias em 34 jogos (perdeu quatro e empatou 13) e o Bugre ganhou 21 e perdeu duas em 34 (11 empates).

O jogo final (3 a 3 no tempo normal e na prorrogação) ficou

marcado como o de maior número de gols em uma final de Campeonato Brasileiro. A partida decisiva de Brasileirão que mais se aproxima é Flamengo 3 x 2 Atlético Mineiro, em 1980.

DÉCADA DE 80

1985: Os Menudos começam a dar o ritmo e o tom certo no Morumbi. No Campeonato Paulista, a equipe é campeã, vencendo o surpreendente time da Portuguesa, que tenta-



va sair de um jejum de 12 anos. O título vem com uma vitória por 2 a 1, gols de Sidney e Müller (Esquerdinha descontou para a Lusa). É interessante notar o fato de que o técnico

co Cilinho se dá ao luxo de deixar o craque Paulo Roberto Falcão (foto) no banco de reservas. No Campeonato Brasileiro, porém, o time vai mal e chega apenas em 27º.



O meia Silas, com Cerezo ao fundo, tenta marcar João Paulo



O volante Bernardo cerca o atacante Evair com a bola dominada

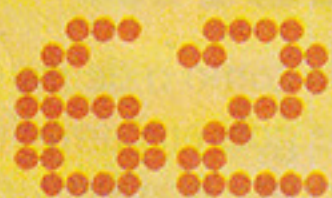
ARMA MORTAL

NA MOSCA

CARECA. Ele marca, no último minuto da prorrogação, um gol de canhoto e leva o jogo para os pênaltis.



NÚMERO



GOLS

marcou o ataque são-paulino no Brasileirão de 1986.

Marcar um gol logo no início do jogo e manter a bola no ataque eram os

O estilo ofensivo, o toque de bola envolvente, o talento individual e a agressividade faziam do São Paulo de 1986 uma máquina de jogar futebol.

Talentosos por natureza, os jogadores são-paulinos tornaram-se melhores ainda depois da passagem do técnico Cilinho pelo clube. Ele chegou ao Tricolor em 84 e reformulou todo o elenco. Müller, Silas, Sidney e Bernardo foram promovidos ao time profissional.

A saída de Cilinho foi sentida. Entretanto, Pepe, que foi contratado para o seu lugar, soube ad-

ministrar a situação com destreza. Manteve o padrão de jogo ofensivo da equipe.

Prova do bom trabalho foi o rendimento do São Paulo. O time conquistou 17 vitórias, 13 empates e apenas quatro derrotas. Contra Joinville (5 a 0), Ponte Preta (6 a 1), Botafogo (5 a 0) e Treze-PB (4 a 1), o Tricolor assinalou as maiores goleadas.

Uma das armas mortais do São Paulo, principalmente na fase de classificação, era fazer um gol antes dos cinco minutos de jogo. Isso deixava a equipe mais tranquila e as vitórias saíam naturalmente.

Quando chegou à fase final do Brasileirão, os Menudos do Morumbi (como ficou conhecida essa geração) mostraram o seu poder de fogo. Internacional de Limeira, Fluminense e América-RJ foram as vítimas.

Na segunda partida contra o Fluminense, válida pelas quartas-de-final, o centroavante Careca fez o gol mais espetacular da competição. Ele chutou de primeira, da lateral do campo, a bola bateu no travessão e na trave esquerda e entrou. O goleiro Paulo Victor nada pôde fazer.

Foi um golaço para coroar a bela campanha do Tricolor.

DÉCADA DE 80

1986: Na mais empolgante das decisões de Campeonatos Brasileiros, o São Paulo vence o Guarani, nos pênaltis, e é bicampeão nacional. No tempo normal, Nelsinho (contra) faz



para o Guarani e Bernardo empata. Na prorrogação, mais emoção. Pita marca para o São Paulo, mas o Guarani vira, com Boiadeiro e João Paulo. E, quando a torcida são-paulina

já deixava o estádio, Careca volta a empatar para o São Paulo, a dois minutos do fim. Nos pênaltis, o Guarani desperdiça duas cobranças e o título fica com o Tricolor.

30/8 - Coritiba 0 x 1 São Paulo (Careca); 2/9 - Sobradinho 1 x 1 São Paulo (Zé Teodoro); 6/9 - São Paulo 1 x 1 Bangu (Zé Teodoro); 13/9 - São Paulo 4 x 0 Ceará (Careca 2, Manu e Bernardo); 17/9 - Operário-MS 1 x 2 São Paulo (Careca e Müller); 21/9 - São Paulo 0 x 0 Internacional; 24/9 - Sampaio Corrêa 0 x 4 São Paulo (Dário Pereyra, Careca, Zé Teodoro e Oscar); 28/9 - São Paulo 3 x 2 Fluminense (Careca, Pita e Müller); 2/10 - Remo 0 x 2 São Paulo (Careca 2); 5/10 - São Paulo 3 x 2 Sport (Careca, Silas e Müller)

SEGUNDA FASE

12/10 - Ponte Preta 0 x 2 São Paulo (Sidney e Silas); 19/10 - São Paulo 2 x 0 Santos (Silas e Pita); 22/10 - São Paulo 2 x 0 Bangu (Müller e Careca); 26/10 - São Paulo 1 x 1 América-RJ (Müller); 2/11 - São Paulo 0 x 0 Palmeiras; 9/11 - Joinville 0 x 0 São Paulo; 12/11 - Treze 1 x 0 São Paulo; 20/11 - São Paulo 5 x 0 Botafogo (Careca 3, Müller e Silas); 23/11 - Santos 0 x 0 São Paulo; 30/11 - América-RJ 0 x 0 São Paulo; 3/12 - São Paulo 4 x 1 Treze (Müller 3 e Careca); 7/12 - Botafogo 0 x 0 São Paulo; 10/12 - São Paulo 6 x 1 Ponte Preta (Careca 2, Silas 2, Pita e Bernardo); 14/12 - Palmeiras 2 x 2 São Paulo (Nelsinho e Silas); 24/1/87 - São Paulo 5 x 0 Joinville (Careca 2, Müller, Silas e Pita); 28/1/87 - Bangu 1 x 0 São Paulo

FASE FINAL

31/1/87 - Inter-SP 2 x 1 São Paulo (Careca); 4/2/87 - São Paulo 3 x 0 Inter-SP (Silas 2 e Careca); 8/2/87 - Fluminense 1 x 0 São Paulo; 11/2/87 - São Paulo 2 x 0 Fluminense (Careca e Müller); 15/2/87 - São Paulo 1 x 0 América-RJ (Careca); 18/2/87 - América-RJ 1 x 1 São Paulo (Careca); 22/2/87 - São Paulo 1 x 1 Guarani (Careca); 25/2/87 - Guarani 3 x 3 São Paulo (Bernardo, Pita e Careca)



O atacante Müller carrega a bola e escapa do carrinho do zagueiro Ricardo Rocha: título sofrido

TRICOLOR

trunfos do São Paulo no Brasileiro de 86

Os Menudos do Morumbi

■ A grande geração de jogadores revelados pelo São Paulo em meados da década de 80 foi apelidada de Menudos do Morumbi. Foi uma referência ao grupo de cantores porto-riquenhos, sucesso no mundo todo, que fez um show no Morumbi, em 1985.

No mesmo ano, o Tricolor conquistou o Campeonato Paulista, em cima da Portuguesa. O título veio com duas vitórias

nas finais, 3 a 1 e 2 a 1, a última de virada.

No elenco desse time, além daqueles que estavam em 86, figuravam Falcão e Oscar. Embora já em fim de carreira, Falcão seria o jogador para dar equilíbrio à equipe.

Eram tantas as opções que Falcão até frequentou o banco de reservas algumas vezes. Mas na final da competição, ele jogou no lugar de Pita.

■ **Careca x Evair.** Os dois centroavantes finalistas, Careca pelo Tricolor e Evair pelo Guarani, foram os maiores artilheiros do Campeonato Brasileiro de 86. Com 25 gols, Careca ficou apenas um à frente do adversário, que fez 24.

■ **A estrela de Pepe.** Consagrado como jogador do Santos nos anos 60, Pepe também ganhou muitos títulos como técnico de futebol. Só em 86 ele conquistou o inédito Paulistão pela Inter de Limeira e o Brasileirão pelo São Paulo.

DÉCADA DE 80

1987: Graças ao meia Pita (foto), que carrega o time nas costas, o São Paulo vence o Campeonato Paulista. No Brasileirão, a equipe cai de rendimento e chega apenas na sex-



ta posição. O mais marcante nesse ano, porém, é a contratação de uma jovem revelação do Botafogo de Ribeirão Preto: o meia Raí, irmão do craque Sócrates.

UM MEIA À MODA ANTIGA

Com muita técnica e classe, Pita ordenava as jogadas tricolores no Campeonato Brasileiro de 1986

AGÊNCIA ESTADO

Canhoto, habilidoso, genial e lento. Pita era assim: um jogador à moda antiga. Seu estilo simples e objetivo, que preferia fazer a bola rolar ao invés de maltratá-la com chutões, encantava os torcedores do Tricolor.

O gol que marcou no Brasileirão de 1985, contra o Palmeiras, é um daqueles para ficar marcado para sempre. Driblou quatro zagueiros e deixou o goleiro Leão no chão. O gol foi eleito o mais bonito daquele ano.

Em 86, marcou apenas cinco gols no Brasileirão, mas de seus pés saiu a maioria dos gols do Tricolor.

Sua melhor qualidade era o lançamento. Os jovens Müller, Silas e Sidney cansavam de receber bolas açucaradas do meia.

Na final, foi um dos principais destaques do jogo. Fez o segundo gol do São Paulo e deu o

QUEM É PITA

PITA

Meia-esquerda

Nome: Edvaldo Oliveira Chaves

Nascimento: Nilópolis (RJ)

Data: 4/8/1958

No São Paulo: De 84 a 87

Outros clubes: Santos, Racing Estrasburgo (FRA), Guarani, Nagoya Grampus Eight (JAP) e Internacional-SP

Títulos pelo São Paulo: Paulista (85 e 87) e Brasileiro (86)

Outros títulos: Paulista (78) pelo Santos e Pan-Americano (87) pela Seleção Brasileira

Características: Habilidoso, técnico e ótimo lançador, mas um pouco lento.

passo do último para Careca, retribuindo a assistência que ele havia lhe dado em seu gol.

BATE BOLA COM PITA

■ O ex-meia Pita, um dos destaques do time são-paulino campeão brasileiro de 86, relembra sua passagem pelo São Paulo, de 84 a 87.

1 Conte alguma coisa sobre a sua passagem pelo São Paulo?

Foi uma época que marcou muito minha carreira. No São Paulo, consegui voltar à Seleção Brasileira. Sinto saudades.

2 Como o São Paulo conseguiu superar o Guarani na final do Brasileirão de 86?

As equipes eram equilibradas. O Guarani tinha um time jovem, mas o São Paulo era mais experiente, acostumado a finais. Eu e o Careca fazíamos uma grande dupla. Foi uma das melhores partidas da minha carreira.



Pita marcou o primeiro gol da prorrogação contra o Guarani na final

DÉCADA DE 80

1988: O time vai bem no Campeonato Paulista, mas acaba desclassificado na segunda fase, na qual faz parte do chamado grupo da morte, com Palmeiras, Santos e Co-



rinthians. No Brasileirão, o time vai mal e chega apenas na 11ª colocação.

1989: O clube contrata o meia Bobô (foto), revelação do Bahia. Nesse ano, o São Paulo

vence mais uma vez o Paulista e é vice-campeão no Brasileiro, ao perder para o Vasco (gol de Sorato, na final). É a primeira de três finais consecutivas que o time disputa.

PENALTY. PENALTY.



■ **Gilmar Luís Rinaldi**, goleiro, nasceu em Erechim (RS), em 13/1/59. Defendeu o gol do Tricolor do Morumbi entre 85 e 90. Ganhou vários títulos pelo clube, como o Paulistão de 85, 87 e 89, além do Brasileirão de 86, quando foi considerado o melhor goleiro.



■ **Zé Teodoro** - José Teodoro Bonfim Queiroz, lateral-direito, nasceu em Anápolis (GO), em 22/11/63. Na defesa cumpria sua parte, mas sua preferência eram as subidas ao ataque. Suas arrancadas e cruzamentos eram algumas das principais armas do time.



■ **Oscar José Bernardi**, zagueiro, nasceu em Monte Sião (MG) em 20/6/54. Durante muito tempo formou uma das maiores duplas de zaga do São Paulo com Darío Pereyra. Técnico e bom cabeceador, ficou na reserva de Wagner Basílio em 1986.



■ **Darío Pereyra** - Alfonso Darío Pereyra Bueno, quarto-zagueiro, nasceu em Sauce (Uruguai) em 19/10/56. Chegou ao São Paulo como meia, depois passou a ser zagueiro. Um dos melhores da história do clube. Em 86, era o único bicampeão brasileiro do time.



■ **Nelsinho** - Néelson Luís Kerchner, lateral-esquerdo, nasceu em São Paulo (SP) em 31/12/62. Quando revelado, substituiu o consagrado Marinho Chagas. Eficiente na marcação, era arma pelo lado esquerdo e foi considerado o melhor da posição no ano.



■ **Bernardo da Silva**, volante, nasceu em São Paulo (SP), em 20/4/65. A ousadia de Cilinho em colocar o jovem jogador como titular foi seguida por Pepe. Tinha pouca técnica, mas marcava muito bem. Foi outro que se tornou o melhor da posição no ano.



■ **Silas** - Paulo Silas do Prado Pereira, meia, nasceu em Campinas (SP), em 27/8/65. Revelado nas categorias de base do clube junto com Müller, foi uma das grandes revelações do São Paulo na metade da década de 80. Jogador de técnica refinada e velocidade.



■ **Müller** - Luís Antônio Corrêa da Costa, atacante, nasceu em Campo Grande (MS) em 31/1/66. Um dos grandes jogadores da história do clube, também revelado pelo São Paulo. Em 86, foi o vice-artilheiro do time. Com Careca, formou uma dupla perfeita.



■ **Careca** - Antônio de Oliveira Filho, centroavante, nasceu em Araraquara (SP), em 5/10/60. Um jogador fora de série. Além de desequilibrar no São Paulo, foi o principal atacante da Seleção Brasileira na Copa de 86. No Brasileirão, foi o artilheiro com 25 gols.



■ **Sídney José Tobias**, ponta-esquerda, nasceu em São Paulo em 28/8/63. Foi revelado pelo próprio São Paulo. Um dos destaques dos "Menudos do Morumbi", sua velocidade era uma das principais armas do Tricolor. Marcou apenas um gol no Brasileirão de 86.

■ **Pepe** - José Macia, técnico, nasceu em Santos (SP) em 25/2/35. Já tinha sido cam-

peão com a Inter de Limeira, no Paulistão. Repetiu o feito com o São Paulo no Brasileiro.

■ **Destacaram-se também:**
■ **Rômulo** - ponta-esquerda
■ **Fonseca** - lateral-direito

■ **Zé Carlos** - goleiro reserva
■ **Vizolli** - volante
■ **Vágner Basílio** - zagueiro

DÉCADA DE 90

1990: Duas fases bem distintas neste ano. No primeiro semestre, o time faz uma campanha vexatória e é rebaixado para a Segunda Divisão do Paulista (mais tarde uma ma-



nobra de bastidores mantém o Tricolor na elite paulista). No segundo semestre, a equipe surpreende e faz boa campanha no Campeonato Brasileiro, mas é derrotada pelo Co-

rinthians na final. O time já conta com a base que viria a ganhar vários títulos nos anos seguintes: Zetti, Cafu (foto), Antônio Carlos, Leonardo e Raí. É o início da Era Telê Santana.



COM SUOR, RAÇA E CORAGEM

São Paulo conquista o seu primeiro título brasileiro, contra o Atlético-MG, na disputa de pênaltis

Vencer o Campeonato Brasileiro não é das tarefas mais fáceis. Enfrentando uma série de adversidades então, só com muito suor!

O primeiro título nacional do São Paulo, em 1977, entrou para a história não somente por ser o primeiro, mas pela forma como foi conquistado.

Três foram os principais obstáculos no caminho do Tricolor.

Primeiro: durante toda competição a equipe enfrentou dificuldades para repetir a escalação. Contusões e expulsões foram os principais motivos.

Segundo: o artilheiro da equipe, Serginho Chulapa, e o técnico, Rubens Minelli, foram suspensos por motivos disciplinares e ficaram fora dos momentos finais.

E, terceiro: a partida final foi disputada contra a equipe de melhor campanha no campeonato, o Atlético Mineiro, com o Estádio do Mineirão completamente lotado.

Diante dessa coleção de adversidades, o São Paulo foi buscar inspiração no estilo raúdo de Chicão. Sempre vibrante, o volante comandou, aos berros, todo o time Tricolor. E, se a equipe não era brilhante, ao menos tinha o brio dos grandes vencedores.

O Atlético começou melhor, o que era compreensível, afinal, jogava em casa. No meio de campo, Cerezo e Ângelo envolviam o Tricolor, que saía apenas nos contra-ataques.

O fator decisivo na partida, porém, foi a atuação de Waldir Peres. O goleiro são-paulino parou o Galo, pegando de tudo, no tempo normal e na prorrogação. Assim, o resultado não poderia ser outro: 0 a 0.

Nos pênaltis, um festival de erros. Getúlio bate para o São Paulo e erra. Daí vai Cerezo e também desperdiça. É a vez de Chicão, que também erra. Ziza, então, faz para o Atlético-MG e põe o Galo na frente.

Quando tudo parece que vai dar errado para o São Paulo, eis que os mineiros desperdiçam duas cobranças, a última com Márcio, que chuta para fora.

Nos pênaltis, chorado e suado, o São Paulo conquistava seu primeiro Brasileiro fazendo 3 a 2.

0	SÃO PAULO
0	ATLÉTICO-MG
Estádio: Mineirão Data: 5/3/1978 Público: 102.974 pagantes	
São Paulo: Waldir Peres; Getúlio, Tecão, Bezerra e Antenor; Chicão, Teodoro (Peres) e Dário Pereyra; Zé Sérgio, Mirandinha e Viana (Neca) Técnico: Rubens Minelli	
Atlético-MG: João Leite; Alves, Márcio, Vantuir e Valdemir; Toninho Cerezo, Ângelo e Marcelo (Paulo Isidoro); Serginho, Caio (Joãozinho Paulista) e Ziza. Técnico: Barbatana	
Pênaltis: São Paulo 3: Peres, Antenor e Bezerra; Atlético-MG 2: Ziza e Alves	
Cartões Amarelos: Ângelo, Serginho, Bezerra, Teodoro, Tecão e Neca	
Juiz: Arnaldo César Coelho	



REPRODUÇÃO

Jogadores do São Paulo comemoram o título de 1977 no Mineirão

DÉCADA DE 90

1991: O São Paulo é campeão brasileiro (foto). Na decisão contra o Bragantino, vitória por 1 a 0 (gol de Macedo), no primeiro jogo, e empate, em 0 a 0, no segundo. É o terceiro tí-



tulo brasileiro do Tricolor (já havia ganhado o campeonato em 77 e 86). A conquista marca o primeiro ano de ouro da Era Telê e também dá passagem à Libertadores de 92.

MOMENTO HISTÓRICO

1977

Finalmente o São Paulo consegue atingir o topo do futebol brasileiro, há tempos desejado.

Dom

Dário Pereyra
Logo no primeiro ano do craque uruguaio no clube, um título nacional.



A FRASE

Superamos o Atlético Mineiro na final. Então, palmas para nós

Rubens Minelli TREINADOR

ESQUEMA DE UM CAMPEÃO

Minelli chega ao Morumbi para faturar mais um título

O título brasileiro era algo inédito para o Tricolor. Por duas vezes, o clube havia chegado ao vice-campeonato. A contratação de Rubens Minelli, então, foi estratégica.

O treinador era o atual bicampeão brasileiro (1975 e 76), pelo Internacional de Porto Alegre. Ao chegar ao Morumbi, logo implantou seu estilo de jogo. Marcação forte e contra-ataques rápidos eram suas marcas.

E foi assim durante todo Brasileiro de 77. Adversários como Internacional, Corinthians e Operário ficaram para trás.

Líderes começaram a aparecer na equipe são-paulina. Com a defesa bem postada, Chicão comandava o meio-campo para trás e "dom" Dário Pereyra do meio-campo para frente. No ataque, Serginho Chulapa fez a diferença, até ser suspenso.

Com garra e técnica, o Tricolor foi traçando sua caminhada rumo à conquista inédita.



O meia Teodoro (8) e o zagueiro Tecão (3) na decisão de 1977

■ **Peças importantes.** Além dos grandes destaques (Serginho, Dário Pereyra e Chicão), o lateral Getúlio, o meio-campo Teodoro e o veloz ponta-esquerda Zé Sérgio completavam o esquema tático do São Paulo campeão em 77.

■ **Desfalques.** O técnico Rubens Minelli e o centroavante Serginho Chulapa não puderam participar do jogo final, no Mineirão. Ambos estavam suspensos. Serginho por agredir um bandeira e Minelli por fazer ofensas a um juiz.

BRASILEIRÃO-77

PRIMEIRA FASE

16/10/77 - Náutico 0 x 1 São Paulo (Serginho)
19/10/77 - Botafogo-PB 0 x 2 São Paulo (Getúlio e Serginho)
23/10/77 - CSA 0 x 0 São Paulo
2/11/77 - XV de Piracicaba 1 x 1 São Paulo (Getúlio)
6/11/77 - São Paulo 0 x 2 Palmeiras
13/11/77 - São Paulo 1 x 0 Santa Cruz (Müller)
16/11/77 - São Paulo 3 x 0 Treze (Serginho 3)
23/11/77 - São Paulo 2 x 0 Sport (Getúlio e Neca)
26/11/77 - São Paulo 4 x 0 CRB (Neca 2 e Serginho 2)
4/12/77 - Corinthians 2 x 0 São Paulo
7/12/77 - São Paulo 5 x 0 Brasília (Serginho 2, Chicão, Teodoro e Neca)
11/12/77 - Internacional 1 x 4 São Paulo (Serginho 2, Teodoro e Zé Sérgio)
18/12/77 - América-RJ 0 x 0 São Paulo

FASE FINAL

28/1/78 - São Paulo 4 x 2 XV de Piracicaba (Serginho 2, Zé Sérgio e Neca)
1/2/78 - Ponte Preta 1 x 3 São Paulo (Serginho 2 e Neca)
12/2/78 - Botafogo-SP 1 x 0 São Paulo
15/2/78 - São Paulo 4 x 3 Sport (Tovar contra, Bezerra, Zé Sérgio e Mirandinha)
19/2/78 - São Paulo 3 x 1 Grêmio (Getúlio, Serginho e Mirandinha)

SEMIFINAL

26/2/78 - São Paulo 3 x 0 Operário (Serginho 2 e Neca)
1/3/78 - Operário 1 x 0 São Paulo

FINAL

5/3/78 - Atlético-MG 0 x 0 São Paulo

DÉCADA DE 90

1992: Supercampeão. O Tricolor ganha praticamente tudo: o bicampeonato paulista, a Copa Libertadores da América e o Mundial Interclubes, ao vencer o Barcelona-ESP, em



Tóquio, no Japão, por 2 a 1 (com dois gols do meia Raí). O único campeonato que o São Paulo disputa e não vence é o Brasileiro. A equipe chega na sexta colocação.

13
VITÓRIAS

4
EMPATES

4
DERROTAS

WALDIR PERES, O PROVOCADOR

A primeira conquista nacional do São Paulo fica marcada pelo talento e catimba do goleiro

Depois de 120 minutos de jogo e de ser pressionado o tempo todo pelos torcedores atleticanos, poderia parecer quase impossível controlar os ânimos para a disputa de pênaltis.

Mas, para Waldir Peres, não. Com uma frieza incrível, ele catimbou os adversários, que não souberam se livrar das provocações. Enquanto os mineiros se preparavam para fazer a cobrança, o goleiro dizia a eles que onde chutassem ele iria pegar.

Nervosos, Cerezo e Márcio chutaram para fora, já Ziza e Alves acertaram. Joãozinho, aprensivo, chutou mal e Waldir pegou. O São Paulo marcou três e garantiu a vitória.

Muita comemoração, inclusi-

QUEM É ELE

WALDIR PERES
Goleiro

Nome: Waldir Peres Arruda

Nascimento: 2/2/1951

Local: Garça (SP)

No São Paulo: De 73 a 84

Títulos pelo São Paulo: Campeonato Paulista (75, 80 e 81) e Campeonato Brasileiro (77)

ve do goleiro são-paulino, que sofreu muitas críticas. Durante a competição, chegou até a rezezar com Toinho no gol. Mas seu talento prevaleceu.

Na Seleção, foi a três Copas do Mundo (1974, 78 e 82). Em 82 foi titular e se tornou um dos melhores do mundo na posição.



AGÊNCIA ESTADO

Na final do Brasileiro de 77, Waldir Peres defendeu um pênalti



■ Getúlio

Costa de Oliveira, lateral-direito de chute forte. Veio do próprio Atlético-MG, em 1976.



■ Antenor

Machado Filho, lateral-direito. Também jogou improvisado como lateral-esquerdo.



■ Este-

vam Eduardo Lemos, zagueiro-central, um dos preferidos de Minelli na zaga tricolor.



■ Neca

- Antônio Rodrigues Filho, meia, tornou-se titular no meio do Brasileiro de 77.



■ Darío

Pereyra Alfonso Darío Pereyra Bueno, meia-armador. Chegou no meio da competição.



■ Bezerra

- Juvenal de Souza, zagueiro improvisado, o lateral supriu a deficiência da equipe.

■ **Teodoro** Santos Santana, meia-armador combativo. Jogador fundamental na campanha do título brasileiro.

■ **Mirandinha** - Sebastião Miranda da Silva Filho, centroavante, reserva imediato de Serginho. Jogou poucas vezes.

■ **Rubens Minelli** - o treinador é até hoje um dos técnicos com mais títulos em Campeonatos Brasileiros (três).



■ Chicão

- Francisco Jenuíno Avanzi, volante marcador, foi o símbolo da garra tricolor.



■ Zé Sérgio

- José Sérgio Prestes, ponta-esquerda, sua canhota fazia estragos e assustava.



■ Sergi-

nho - Sérgio Bernadino, centroavante, foi vice-artilheiro do campeonato com 18 gols.

PARA ESPANTAR O FANTASMA

São Paulo espanta o fantasma do vice brasileiro, que vinha rondando o Morumbi havia dois anos

AGÊNCIA ESTADO

Ser vice não é fácil. O time trabalha durante todo o ano com um objetivo em mente e, na hora decisiva, falha e perde o campeonato.

Foi exatamente isso o que aconteceu com o São Paulo em 1989 e 90. Naqueles dois anos, o Tricolor perdeu o título em sua casa, no Morumbi, para Vasco e Corinthians, respectivamente.

Em 91, o fantasma do vice continuava rondando o Morumbi. Dessa vez, a ameaça atendia pelo nome de Bragantino, time muito bem comandado por Carlos Alberto Parreira. Mas, ao contrário dos anos anteriores, o São Paulo fez um campeonato regular e tinha um time entrosado.

No primeiro jogo da final, um solitário gol de Mário Tilico, aos 4 minutos do segundo tempo, deu a vitória ao Tricolor.

Com a vantagem do empate na segunda partida, o técnico Telê Santana montou a equipe na defensiva, em Bragança. Acreditava que, no acanhado Estádio Marcelo Stéfani, o pequeno campo favoreceria o time que jogasse fechado na defesa e saísse só nos contra-ataques.

Telê estava certo. Precisando da vitória, o Bragantino vinha com tudo, mas esbarrava sempre no paredão Tricolor, formado por Antônio Carlos, Ricardo Rocha, Ronaldão e Bernardo.

Na direita, o técnico colocou o então reserva Zé Teodoro e deslocou Cafu para a esquerda com a função de anular o rápido

lateral-direito Gil Baiano. Além disso, o centroavante Silvio e o meia Alberto não tiveram chances.

Em contrapartida, Macedo e Müller, abastecidos por Raí, eram incumbidos de puxar os contra-ataques e segurar a bola no campo de ataque.

O inteligente esquema tático montado por Telê foi minando, aos poucos, as forças da equipe do Bragantino.

Espremida num acanhado canto da arquibancada, a torcida são-paulina sentia que, finalmente, o fantasma do vice ia sendo expulso para longe do Morumbi. Era só questão de tempo.

O apito final de José Roberto Wright marcou, não só o fim daquela partida, mas, principalmente, o início de uma era repleta de glórias na história Tricolor.

0 BRAGANTINO

0 SÃO PAULO

Estádio: Marcelo Stéfani Data: 9/6/1991
Público: 12.492 pagantes

Bragantino: Marcelo; Gil Baiano, Júnior, Nei e Biro-Biro; Mauro Silva, Ivair (Luís Müller), Alberto e João Santos (Franklin); Silvio e Mazinho
Técnico: Carlos Alberto Parreira

São Paulo: Zetti; Zé Teodoro, Antônio Carlos, Ricardo Rocha e Leonardo; Ronaldo, Bernardo, Cafu e Raí; Macedo e Müller (Flávio)
Técnico: Telê Santana

Cartões Amarelos: Zé Teodoro, Ricardo Rocha, Biro-Biro e João Santos

Juiz: José Roberto Wright



Zé Teodoro levanta o taça do campeonato ao lado de Antônio Carlos

DÉCADA DE 90

1993: O ano da repetição das glórias. Primeiro a equipe goleia a Universidad Católica, do Chile, e é bicampeã da Libertadores. Depois, vence o poderoso Milan, da Itália, por 3 a 2, e



conquista o bicampeonato mundial (foto), em Tóquio. Além disso, ganha a Supercopa da Libertadores, nos pênaltis, em cima do Flamengo. Ufa! Quantos títulos!!!



Casalzinho

Café com Leite

Ricardo Rocha e Antônio Carlos, uma dupla de zaga beirando à perfeição.



A FRASE

O futebol é apenas físico. É preciso forçar a cabeça para não atrofiar

Raí ÍDOLO DO SÃO PAULO

Minutos do segundo tempo
Mário Tilico marca o gol do título no primeiro jogo da final de 1991.

FORA DE CASA É MELHOR

Como em 1977 e 86, São Paulo fatura o tri brasileiro fora

O caminho rumo ao título brasileiro de 1991, que levaria o Tricolor à Libertadores do ano seguinte e daí ao Mundial de Tóquio, começou com goleada, na estréia, sobre o Atlético-MG (3 a 0), no Mineirão.

Nas rodadas seguintes, aconteceram alguns tropeços, mas, aos poucos, o São Paulo voltou a mostrar bom futebol. Com a chegada de Müller, do Torino-ITA, o rendimento melhorou. Ele estreou na 13ª rodada.

A três rodadas do fim da primeira fase, o time estava classificado às semifinais. Com a vantagem de ter feito melhor campanha, despachou o Galo mineiro com dois empates (1 a 1 e 0 a 0).

Agora, era esperar pelo Bragantino, a surpresa da final. No primeiro jogo, 1 a 0, no Morumbi. No segundo, em Bragança, 0 a 0. E como já havia feito em 77, contra o Galo, e em 86, contra o Guarani, o São Paulo era campeão brasileiro fora de casa.



AGÊNCIA ESTADO

O zagueiro Ronaldão tenta roubar a bola de Mazinho: tricampeão

■ **Pé-quente.** Com a conquista do Brasileirão de 1991, finalmente, Telê Santana se livrou do estigma de ser chamado de pé-frio. A sina o perseguia desde a desclassificação na Copa do Mundo de 82 com a Seleção Brasileira.

■ **Bem-vindo.** O atacante Müller, que estava na Torino (ITA), chegou no meio da competição e mostrou a agressividade que faltava ao ataque do São Paulo. Logo na estréia, decidiu - fez o gol da vitória contra a Portuguesa, 1 a 0.

BRASILEIRÃO-91

PRIMEIRA FASE

- 2/2 - Atlético-MG 0 x 3 São Paulo (Eliel 2 e Flávio)
- 6/2 - Flamengo 1 x 0 São Paulo
- 17/2 - São Paulo 1 x 2 Santos (Raí)
- 23/2 - São Paulo 1 x 0 Fluminense (Rinaldo)
- 3/3 - São Paulo 2 x 1 Atlético-PR (Cafu e Raí)
- 6/3 - Náutico 2 x 1 São Paulo (Raí)
- 9/3 - São Paulo 1 x 0 Bahia (Macedo)
- 16/3 - Goiás 1 x 1 São Paulo (Macedo)
- 22/3 - São Paulo 2 x 0 Grêmio (Ronaldo e Raí)
- 31/3 - Bragantino 1 x 2 São Paulo (Elivélton e Macedo)
- 4/4 - São Paulo 0 x 0 Palmeiras
- 7/4 - Corinthians 1 x 1 São Paulo (Macedo)
- 14/4 - São Paulo 1 x 0 Portuguesa (Müller)
- 20/4 - Vasco 2 x 2 São Paulo (Macedo e Macedo)
- 28/4 - São Paulo 2 x 0 Sport (Müller e Raí)
- 1/5 - Vitória 1 x 2 São Paulo (Raí e Müller)
- 5/5 - São Paulo 1 x 0 Botafogo (Bernardo)
- 12/5 - São Paulo 3 x 1 Cruzeiro (Raí, Antonio Carlos e Leonardo)
- 18/5 - Internacional 1 x 0 São Paulo

SEMIFINAIS

- 25/5 - Atlético-MG 1 x 1 São Paulo (Mário Tilico)
- 2/6 - São Paulo 0 x 0 Atlético-MG

FINAIS

- 5/6 - São Paulo 1 x 0 Bragantino (Mário Tilico)
- 9/6 - Bragantino 0 x 0 São Paulo

12
VITÓRIAS

7
EMPATES

4
DERROTAS

DÉCADA DE 90

1994: O tri da Copa Libertadores escapa na decisão por pênaltis, contra o Velez Sarsfield, da Argentina, em pleno estádio do Morumbi. O meia Palhinha é quem desperdiça a co-



brança e a chance de chegar ao tri. No segundo semestre, o São Paulo vence a Copa Conmebol com um time formado por reservas e juniores, entre eles o meia Juninho, estrela

absoluta da equipe. Era o chamado "Expressinho Tricolor", time que, além de Juninho, revelou os atacantes Caio e Jamelli, além do goleiro Rogério Ceni (foto).

INTRANSPONÍVEL COMO UMA ROCHA

No São Paulo, o zagueiro Ricardo Rocha prova que é uma pedra no caminho dos atacantes

Um clube como o São Paulo, com a tradição de contar sempre com grandes zagueiros em seu elenco, torna-se exigente. Com Ricardo Rocha, manteve este preceito.

Durante muitos anos, Mauro Ramos, De Sordi, Bellini e por último Dário Pereyra desfilaram pelos campos representando as cores do clube do Morumbi. Entre 89 e 91, um pernambucano muito eficiente em suas funções foi o representante oficial da zaga são-paulina.

Determinado e habilidoso com a bola no pé, Ricardo justificava o sobrenome: Rocha. Intransponível para os adversários. Até seus carrinhos faziam da ação um golpe nobre.

E foi com ele que o futebol do

QUEM É
RICARDO ROCHA
Zagueiro

Nome: Ricardo Roberto Barreto da Rocha

Nascimento: 11/7/1962

Local: Recife (PE)

Títulos pelo São Paulo: Campeonato Paulista (89) e Campeonato Brasileiro (91).

jovem Antônio Carlos desencantou. Líder nos times em que atuou, Ricardo Rocha foi o melhor zagueiro do Brasileirão de 91. A coroação, como o melhor jogador da competição, havia sido conquistada dois anos antes.

Sem dúvida alguma, ele manteve as tradições do Tricolor.

AGÊNCIA ESTADO



Ricardo Rocha foi eleito o melhor zagueiro do Brasileirão de 91



Zetti - goleiro, chegou ao clube em 90 machucado, e acabou sendo um dos melhores.

Zé Teodoro - lateral-direito, a maior parte do tempo foi reserva. Entrou na final e deu conta.

Antônio Carlos - zagueiro, com Ricardo Rocha ao seu lado fez um grande campeonato.

Ronaldo - volante, improvisado, o zagueiro cumpriu bem suas obrigações no meio-campo.

Leonardo - lateral-esquerdo, por seu lado saíam as principais jogadas do ataque Tricolor.

Bernardo - volante, além de forte na marcação, marcou gols importantes na campanha.

Cafu - lateral-direito, revelado no clube como meia, com Telê se tornou-se um ótimo lateral.

Raí - meia, com Telê encontrou seu melhor futebol e foi destaque do campeonato.

Müller - atacante, chegou no meio da competição e não teve dificuldades para se adaptar.

Elivélton - ponta-esquerda, atacava e ainda ajudava na marcação pelo lado esquerdo.

Macedo - atacante, descreditado no começo, era a principal opção pelo lado direito.

Telê Santana - técnico, chegou ao segundo título nacional. Ganhou com o Atlético em 71.



SEJA BEM-VINDO, CAMPEÃO

Com o estádio do Morumbi finalmente pronto, São Paulo dá adeus ao jejum de 13 anos sem títulos

AGÊNCIA ESTADO

Quando se tem um grande sonho em mente, muitas outras coisas são relegadas a segundo plano, com o intuito de que esse sonho seja concretizado.

A construção do estádio do Morumbi, idealizado para ser o maior estádio particular do mundo, era a grande aspiração dos são-paulinos nas décadas de 50 e 60. Em nome da obra, o time de futebol foi deixado de lado.

Não foi fácil para o torcedor. Foram 13 anos com jogadores apenas medianos, sem grandes craques do passado no time, como Zizinho e Leônidas.

Finalizada a obra, em 1970, os craques começaram a voltar. Foram contratados o meia Gérson, o lateral uruguaio Pablo Forlan e o artilheiro Toninho Guerreiro, entre outros.

Para quem já sofria há mais de uma década, esperar mais um pouquinho, agora com craques no time, não seria difícil, certo? Errado. Como o São Paulo parece ter mania de sempre querer, antes de tudo, agradar ao torcedor, o jejum cessou logo naquele ano.

Em torneio disputado por pontos corridos, Palmeiras e Ponte Preta eram os únicos a incomodar o Tricolor na tabela do Paulistão.

Na penúltima rodada, o São Paulo tinha pela frente o Guarani, em Campinas. Se vencesse, levaria o título. E foi o que aconteceu. Com um gol de Toninho e outro de Paulo, o Tricolor venceu

por 2 a 1, encerrando, de uma vez por todas, o incômodo jejum.

Mas o clube ainda se achou endividado com a torcida – 13 anos sem títulos é muita coisa. Por isso, no ano seguinte, o São Paulo tratou de vencer, mais uma vez, o Paulista. Afinal, tinha que agradar à torcida, que já se sentia em casa no Morumbi.

Novamente em pontos corridos, o São Paulo topou com seu rival direto na classificação, o Palmeiras, na última rodada. Precizando apenas do empate, o Tricolor abriu o placar logo aos 5 minutos do primeiro tempo, com Toninho.

Na segunda etapa, um lance polêmico: Leivinha desvia para o gol, mas o árbitro Armando Marques anula, alegando que foi com a mão.

E o Tricolor era bicampeão.

2 SÃO PAULO 1 GUARANI

Estádio: Morumbi Data: 9/9/1970
Público e Renda: Não divulgados

São Paulo: Sérgio; Forlan, Jurandir, Dias e Gilberto (Tenente); Édson e Nenê; Paulo, Terto (Benê), Toninho Guerreiro e Paraná
Técnico: Zezé Moreira

Guarani: Perez; Wilson, Cidinho, Tininho (Guassi) e Ferrari (Cido); Hélio e Milton; Vágner, Capelozza, Vanderlei e Caravetti
Técnico: Renganeschi

Gols: Toninho 27'/1ºT, Paulo 34'/1ºT e Vágner 22'/2ºT

Juiz: Armando Marques



Jogadores do São Paulo festejam a conquista do Paulistão de 70

DÉCADA DE 90

1995: Com a interdição do estádio do Morumbi, o clube é obrigado a reformar o local. Assim, os jogadores são negociados e a prioridade passa a ser a reforma do estádio.



1996: Uma nova fase no clube. A falta de dinheiro para reforços faz com que as categorias de base cada vez mais sejam observadas. O atacante Denílson é promovido.

MOMENTO HISTÓRICO



Começou a ser construído o Morumbi, que foi batizado de Cícero Pompeu de Toledo.

Em foco

Morumbi

Durante quase duas décadas, a construção do estádio foi a maior preocupação.



O MELHOR

Ataque do Paulistão



O ataque são-paulino formado por Terto, Toninho Guerreiro e Paraná marcou 29 gols e foi o mais positivo do Campeonato Paulista em 70.

Bolão

Toninho Guerreiro

O único pentacampeão paulista: 67/68/69 com o Santos e 70/71 com o São Paulo.



MORUMBI, OUTRA CONQUISTA

Depois de 18 anos de construção, finalmente o estádio fica pronto

Em 1970, os são-paulinos ficaram duplamente felizes. Além do título paulista, os torcedores ganharam o estádio do Morumbi.

O nome oficial do estádio é Cícero Pompeu de Toledo, homenagem ao presidente que idealizou o projeto. Foi Toledo quem conseguiu, em 52, a área para que o estádio fosse construído.

As obras começaram em 53. A ideia era construir o então

maior estádio particular do mundo e, para isso, alguns números impressionantes foram empregados. Alguns exemplos: 340 mil metros cúbicos de terra removidos, 280 mil sacos de cimento e 50 mil toneladas de ferro.

Para arrecadar fundos, várias campanhas foram realizadas. A venda de cadeiras numeradas e o carnê de sorteio "A Grande Jogada é Construir o Paulistão" foram algumas das promoções.

■ **O primeiro jogo.** Apesar de as obras não estarem completamente prontas, o estádio do Morumbi foi inaugurado em 2 de outubro de 1960. O jogo de estreia foi contra o Sporting Lisboa. Com um gol do ponteiro Peixinho, que nem fez muito sucesso no Tricolor, o São Paulo venceu os portugueses por 1 a 0.

AGÊNCIA ESTADO



O Morumbi foi palco de algumas das maiores conquistas da história tricolor, como Libertadores de 1992

DÉCADA DE 90

1997: Após muitos investimentos e a instalação de amortecedores nas arquibancadas, o São Paulo consegue a liberação total do estádio do Morumbi, mas a capacidade é

1998



reduzida para 80 mil espectadores. O Tricolor é vice-campeão paulista e do Torneio Rio-São Paulo. No Brasileirão, o time faz péssima campanha e chega apenas em 13º lugar.

PAULISTÃO-70

PRIMEIRO TURNO

28/6 - São Paulo 1 x 0 São Bento (Valtemiro)
1/7 - São Paulo 1 x 2 Portuguesa (Dias)
5/7 - Ponte Preta 2 x 2 São Paulo (Terto e Toninho)
12/7 - Santos 2 x 3 São Paulo (Carlos Alberto contra, Valtemiro e Edu)
16/7 - São Paulo 2 x 1 Ferroviária (Toninho 2)
19/7 - São Paulo 1 x 1 Corinthians (Toninho)
26/7 - Botafogo 1 x 2 São Paulo (Edson e Terto)
29/7 - Palmeiras 0 x 1 São Paulo (Terto)
1/8 - São Paulo 0 x 0 Guarani

SEGUNDO TURNO

9/8 - São Paulo 3 x 2 Santos (Toninho 2 e Terto)
16/8 - Ferroviária 2 x 0 São Paulo
19/8 - São Paulo 1 x 0 Portuguesa (Forlan)
23/8 - São Paulo 0 x 1 Palmeiras
26/8 - São Paulo 4 x 0 Botafogo (Toninho 3 e Forlan)
30/8 - São Bento 0 x 3 São Paulo (Toninho, Forlan e Edson)
5/9 - São Paulo 2 x 0 Ponte Preta (Toninho 2)
9/9 - Guarani 1 x 2 São Paulo (Toninho e Paulo)
13/9 - Corinthians 0 x 1 São Paulo (Paraná)

12

VITÓRIAS

3

EMPATES

3

DERROTAS

O NÚMERO



GOLS

marcou Toninho Guerreiro, o artilheiro do Paulistão de 70.

DIAS, A SEGURANÇA NA ZAGA TRICOLOR

Na maior parte do tempo não conquistou títulos no clube, mas ganhou o respeito de todos

A té hoje o maior período em que o São Paulo ficou sem conquistar títulos foi de 13 anos, de 1957 a 70. Desde 59 no Tricolor, o zagueiro Roberto Dias ganhou prestígio dentro do clube numa época difícil, em que a diretoria só tinha olhos para a construção do Estádio do Morumbi.

O investimento nas contratações de jogadores praticamente não existia. Durante muito tempo, o zagueiro foi o principal jogador do Tricolor.

Em 1970, porém, a história começou a mudar. Alguns jogadores chegaram para reforçar o elenco são-paulino. Mesmo assim, Dias, já com 32 anos, continuava sendo o líder dentro de campo. Com Jurandir, formou

QUEM É ELE

ROBERTO DIAS
Zagueiro

Nome: Roberto Dias Branco

Nascimento: 28/6/1938

Local: São Paulo (SP)

No São Paulo: De 59 a 73

Títulos: Campeonato Paulista (70 e 71)

Na Seleção: 27 jogos

uma das defesas menos vazadas do Paulista, 15 gols em 18 jogos.

Até hoje, quando se pergunta a um antigo são-paulino qual o maior zagueiro que o Tricolor já teve, muitos não hesitam e dizem: Roberto Dias.

Um jogador que aliava habilidade e muita raça.



Roberto Dias presenciou o maior jejum de títulos do Morumbi



AGÊNCIA ESTADO



■ **Sérgio - Wágner Valentin**, goleiro, nasceu em Chavantes-SP (22/5/45). Revelado no clube.



■ **Forlan - Pablo Justo Forlan** Lamarque, lateral-direito uruguaio. Chegou em 70 e foi campeão.



■ **Jurandir de Freitas**, quarto-zagueiro. Com seus 1,90 m de altura, impunha respeito na defesa.



■ **Gilberto Sorriso** - lateral-esquerdo, revelado pelo São Paulo, titular vários anos no clube.



■ **Gérson de Oliveira Nunes**, meia, o grande organizador das jogadas do São Paulo.



■ **Paulo** - atacante, foi o autor do gol na vitória sobre o Corinthians, em 70, na última rodada.



■ **Terto** Tertuliano Severiano dos Santos, pontadireita rápido. Maior virtude: as arrancadas.



■ **Toninho Guerreiro** - Antônio Ferreira, centroavante oportunista, raçudo e boa visão de jogo.



■ **Paraná** - Ademir de Barros, ponta-esquerda rápido. Jogou no clube durante nove anos (65 a 74).



■ **Pedro Rocha** - meia, participou do título de 71 e recompensou o investimento da diretoria.



■ **Edson** - médio-volante, o principal marcador da equipe na conquista do Paulista de 70.



■ **Zezé Moreira** técnico famoso que, junto com o irmão (Aymoré Moreira) marcou a história no futebol brasileiro.

O FIM DE UM INCÔMODO TABU

Após atitude arrojada do clube de promover jovens jogadores, São Paulo conquista o inédito Rio-SP

REGINALDO CASTRO

O torneio Rio-São Paulo existe desde 1933. Dos oito grandes clubes que participam tradicionalmente da competição, o único que ainda não havia sido campeão era o São Paulo. Passou perto algumas vezes, mas, no máximo, chegou ao vice-campeonato.

De 2001 não poderia passar. Mesmo adotando uma política de contenção de gastos, promovendo vários jogadores dos juniores à equipe profissional, o Tricolor ainda se mostrava um time forte.

Manteve Rogério Ceni e França no clube e mesclou a experiência com a juventude de Kaká, Júlio Baptista e Luís Fabiano. O comando da equipe ficou com Osvaldo Alvarez, o Vadão.

Com um estilo competitivo, os jogadores mostraram sua força pelo conjunto. O equilíbrio foi a principal arma.

França foi o artilheiro da competição, Rogério Ceni decidiu a fatura nas semifinais e Luís Fabiano resolveu a primeira partida da decisão. Enfim, quando um não jogava bem, o outro assumia a responsabilidade.

Como em 98, a final do Rio-São Paulo foi decidida entre o Tricolor e o Botafogo. Naquela oportunidade, venceram os cariocas. Mas, em 2001, foi diferente. Muito diferente.

Na primeira edição do torneio no novo milênio, o São Paulo mostrou sua força. No primeiro jogo da decisão, no Maracanã,



Simplicio, Reginaldo Araújo, Kaká, Luís Fabiano e França (de costas) comemoram o título do Rio-SP

goleou o Fogão com um sonoro por 4 a 1. O atacante Luís Fabiano marcou metade dos gols.

Na volta, o Morumbi ficou lotado. Chamado de "jogo das faixas", era praticamente impossível reverter a vantagem de três gols do Tricolor.

Donizete, atacante do Botafogo, marcou um gol no final do primeiro tempo, mas faltava muito. Aos 14 minutos, Vadão decidiu fazer algumas mudanças. Entre elas, colocou o jovem Kaká. E foi feliz.

O garoto de 18 anos decidiu a partida. Com dois gols em menos de dois minutos, virou o placar para 2 a 1. Alegria e festa pelo título inédito. E a certeza da descoberta de mais um craque.

2 SÃO PAULO 1 BOTAFOGO

Estádio: Morumbi Data: 7/3/2001
Público: 71.668 pagantes

São Paulo: Rogério Ceni; Jean, Rogério Pinheiro e Wilson; Belletti (Reginaldo A.), Fabiano (Kaká), Maldonado, Carlos Miguel (J. Baptista) e Gustavo Nery; Luís Fabiano e França. T: Osvaldo Alvarez

Botafogo: Wagner, Fábio Augusto, Dênis, Valdson e Augusto; Júnior, Reidner e Rodrigo; Alexandre Gaúcho (Souza), Donizete e Tailson (Daniel) T: Sebastião Lazaroni

Gols: Donizete 39'/1ºT e Kaká 34'/2ºT e 36'/2ºT

Cartões Amarelos: Rogério Pinheiro, Kaká, Luís Fabiano, Alexandre Gaúcho e Tailson

Juiz: Antônio Janeiro

FRASES

KAKÁ
Meia

"Acho que entrei um pouco para a história do São Paulo"

Sobre os dois gols que fez na final, contra o Botafogo, e deram o título ao São Paulo

BELLETTI
Lateral-direito

"A torcida duvidou da gente, mas mostramos nosso valor"

Em desabafo, falando sobre a conquista inédita do Torneio Rio-São Paulo

DÉCADA DE 90

1998: Após quatro anos no futebol francês, defendendo o Paris Saint-Germain, o meia Raí volta a seu clube do coração. Chega no meio das finais do Campeonato Paulista e



acaba comandando a equipe em mais um título paulista, mais uma vez em cima do Corinthians. Outro destaque é o atacante Denílson (foto), que é negociado com o Betis (ESP).

Strike

Kaká

Marcou dois gols em dois minutos, acabando com qualquer chance do Botafogo.



A FRASE

A gente entra para poder mudar a partida. Fiquei feliz em ajudar o clube

Kaká MEIA

O MELHOR E O PIOR

São Paulo



Teve o melhor ataque da competição, com 15 gols.

Flamengo



Fez a pior campanha. Não conquistou um ponto sequer.

Entalado

Rio-São Paulo

Depois de 23 tentativas, enfim o Tricolor conquista o título do torneio.



POLÍTICA DOS PÉS NO CHÃO

Diretoria são-paulina economiza no início de 2001 e garante Rio-SP

Levando à risca o velho ditado "bom, bonito e barato", os dirigentes do São Paulo resolveram prestigiar seus jovens craques vindos das equipes de base no início de 2001. E não se arrependeram.

Vadão soube usá-los com precisão. Com uma campanha de cinco vitórias, o São Paulo só foi parado pelo Fluminense, que o derrotou por duas vezes. Mas não o suficiente para deixar os tricolores paulistas fora da final.

No Maracanã, a decisão das semifinais foi para os pênaltis. Rogério Ceni, com três defesas, definiu a fatura. O resultado deixou os garotos confiantes para enfrentar o Fogão, que não foi páreo.

Logo no primeiro jogo, uma goleada: 4 a 1. E a torcida conheceu mais um grande jogador. Luís Fabiano marcou dois gols e participou dos outros dois.

Pouco investimento e retorno garantido com os jovens.



ARI FERREIRA

Luís Fabiano não consegue vencer o goleiro Wagner, do Botafogo, mas o Tricolor ganha o título do Rio-SP

■ **Enfim, campeão.** Em 2001, foi a 24ª vez que o São Paulo disputou o Torneio Rio-São Paulo. Finalmente chegou ao título inédito.

■ **Passando perto.** depois de ser vice por quatro vezes (33, 62, 65 e 98), o Tricolor se redimiu ao vencer o Botafogo, que foi campeão duas vezes sobre o time paulista.

■ **Rivalidade.** São Paulo e Botafogo se enfrentaram 25 vezes em toda a história do Torneio Rio-São Paulo. O Tricolor venceu oito partidas, enquanto o Fogão faturou 13.

■ **Waldemar de Brito.** O jogador são-paulino estabeleceu um recorde em 1933: fez 33 gols. É o maior artilheiro do Rio-São Paulo.

RIO-SP-2001

PRIMEIRA FASE

17/1 - São Paulo 2 x 0 Vasco (Sidney e Gustavo Nery)
25/1 - Fluminense 5 x 2 São Paulo (Ilan e Fabiano)
1/2 - São Paulo 1 x 1 Botafogo (França)
7/2 - Flamengo 0 x 2 São Paulo (França 2)

SEMIFINAIS

14/2 - São Paulo 1 x 0 Fluminense (França)
21/2 - Fluminense 2 x 1 São Paulo (França)

FINAIS

28/2 - Botafogo 1 x 4 São Paulo (Luís Fabiano 2, Carlos Miguel e França)
7/3 - São Paulo 2 x 1 Botafogo (Kaká 2)

DÉCADA DE 90

1999: Apesar de fazer a melhor campanha na primeira fase do Campeonato Paulista, o São Paulo acaba eliminado pelo Corinthians nas semifinais. No Brasileirão, a equipe des-



classifica a Ponte Preta nas quartas-de-final, mas cai, novamente frente ao Corinthians, na semifinal. No jogo decisivo, Raí perde dois pênaltis, defendidos por Dida (foto).



ROGÉRIO CENI, UM GOLEIRO GOLEADOR

Quase perfeito debaixo das traves, ele tem algo a mais em relação aos outros: faz gols de falta

Quem disse que a vida de um goleiro é só levar gols? Rogério provou que pode mudar essa sina. Exímio cobrador de faltas, o são-paulino consegue fazer coisas que até muitos duvidam.

Quem poderia imaginar que em uma decisão de Campeonato Paulista um goleiro marcaria gol? Em 2000 foi assim. O São Paulo perdia por 1 a 0 para o Santos, quando surgiu uma cobrança de falta. Rogério foi lá e empatou a partida. Sem chances de defesa.

No inédito título do Rio-São Paulo de 2001, Rogério não marcou. Em compensação, fez a diferença debaixo das traves.

Goleiro do estilo de Zetti, seu antecessor e professor no clube, que prefere se colocar bem a fa-

QUEM É

ROGÉRIO CENI
Goleiro

Nome: Rogério Ceni

Nascimento: Pato Branco (PR)

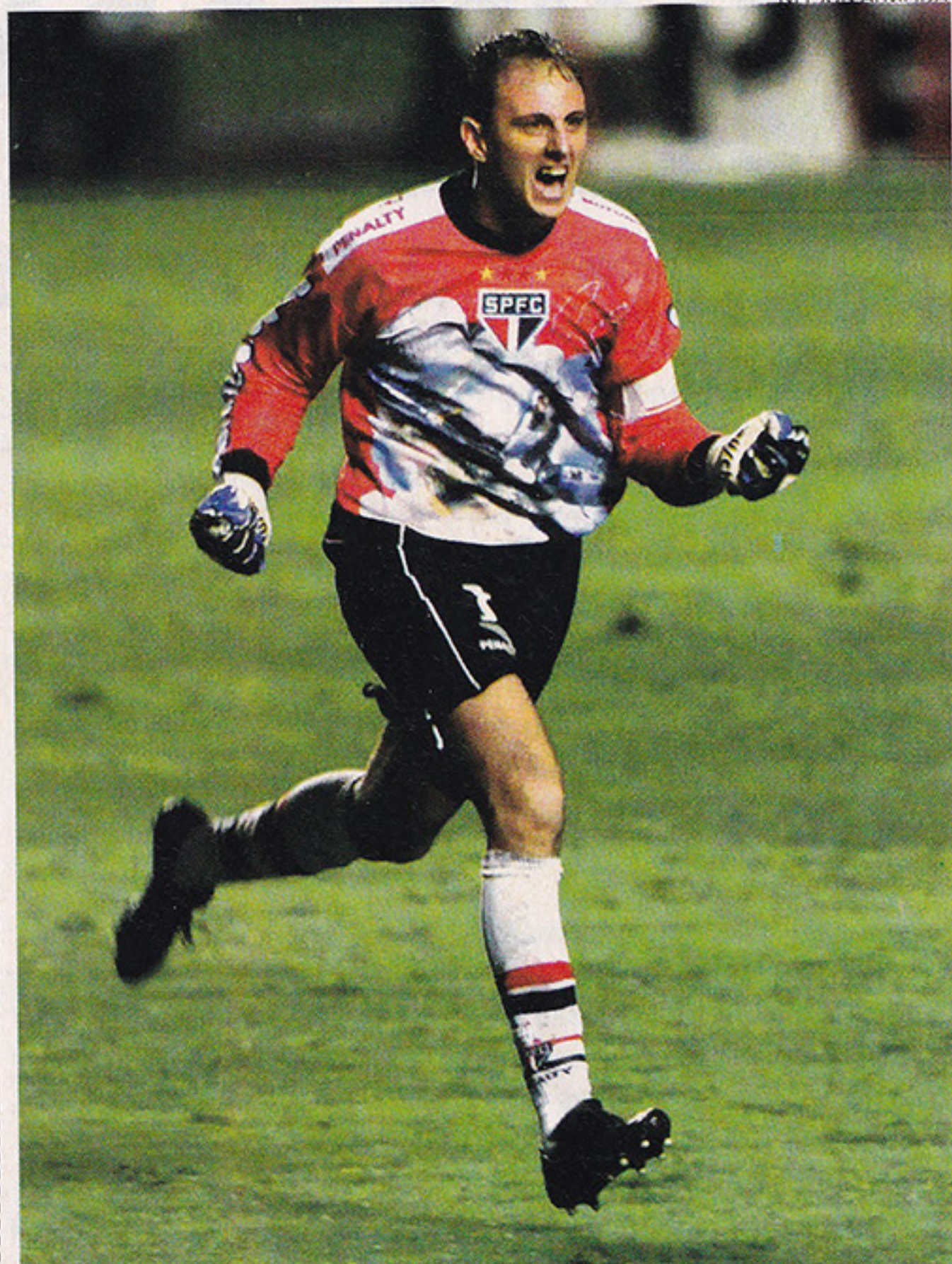
Data: 22/1/1973

Títulos pelo São Paulo: Supercopa (93), Mundial (93), Paulistinha (98 e 2000) e Rio-São Paulo (2001)

zer defesas espalhafatosas, Rogério praticamente colocou o Tricolor nas finais.

Com um Maracanã lotado de fluminenses, ele não tomou conhecimento e defendeu três cobranças de pênaltis.

Ótimo com as mãos e eficiente com os pés.



NEILSON ALMEIDA

Rogério, que também é goleador, pegou três pênaltis na semifinal



■ **Rogério Pinheiro**
dos Santos, zagueiro, nasceu em Angra dos Reis (RJ), em 21/4/72.



■ **Jean Ferreira**
Narde, zagueiro, nasceu em Feira de Santana (BA), em 18/11/79.



■ **Wilson Roberto**
dos Santos, zagueiro, nasceu em São Paulo (SP), em 4/8/75.



■ **Belletti**
- Juliano Haus Belletti, lateral-direito, nasceu em Cascavel (PR), em 20/6/76.



■ **Alexandre Benedito**
Messiano, volante, nasceu em Brotas (SP), em 19/2/79.



■ **Fabiano Pereira**
da Costa, volante, nasceu na cidade de Marília (SP), em 6/4/78.



■ **Carlos Miguel**
da Silva Junior, meia, nasceu em Bento Gonçalves (RS), em 12/6/72.



■ **Gustavo Nery**
da Silva, lateral-esquerdo, nasceu em Nova Friburgo (RJ), em 22/7/77.



■ **Luís Fabiano**
Clemente, atacante, nasceu na cidade de Campinas (SP), em 8/11/80.



■ **França**
- Francoaldo Sena de Souza, atacante, nasceu em Codó (MA), em 2/3/76.



■ **Kaká**
- Ricardo Izecson Santos Leite, meia, nasceu em Brasília (DF), em 22/4/82.



■ **Osvaldo**
Alvarez técnico, nasceu em Monte Azul Paulista (SP), em 21/8/56.

O CAMPEÃO DA DÉCADA

Com 14 vitórias e duas derrotas, São Paulo fatura o Paulista de 2000, o quarto paulista em dez anos

REGINALDO CASTRO

O Paulistão de 2000 não poderia ter ficado com outro clube. Desde o início, o São Paulo demonstrou estar melhor preparado que as outras equipes. Corinthians e Palmeiras, bicampeão brasileiro e campeão da Libertadores, respectivamente, no ano anterior, não conseguiram parar Raí e cia.

Com um bom futebol e os jogadores se dedicando ao esquema tático ofensivo implantado pelo técnico Levir Culpi, o Tricolor só perdeu duas partidas durante todo o campeonato.

Ou seja, a conquista foi mais do que merecida. Times como Portuguesa e Guarani sentiram o tamanho da força do Tricolor do Morumbi, pois esses clubes enfrentaram o São Paulo três vezes ainda durante a fase de classificação do campeonato. A equipe de Campinas perdeu os três confrontos e a Lusa conseguiu apenas empatar um deles.

Classificado para as semifinais, o São Paulo enfrentou o Corinthians. Foram duas vitórias: 2 a 1 (dois gols de Marcelinho) e 2 a 0 (os dois de Edu).

O Tricolor estava afiado para a final. Nada o poderia parar. Nem o Peixe. Há 20 anos, os dois clubes não se encontravam em finais de Paulistão. Na última vez, em 1980, o Tricolor se saiu melhor. Foi campeão e ainda ganhou no ano seguinte em cima da Ponte Preta.

Apesar da arrancada do adversário no campeonato, o time

2 SÃO PAULO

2 SANTOS

Estádio: Morumbi Data: 18/6/2000
Renda e Público: Não divulgados

São Paulo: Rogério Ceni; Belletti, Edmilson, Rogério Pinheiro e Fábio Aurélio; Maldonado, Vágner, Raí (Fabiano) e Marcelinho; Edu (C. Miguel) e Evair (S. Hiroshi) **Técnico:** Levir Culpi

Santos: Carlos Germano; Baiano, André Luiz, Claudiomiro e Rubens Cardoso (Ailton); Rincón, Anderson, Valdo (Deivid) e Robert; Caio (Márcio Santos) e Dodô **Técnico:** Giba

Gols: Dodô 29'/1º T e Rogério Ceni 39'/1º T; Rincón 9'/2º T e Marcelinho 23'/2º T

Cartão Vermelho: Anderson
Cartões Amarelos: Belletti, Raí, Baiano, Rincón, Deivid e Robert
Juizes: A. Loebeling e I. Honorato

do Morumbi soube pará-lo. O primeiro jogo, ganhou de 1 a 0, gol de França, o artilheiro da competição com 18 gols.

O São Paulo só perderia o campeonato se fosse derrotado por dois gols de diferença na partida final. O Santos até que tentou. Com o Morumbi superlotado, o Peixe saiu na frente com gol do ex-são-paulino Dodô. Rogério Ceni, de falta, empatou o jogo. Rincón ainda fez o segundo, mas novamente o Tricolor empatou com cobrança de falta, desta vez com Marcelinho, o Paraíba.

Com esse título, o São Paulo tornava-se o campeão da década, com quatro títulos (91, 92, 98 e 2000). Essa também foi a última conquista de Raí pelo clube.



Autor do gol do empate, Marcelinho Paraíba (ao centro) ergue a taça

NELSON ALMEIDA



Rogério Ceni, que fez gol de falta, toma banho de champanhe

DÉCADA DE 90

2000: Mais uma conquista no Paulista. Dessa vez, o adversário na final é o Santos. No primeiro jogo, vitória Tricolor por 1 a 0 (gol de França). No segundo, jogando pelo empate,



o São Paulo arranca um 2 a 2 e chega ao título. O goleiro Rogério Ceni e o meia Marcelinho Paraíba (foto) fizeram os gols que garantiram o título ao Tricolor do Morumbi.

Tchau

Debandada geral
Depois do Paulistão,
Álvaro, Edu,
Edmílson e Fábio
Aurélio foram
vendidos e Raí se
aposentou.



MOMENTO HISTÓRICO



Rogério Ceni faz gol e entra para a história como o único goleiro a marcar gols em finais.

A FRASE

Confirmamos uma coisa que era nossa. Tivemos a melhor campanha e merecemos o título

Levir Culpi TÉCNICO DO SÃO PAULO

Megafone

Show de títulos

Como em 80, o São Paulo foi o campeão da década de 90.



TRICOLOR FIRME E FORTE

São Paulo só perde dois jogos. Os dois para times santistas

Aproveitando-se da oportunidade de poder fazer uma boa pré-temporada, o Tricolor largou na frente de seus rivais, Corinthians e Palmeiras, no Paulistão de 2000.

Na estréia, passou pelo Botafogo, em Ribeirão Preto, por 2 a 0, gols de Raí e Evair, esse recém-emprestado do Palmeiras. Em seguida, derrotou o Verdão por 2 a 1. A regularidade manteve-se até a oitava rodada, quando perdeu para a Portuguesa santista por 3 a 1. Cinco rodadas à frente, perderia o segundo jogo no campeonato, exatamente para o Santos (2 a 1), adversário da final.

A prova de fogo foi na semifinal, contra o Corinthians, que havia desclassificado o Tricolor no Brasileiro e no Paulista de 99. A torcida exigia vingança.

E ela veio em grande estilo, com duas vitórias (2 a 1 e 2 a 0). Os tricolores lavaram a alma e a conquista ganharia um sabor especial. Agora, era o Santos.



Germano não consegue defender a cobrança de falta de Rogério Ceni

■ **Levir do Morumbi.** No primeiro semestre de 2000, o time comandado por Levir Culpi conquistou quase 70% dos pontos que disputou. Mas depois, no Brasileirão, devido à venda de vários jogadores, o São Paulo não foi regular.

■ **Despedida de gala.** O título do Paulistão de 2000 ficou marcado por ser a última conquista de Raí. Uma despedida em grande estilo. Ao todo, o craque faturou cinco títulos paulistas pelo Tricolor (89, 91, 92, 98 e 2000).

NOVO MILÊNIO

2001: O São Paulo começa o novo milênio com o pé direito. Logo no primeiro torneio, a equipe quebra um tabu e, finalmente, consegue ser campeã do Torneio Rio-São Paulo



(foto), ao vencer o Botafogo-RJ por 2 a 1, com dois gols do jovem meia Kaká. No Campeonato Paulista, porém, o time não repete as boas atuações e não chega nem às semifinais.

PAULISTÃO-00

PRIMEIRA FASE

- 8/3 - Botafogo 0 x 2 São Paulo (Evair e Raí)
- 12/3 - São Paulo 2 x 1 Palmeiras (Edu 2)
- 18/3 - União São João 2 x 2 São Paulo (França e Edmílson)
- 22/3 - São Paulo 5 x 1 Rio Branco (França 3, Marcelinho e Álvaro)
- 26/3 - São Paulo 1 x 0 União Barbarense (França)
- 1/4 - Guarani 2 x 3 São Paulo (Fábio Aurélio, Rogério e Marcelinho)
- 9/4 - São Paulo 4 x 2 Portuguesa Santista (França 3 e Rogério)
- 12/4 - Portuguesa Santista 3 x 1 São Paulo (França)
- 16/4 - São Paulo 1 x 0 Guarani (França)
- 22/4 - União Barbarense 1 x 4 São Paulo (Vagner, Marcelinho, Evair e Wilson)
- 30/4 - São Paulo 1 x 1 Portuguesa (França)
- 7/5 - Guarani 1 x 3 São Paulo (Wilson, Edu e Marcelinho)
- 10/5 - São Paulo 1 x 2 Santos (França)
- 13/5 - Santos 1 x 1 São Paulo (Edu)
- 16/5 - Portuguesa 2 x 4 São Paulo (França 3 e Marcelinho)
- 20/5 - São Paulo 3 x 0 Guarani (França 2 e Wilson)

SEMIFINAIS

- 28/5 - São Paulo 2 x 1 Corinthians (Marcelinho 2)
- 3/6 - Corinthians 0 x 2 São Paulo (Edu 2)

FINAIS

- 10/6 - Santos 0 x 1 São Paulo (França)
- 18/6 - São Paulo 2 x 2 Santos (Rogério Ceni e Marcelinho)

14

VITÓRIAS

4

EMPATES

2

DERROTAS

FRANÇA, CAMPEÃO E ARTILHEIRO

Como em 1998, o São Paulo foi o melhor. Além disso, outra vez, França foi o artilheiro do torneio

Quando chegou ao clube, em 1996, vindo do XV de Jaú, ele era um desconhecido. Ninguém nunca ouviu falar no centroavante Françoaldo Sena de Souza. Alguns meses se passaram e a história mudou completamente – França, agora, era ídolo.

Assim como em 98, quando o São Paulo foi campeão paulista e França, o artilheiro, o ano de 2000 seguiu o mesmo enredo.

Foram 18 gols, quase um por partida, que ajudaram o Tricolor a conquistar mais um título estadual, o 20º na história. Seus gols levaram-no à Seleção Brasileira, um antigo sonho.

A única frustração de França foi ter ficado fora da partida decisiva contra o Santos, na final do

QUEM É

FRANÇA
Atacante

Nome: Françoaldo Sena de Souza

Nascimento: 2/3/1976

Local: Codó (MA)

No São Paulo: Desde 96

Títulos pelo São Paulo: Paulista (98 e 2000) e Rio-SP (2001)

Paulista. Após ter marcado o gol da vitória no primeiro confronto, ele foi impedido de entrar em campo por estar com uma contratura na coxa direita.

– Foi uma situação horrível. Fiquei muito nervoso, o que não acontece quando estou dentro de campo – disse o jogador.



REGINALDO CASTRO

França foi o artilheiro do Paulistão de 2000 com 18 gols



■ **Rogério Ceni** - goleiro, (22/1/73). Pegou tudo lá atrás e ainda fez gol na final do Paulistão.



■ **Belletti** - Juliano Haus Belletti, lateral (20/6/76). Saiu do meio-campo para brilhar na lateral.



■ **Edmilson J. Gomes Moraes**, zagueiro, (10/7/76). Volante de origem, destacou-se na zaga.



■ **Álvaro de Aquino**, zagueiro (1/11/77). Firme na marcação. Foi uma revelação do Paulistão-2000.



■ **Fábio Aurélio Rodrigues**, lateral-esquerdo (24/9/79). Outro jovem que se destacou em 2000.



■ **Alexandre Benedito**, volante (19/2/79). Bom marcador e bom toque de bola.



■ **Vágner R. Nunes**, volante (19/3/73). Habilidoso e polêmico, muito querido pela torcida.



■ **Raí S. V. de Oliveira**, meia (15/5/65). Capitão e maestro absoluto do meio-de-campo tricolor.



■ **Marcelinho Paiva** - Marcelo dos Santos, meio-campo, (17/5/75). Autor do gol do título.



■ **Edu** - Luís Eduardo Schmidt, atacante, (10/1/79). Jovem, rápido e oportunista. Revelação.



■ **Evair** Aparecido Paulino, centroavante, (21/2/65). Passou experiência aos jovens e fez gols.



■ **Levir Culpi** - técnico, (28/2/53). Deu chance a jovens jogadores, como Edu, e soube armar bem o time.



CRAQUES QUE FIZERAM HISTÓRIA



A camisa do São Paulo ganhou mais eternidade quando cada um desses dez craques a vestiu dentro de campo

Do recente ídolo Raí ao inesquecível Canhoto, passando pelos uruguaio Pedro Rocha e Darío Pereyra e pelo maior artilheiro da história tricolor, Serginho, o que se vê são craques identificados com a tradição são-paulina. Sem contar a habilidade de Zé Sérgio, um dos últimos pontas tradicionais, a malícia de Müller, a visão de jogo do canhoto Gérson, a impetuosidade de Careca e a arte imortal de Leônidas da Silva. Graças a eles, o São Paulo sempre será grande, o primeiro.

PÁGINAS 52 A 61

'RAÍ, RAÍ, O TERROR DO MORUMBI'

Assim a torcida aclamava o líder do melhor time do mundo do início dos anos 90. Raí unia o útil ao agradável: ganhava títulos e jogava bonito

O São Paulo estava prestes a disputar o segundo jogo final do Paulistão de 1998. E precisava vencer o Corinthians para ganhar o título.

Quando os alto-falantes do Morumbi anunciaram a escalação de Raí, recém-chegado de Paris, parecia que a decisão estava terminada. Enquanto a massa alvinegra se calou, a torcida tricolor vibrou como se tivesse sido campeã. Sinal da total confiança que o maior jogador da história do

clube passava aos torcedores.

O irmão mais novo de Sócrates chegou ao clube em 87 e amargou dois anos de altos e baixos. Depois deixou o irmão famoso de lado e passou a jogar com os próprios pés. E tornou-se o maior craque tricolor.

Ao lado de Telê Santana, Raí é a imagem que melhor representa o São Paulo vitorioso do início da década de 90.

E técnico e jogador protagonizaram uma das cenas mais emocionantes da história tricolor: depois do segundo gol contra o Barcelona, no Mundial de 92, Raí correu para o banco abraçar Telê, que o esperava, sorridente. De gênio para mestre!

NUMERO

128

GOLS

marcou Raí com a camisa do São Paulo. É o oitavo maior artilheiro da história do clube.



Raí é a imagem que representa a fase mais gloriosa do São Paulo

QUI É RAÍ

RAÍ
Meia

Nome: Raí Souza Vieira de Oliveira

Nascimento: 15/5/1965

Local: Ribeirão Preto (SP)

No São Paulo: De 87 a 93 e de 98 a 2000

Gols: 128

Títulos pelo São Paulo: Paulista (89, 91, 92, 98 e 2000), Brasileiro (91), Libertadores (92 e 93) e Mundial Interclubes (92)

Outros clubes: Botafogo-SP (85-87), Ponte Preta (87) e Paris Saint-Germain (93-98)

Outros títulos: Francês (94), Copa da França (95 e 98) e Recopa (96) pelo PSG e Copa do Mundo (94) pela Seleção Brasileira

Na Seleção: De 87 a 94 e 98

Jogos: 48

Gols: 16

RAÍ



Pela direita, articulava as principais jogadas do São Paulo

SEM MEDO DO APITO FINAL

AGÊNCIA ESTADO

Não tinha jogo perdido para Careca. No final da prorrogação da decisão do Brasileirão de 1986, ele mostrou porque merecia a galeria tricolor

Quando chegou ao Morumbi, em 1983, Careca, já tinha sido campeão brasileiro, pelo Guarani em 78, e convocado para a Copa do Mundo de 82, na Espanha.

Cinco anos mais tarde, deixou o São Paulo como um dos maiores craques da história do clube, e a torcida, com a certeza de que, durante o período, contou com um artilheiro que sempre esteve presente quando necessário. Como no último minuto da prorrogação da decisão do Brasileirão de 86, contra o Guarani, em Campinas. O São Paulo perdia o jogo por 3 a 2 e também o título.

Careca apareceu para marcar o gol de empate - seu 25º na competição em que foi o artilheiro - e levou o jogo para os pênaltis. E deu São Paulo.

Além da conquista do Brasileirão, Careca ainda foi artilheiro e campeão paulista de 85.

Nessa época, ele formou, ao lado de Pita, Müller, Silas e Sidney, os chamados "Menudos do Morumbi", jovens jogadores vitoriosos e que ficaram conhecidos pelo futebol ofensivo.

Careca também passou por uma transformação no São Paulo: de um dos vários bons centroavantes brasileiros à condição de um dos maiores artilheiros do futebol mundial.

Condição mais do que afirmada quando disputou sua segunda Copa do Mundo, em 86, no México. Careca foi o segundo artilheiro do torneio, com cinco gols em cinco partidas.

Por essa razão, quando foi anunciado o interesse de clubes estrangeiros em sua contratação, parecia natural que o São Paulo não conseguiria segurar o jogador por muito mais tempo.

A novela se arrastou por meses, e, em 87, Careca transferiu-se para o Napoli, da Itália, para brilhar ao lado de Maradona.

NÚMERO

112

GOLS

marcou Careca no período em que defendeu o São Paulo. Ele é o décimo artilheiro do clube.



O centroavante Careca era um dos "Menudos do Morumbi"

QUEM É CARECA

CARECA
Centroavante

Nome: Antônio de Oliveira Filho

Nascimento: 5/10/1960

Local: Araraquara (SP)

No São Paulo: De 83 a 87

Jogos: 188

Gols: 112

Títulos pelo São Paulo: Paulista (85) e Brasileiro (86)

Outros clubes: Guarani (78-82), Napoli (87-93), Kashiwa (94-96), Santos (97), Campinas

(98) e São José-RS (99)

Outros títulos: Brasileiro (78) pelo Guarani, Copa da Uefa (89), Copa da Itália (89) e Italiano (90) pelo Napoli

Na Seleção: De 82 a 94

Jogos: 68

Gols: 30

Copa do Mundo: Disputou os torneios mundiais de 86, no México, e de 90, na Itália.

CARECA



Atuava à frente da área, mas buscava jogo nas pontas também



O GRINGO SOBERANO DO MEIO-CAMPO

Nos anos 70, o uruguaio Pedro Rocha mostrou raça e genialidade com a camisa do São Paulo. Foi um dos maiores camisas 10 do Morumbi

Quando um jogador consegue unir técnica e raça, o resultado não pode ser outro: craque.

Descrever um craque é sempre uma tarefa difícil. E falar da eficiência de Pedro Rocha se enquadra nessa situação.

Contratado pelo São Paulo em agosto de 70, depois de já ter conquistado fama com a camisa da seleção uruguaia, o meia encantou os brasileiros com seu futebol clássico. Assim provou e

comprovou ser um dos cinco melhores jogadores do mundo, como apontara a Fifa em 1968.

Sua especialidade era bater faltas. Quando havia uma falta para o São Paulo na intermediária, os torcedores já diziam: é caixa. Ou seja, certeza de gol. Pedro Rocha não perdia oportunidades.

Mas ele não vivia só de bater faltas. Era bom lançador também e se posicionava bem na área adversária.

Com muita categoria, foi um dos maiores camisas 10 da história do São Paulo.

NUMERO

375

JOGOS

disputou Pedro Rocha com a camisa do São Paulo em sete anos de clube.



Na opinião de Pelé, Pedro Rocha foi um dos cinco maiores jogadores da história

QUI É ELE?

PEDRO ROCHA
Meia

Nome: Pedro Virgílio Rocha Franchetti

Nascimento: 3/12/1942

Local: Salto (URU)

No São Paulo: De 70 a 77

Jogos: 375 (113 gols)

Títulos pelo São Paulo: Campeonato Paulista (70, 71 e 75)

Outros clubes: Peñarol (59 a 70), Coritiba (78), Palmeiras (79), Bangu (79), Monterrey-

MEX (80), Al-Nasser da Arábia Saudita (80)

Outros títulos: Uruguaio (60, 61, 62, 63, 65, 67 e 68) pelo Peñarol e Paranaense (78) pelo Coritiba

Na seleção uruguaia: Copas de 62, 66, 70 e 74

Jogos: 75

Gols: 16

Títulos: Sul-Americano (67)

PEDRO ROCHA



Caía mais pelo lado esquerdo do campo servindo ao ataque

O SUPERCAMPEÃO TRICOLOR

AGÊNCIA ESTADO

Müller é um dos jogadores que mais ganhou títulos com a camisa do São Paulo. E ainda foi o autor do gol milagroso no bi mundial em 1993

Müller rodou por vários clubes, mas foi no São Paulo que fez história. Foram três passagens (1984 a 88, 91 a 94 e 96). A saída na última foi forçada, mas não poderia haver carreira mais vitoriosa.

O atacante é um dos jogadores que, até hoje, conquistou mais títulos com a camisa do Tricolor do Morumbi. Foram 12 títulos, entre eles o bicampeonato mundial (92 e 93) e da Libertadores (92 e 93), quatro títulos paulistas (85, 87, 91 e 92), e dois brasileiros (86 e 91).

Durante muito tempo, Müller foi chamado de pé-quente. Pois, quando chegava a finais, não perdia. A única decisão fr cassada foi em 94 para o Vélez Sarsfield (ARG), valendo o tricampeonato da Libertadores. Mas foi neste ano que chegou ao auge da carreira. Com a Seleção, participou da campanha vitoriosa da Copa do Mundo de 94, nos EUA.

Com o passar dos anos, Müller foi mostrando que, além de craque, era um jogador inteligente. No início da carreira, atuava como ponta-direita, depois foi procurando um melhor posicio-

namento conforme o adversário. Na volta ao São Paulo, em 91, Telê o colocou para jogar pelo lado esquerdo. Não decepcionou.

Nas duas finais que o São Paulo chegou em Tóquio, deixou sua marca. Na primeira, em 92, contra o Barcelona, deu um drible fantástico em Ferrer. No ano seguinte, mostrando oportunismo, acreditou numa bola praticamente perdida que o goleiro Rossi largou em seus pés.

Na comemoração, respondeu às provocações do zagueiro Costacurta: "Questo gol é per te, buf-fone!" (Este gol é pra você, palhaço!).

Grazie, signore!

NUMERO

12

TÍTULOS

conquistou Müller no São Paulo, em três passagens pelo clube que duraram oito anos.



A única final que Müller perdeu foi a Libertadores de 94, para o Vélez

QUEM É ELE

MÜLLER
Atacante

Nome: Luís Antônio Corrêa da Costa

Nascimento: 31/1/1966

Local: Campo Grande (MS)

No São Paulo: 84 a 88, 91 a 94 e 96 (379 jogos e 158 gols)

Títulos pelo São Paulo: Paulista (85, 87, 91 e 92), Brasileiro (86 e 91), Libertadores (92 e 93), Mundial (92 e 93) Supercopa (93) e C. Mundiais (96)

Outros clubes: Torino (88 a 91), Kashiwa Reysol (95), Palmeiras (95 e 96), Perugia (97), Santos (97 e 98), Cruzeiro (98 a 2000), Corinthians (2000 e 01) e São Caetano (desde 2001)

Outros títulos: Paulista (96) pelo Palmeiras, Copa Centro-Oeste (99) e Copa do Brasil (2000) pelo Cruzeiro, Copa do Mundo (94) pela Seleção

MÜLLER



Arrancava pelo lado esquerdo sempre em direção ao gol

O MAIOR ARTILHEIRO TRICOLOR

Revelado pelo São Paulo em 1973, Serginho atinge a marca de 242 gols em quase dez anos de clube. Recorde que ainda se mantém até hoje

Em uma atitude inesperada, Serginho chutou a canela de um bandeirinha que havia anulado um gol do São Paulo no jogo contra o Botafogo, de Ribeirão Preto, na fase final do Brasileirão de 1977. A consequência disso foi uma suspensão de 14 meses, que o tirou da final daquele campeonato e da Copa do Mundo de 78.

Serginho, que ganhou o apelido de Chulapa por causa do tamanho de seu pé 44, era assim:

explosivo. Agia e não media as consequências. Mesmo depois de parar de jogar, continuou dessa forma. Já técnico, atingiu um jornalista com uma cabeçada dentro do vestiário.

Mas, quando precisava, Serginho chamava a responsabilidade para si. Isso aconteceu no título paulista de 75, quando, aos 22 anos, foi o artilheiro do campeonato e o principal jogador do time, fazendo 23 gols.

No Brasileirão de 77, só não foi artilheiro porque Reinaldo, do Atlético-MG, atravessava o melhor fase e marcou 28 gols no total. Serginho foi vice, com 18.

Revelado pelo São Paulo, Serginho tornou-se o maior artilheiro da história tricolor com a marca de 242 gols em quase dez anos (de 73 a 82).

E esse recorde ainda não foi batido até hoje.

NÚMERO

242

GOLS

marcou Serginho com a camisa do São Paulo. Nenhum outro jogador superou a marca.

QUEM É ELE

SERGINHO
Centroavante

Nome: Sérgio Bernardino

Nascimento: 23/12/1953

Local: São Paulo (SP)

No São Paulo: De 73 a 82

Jogos: 393

Gols: 242

Títulos pelo São Paulo: Campeonato Paulista (75, 80 e 81) e Brasileirão (77)

Outros clubes: Marília (73), Santos (83 e 84, 86, 88 e 90),

Corinthians (85), Marítimo (87), Atlético de Sorocaba (89), Portuguesa Santista (91), São Caetano (91 a 93)

Outros títulos: Paulista (84) pelo Santos

Na Seleção: De 79 a 82

Jogos: 20

Gols: 8

Copa do Mundo: Disputou o Mundial de 82, na Espanha



Serginho defendeu o São Paulo de 73 a 82 e ganhou quatro títulos

SERGINHO CHULAPA



Especialidade: jogar de costa para o gol, esperando a hora de marcar

O DIAMANTE NEGRO É ETERNO

ARQUIVO DO ESTADO

Leônidas chega ao São Paulo em 1942, conquista cinco títulos paulistas e prova que era mesmo o melhor jogador brasileiro da época

É impossível falar de Leônidas e não citar sua invenção: a bicicleta. Alguns contestam que ele tenha sido o criador dessa mágica jogada, mas ninguém ousa contrariar que ele foi um dos maiores centroavantes da história do futebol brasileiro.

Antes do surgimento de Pelé, ele era considerado o maior jogador do país. Em meados da década de 60, aborreceu-se com um jornalista que lhe teria dito que Pelé já era o melhor jogador do Brasil de todos os tempos. O ex-craque não admitiu a afirmação.

Enquanto jogou, Leônidas da Silva foi genial. Disputou as Copas do Mundo de 1934 e 38, sendo o artilheiro da última com oito gols. Sua popularidade era tão alta que inspirou o nome de um chocolate: Diamante Negro, como era o seu apelido.

Leônidas chegou ao São Paulo aos 29 anos, já tido como velho, e ficou até encerrar a carreira, em 1950. Em sua estréia, em maio de 1942, no Pacaembu, mais de 70 mil pessoas se espremeram para assistir ao melhor jogador do momento. O jogo foi

contra o Corinthians e terminou 3 a 3, sem gols do centroavante.

Ele consagrou-se no clube na gloriosa equipe que conquistou cinco títulos estaduais (43, 45, 46, 48 e 49) na década de 40, intitulada de Década de Ouro. Em nenhuma outra oportunidade o clube conseguiu ganhar cinco títulos estaduais em apenas uma década.

Sua despedida definitiva do futebol foi em 51, com quase 40 anos. Leônidas teve uma carreira brilhante, conquistando títulos por quase todos os clubes que passou. No total, marcou 406 gols, 140 deles pelo Tricolor.

Depois que encerrou a carreira, tornou-se comentarista esportivo e técnico, inclusive treinando o próprio São Paulo.

NÚMERO

140

GOLS

marcou o centroavante Leônidas em sua brilhante passagem pelo São Paulo.



Leônidas, o Diamante Negro, encantou a torcida com suas bicicletas

QUEM É ELE

LEÔNIDAS
Centroavante

Nome: Leônidas da Silva
Apelido: Diamante Negro
Nascimento: 6/9/1913
Local: Rio de Janeiro (RJ)
No São Paulo: De 42 a 51
Jogos: 211
Gols: 140
Títulos pelo São Paulo: Campeonato Paulista (43, 45, 46, 48 e 49)
Outros clubes: Bonsucesso-RJ

(31 e 32), Peñarol-URU (33), Vasco (34), Botafogo (35 e 36) e Flamengo (36 a 41)
Outros títulos: Carioca (34) pelo Vasco, Carioca (35) pelo Botafogo e Carioca (39) pelo Flamengo
Seleção Brasileira: De 32 a 46
Gols: 37
Copa do Mundo: Disputou o Mundial de 34 e de 38.

LEÔNIDAS



**GÉRSON**

CANHOTA E RESPOSTA DE OURO

Em apenas dois anos de clube, as glórias consagraram Gérson como um dos maiores jogadores tricolores de todos os tempos

Contratado no final de 1969 como o maior reforço do São Paulo para o Paulistão do ano seguinte, a imprensa paulista não hesitou em criticar o investimento. Diziam: “chegou o Gérson. Mastigaram, mastigaram e jogaram o bagaço aqui em São Paulo”. Erro mortal.

Era o bairrismo falando mais alto. Nascido em Niterói (RJ), revelado e consagrado por Flamengo e Botafogo, Gérson era cra-

que. Por causa disso, mesmo aos 29 anos, ele não poderia ser subestimado.

Jogador de personalidade forte, Gérson não se abateu, e ainda deu moral aos jovens jogadores do São Paulo. Um casamento de sucesso. O Tricolor do Morumbi foi bicampeão paulista em 70 e 71, calando os críticos.

— Quando fui embora, era tricampeão mundial, e os mesmos que me criticaram quando eu cheguei lamentaram a minha saída do futebol paulista — desabafou o meia, anos mais tarde.

Conhecido como “Canhotinha de Ouro” por sua rara habilidade com o pé esquerdo, seus passes precisos de 40 metros, o maior lançador do futebol brasileiro, com apenas dois anos de clube, imortalizou-se como um dos maiores jogadores da história do São Paulo.

Com a camisa do São Paulo, de 70 a 72, Gérson ganhou dois títulos paulistas



ARQUIVO DO ESTADO

NUMERO



JOGOS

Gérson jogou com a camisa do São Paulo, marcando 12 gols em dois anos.

QUEM É

GERSON
Meia

Nome: Gérson de Oliveira Nunes

Nascimento: 11/1/1941

Local: Niterói (RJ)

No São Paulo: De 69 a 72

Jogos: 75

Gols: 12

Títulos pelo São Paulo: Paulista (70 e 71)

Outros clubes: Flamengo (60 a 62), Botafogo (62 a 70) e Flu-

minense (73 e 74)

Outros títulos: Carioca (67 e 68) pelo Botafogo, Carioca (73) pelo Fluminense

Na Seleção: De 61 a 72

Jogos: 71

Gols: 14

Copa do Mundo: Disputou o Mundial de 66, na Inglaterra, e de 70, no México, quando foi campeão.

GÉRSON



Atuava mais pelo lado esquerdo do campo armando as jogadas da equipe

DOM DE JOGAR FUTEBOL

AGÊNCIA ESTADO

Eficiente no meio-campo e magistral na defesa, ele recebeu da torcida tricolor o título de Dom Darío Pereyra por causa de sua técnica e raça

Em 17 de outubro de 1977, chegava a São Paulo o jovem Alfonso Darío Pereyra Bueno, mais conhecido como Darío Pereyra. O rapaz uruguaio vinha ao Morumbi como a principal contratação daquele ano.

Não era para menos. Tido como a principal revelação no Uruguai nos últimos anos, o clube investiu na promessa, revelada pelo Nacional, para chegar ao inédito título nacional.

Não se decepcionou. No início, Darío teve dificuldades de adaptação, mas, aos poucos, foi reencontrando seu melhor futebol. Jogando com o mesmo número da camisa que consagrou seu compatriota Pedro Rocha, a 10, logo ganhou a confiança do então técnico Rubens Minelli.

Mesmo com boas atuações no meio-campo, Darío Pereyra foi encontrar seu melhor futebol como zagueiro. O mesmo Minelli fez um teste e o improvisou na quarta-zaga. Ele arrebentou. E nunca mais abandonou a posição na defesa.

Sempre mostrando liderança dentro de campo, aos 21 anos já

era o capitão da seleção uruguaia. No São Paulo, a história não era diferente.

E, com a chegada do zagueiro-central Oscar, em 80, seu futebol decolou de vez. Juntos, os dois craques formaram a maior dupla de defensores da história do clube.

As boas atuações, o futebol técnico e a raça, típica dos jogadores de seu país, o levaram a ser chamado de Dom Darío Pereyra. Uma justa homenagem ao jogador que, enquanto representou as cores do São Paulo, mostrou muito amor à camisa.

Além de ser um jogador magistral, Darío ganhou vários títulos pelo Tricolor, entre eles, Paulista (80, 81, 85 e 87) e Brasileiro (77 e 86).

NUMERO



TÍTULOS

ganhou Darío Pereyra pelo São Paulo nos quase 11 anos em que defendeu o clube.

No São Paulo de 77 a 87, Darío Pereyra ganha seis títulos com a camisa tricolor



QUEM É ELE

DARÍO PEREYRA
Meia e zagueiro

Nome: Alfonso Darío Pereyra Bueno

Nascimento: 19/10/1956

Local: Sauce (URU)

No São Paulo: De 77 a 88

Jogos: 402

Gols: 39

Títulos pelo São Paulo: Campeonato Paulista (80, 81, 85 e 87) e Brasileiro (77 e 86)

Outros clubes: Nacional (75),

Flamengo (88), Palmeiras (89) e Matsushita (90 a 93)

Na seleção uruguaia: Darío Pereyra disputou a Copa do Mundo de 86, no México

Características: Era craque na bola e na raça. Tinha uma velocidade incrível e um chute muito forte, além de ser grande defensor e grande armador.

DARÍO PEREYRA



Jogava pelo lado esquerdo da defesa fechando aquele setor

Movimentação
Bola
Jogador



O GARRINCHA DA PONTA ESQUERDA

Considerado por muitos um dos melhores jogadores da posição da história do futebol brasileiro, não teve muitas chances na Seleção

Antigamente, para se ver uma partida de futebol, os torcedores, em sua maioria, se deslocavam aos estádios de bonde. A paixão pelo esporte mais popular do país é antiga. Valia a pena presenciar os grandes times e ver os ídolos se apresentarem.

Havia jogadores como Zizinho, Didi, Garrincha, Pelé, entre outros, que atraíam torcedores de outros clubes também. Com José Ribamar de Oliveira, o Ca-

nhoteiro, a história era a mesma. Seu futebol vistoso chamava a atenção dos amantes do futebol.

Era canhoto, como o próprio apelido indicava, mas não um canhoto qualquer. O que aquela perna esquerda fazia era fora do normal. O que ele mais gostava era driblar os zagueiros. Muitos dizem, até hoje, que ele foi o Garrincha da ponta-esquerda.

Para um jogador receber essa comparação, algo de especial ele deveria ter. Certa vez, o cantor e compositor Chico Buarque, juvenilino, revelou que ia ao Pacaembu para ver o craque jogar.

Canhoteiro foi um dos primeiros jogadores no país a ter um fã-club. Sua fama só não foi maior porque não teve muitas chances na Seleção Brasileira. Os preferidos eram Zagallo e Pepe. Mas isso não acabou com a magia de Canhoteiro.

NUMERO

ANOS

Canhoteiro jogou pelo São Paulo, a única equipe que defendeu em toda a carreira.

ARQUIVO DO ESTADO



Com a camisa do São Paulo, Canhoteiro marcou 102 gols

QUEM É

CANHOTEIRO
Ponta-esquerda

Nome: José Ribamar de Oliveira
Nascimento: 24/9/1932
Local: Coroatá (MA)
Falecimento: 16/8/1974
Local: São Paulo (SP)
No São Paulo: De 55 a 63
Jogos: 383
Gols: 85
Títulos: Campeonato Paulista (57)

Na Seleção: De 55 a 59
Jogos: 15
Gols: 1
Copa do Mundo: Nenhuma
Curiosidades: Agnelo Di Lorenzo, historiador do São Paulo lembra que Canhoteiro distribuía laranja para os colegas com os pés e fazia embaixadas com uma moeda até colocá-la no bolso

CANHOTEIRO



O QUERIDINHO DA TORCIDA

Revelado no clube, o ponta Zé Sérgio sempre foi um dos preferidos dos torcedores são-paulinos. Ganhou três títulos e foi à uma Copa do Mundo

O jogo estava apertado, o time adversário fazendo forte marcação e o São Paulo não conseguia chegar ao gol do inimigo. Então a torcida gritava: "toca pro Zé".

A confiança era tanta no habilidoso e veloz ponta-esquerda Zé Sérgio que a torcida sempre depositava suas esperanças nele. Ele, por sua vez, muitas vezes agradecia fazendo grandes jogadas que resultavam em gols.

Revelado em 1977 pelo próprio São Paulo, caiu nas graças da torcida logo em seu primeiro ano como profissional. O São Paulo chegou ao primeiro título nacional e o jovem atacante tornou-se um dos destaques da equipe. O que o levou, no ano seguinte, a ser convocado para a Copa do Mundo de 78, na Argentina.

Apesar de ter se envolvido em um polêmico caso de doping em 80, viveu a melhor fase de sua carreira no ano seguinte. Ao disputar o Mundialito, no Uruguai, foi o principal jogador do torneio e também considerado o melhor do mundo na época.

Durante a carreira, enfrentou dificuldades com contusões. A

mais grave foi no joelho, afastando-o várias vezes dos gramados. Por isso, não pôde disputar a Copa de 82, na Espanha.

Até sair do São Paulo, em 84, quando se transferiu para o Santos, Zé Sérgio contou sempre com o apoio dos torcedores, que o incentivavam a não parar de jogar futebol.

O que o torcedor via nele para demonstrar tanto carinho? Habilidade, determinação, persistência. Todo e qualquer torcedor quer em seu time um jogador que mostre qualidade e se identifique com a camisa que joga. O Zé se enquadrava perfeitamente nesse estilo.

E essa parceria deu certo. Foram dois títulos paulistas (80/81) e um brasileiro (77).

NÚMERO

20

ANOS

Tinha Zé Sérgio quando foi promovido ao profissional, em 77, e ganhou o Brasileiro.



Zé Sérgio foi considerado o melhor jogador do mundo em 1981

QUEM É

ZE SÉRGIO

Ponta-esquerda

Nome: José Sérgio Presti

Nascimento: 8/3/1957

Local: São Paulo (SP)

No São Paulo: De 77 a 84

Jogos: 348

Gols: 51

Títulos pelo São Paulo: Brasileiro (77) e Paulista (80 e 81)

Outros clubes: Santos (84 a 87), Vasco (87) e Nissan (87 a 92)

Outros títulos: Paulista (84) pelo Santos e Carioca (87) pelo Vasco

Na Seleção: De 78 a 81

Jogos: 30

Gols: 5

Copa do Mundo: Disputou o Mundial de 78, na Argentina, como reserva. Contundido, não foi à Copa da Espanha, 82

ZÉ SÉRGIO



MOMENTOS INESQUECÍVEIS

DANIEL AUGUSTO JR.



Aristizabal exhibe os cravos da chuteira para o jogador do Colo-Colo

CAETANO BARREIRA



O meia Kaká mostra raça na disputa de bola com Chris, do Botafogo

TIAGO BONILHA



Raí homenageia Franca, que fez três dos 5 a 1 sobre o Rio Branco



Mário Sérgio comemora goleada sobre o Palmeiras, em 82, por 6 a 2



Depois de encerrar a carreira, Leônidas se torna técnico e dirige o São Paulo

AGÊNCIA ESTADO



O lateral uruguaio Forlan arrasta torcedores na comemoração do bi paulista de 70/71

AGÊNCIA ESTADO



O centroavante Careca passa pelo zagueiro adversário com tranquilidade; Pita, ao fundo, só observa



Na conquista inédita do Rio-São Paulo 2001, o zagueiro Jean observa o goleiro Wagner, do Botafogo, se esticar todo para tentar pegar a bola que tinha destino certo: o gol. Tricolor vence a partida por 2 a 1 de virada e fica com a taça de campeão

DANIEL AUGUSTO JR.



O meia Carlos Miguel marca o segundo do São Paulo na partida contra o Atlético-MG, no Morumbi, válida pela Copa João Havelange de 2000 e vibra

DANIEL AUGUSTO JR.



Denílson supera o corintiano Gamarra, na final do Paulistão de 98, e deixa França à vontade para marcar o gol título



O atacante Mirandinha, em disputa com o zagueiro do América de São José do Rio Preto, leva a pior no lance

ARQUIVO ESTADO



Riberto e De Sordi comemoram com a faixa de campeão paulista de 1957, conquistado contra o Corinthians



A torcida uniformizada Tusp, a primeira do Brasil, incentiva o São Paulo e faz a festa nas arquibancadas com sua tradicional banda

ARQUIVO ESTADO



O meia Sarará beija o companheiro e ídolo Zizinho na comemoração pela conquista do Paulistão de 1957. Na final, venceu o Corinthians por 3 a 1

TODAS AS CAMPANHAS

	J	V	E	D	GP	GCCO	
MUNDIAL INTERCLUBES							
1992	1	1	0	0	2	1	1°
1993	1	1	0	0	3	2	1°
LIBERTADORES							
1972	10	4	4	2	14	9	SF
1974	13	8	3	2	25	9	2°
1978	6	1	3	2	7	5	1F
1982	6	2	2	2	6	6	1F
1987	6	1	2	3	9	13	1F
1992	14	8	3	3	20	9	1°
1993	8	4	2	2	13	6	1°
1994	8	4	2	2	10	8	2°
SUPERCOPA							
1992	4	1	1	2	6	6	4
1993	8	3	4	1	12	9	1°
1994	6	3	1	2	9	6	SF
1995	6	4	0	2	7	7	4
1996	2	1	0	1	3	3	1F
1997	10	4	3	3	19	12	2°
RECOPA							
1992	2	0	2	0	0	0	1°
1993	1	1	0	0	3	1	1°
MERCOSUL							
1998	6	2	1	3	8	12	1F
1999	6	3	1	2	11	8	1F
2000	6	2	1	3	13	13	1F
CONMEBOL							
1994	8	3	3	2	15	11	1°
ROBERTÃO							
1967	14	3	7	4	18	13	10°
1968	16	4	6	6	23	24	11°
1969	16	4	4	8	22	27	15°
1970	16	3	5	8	14	20	14°
CAMPEONATO BRASILEIRO							
1971	27	10	10	7	26	23	2°

	J	V	E	D	GP	GCCO	
1972	28	13	6	9	49	32	9°
1973	40	17	18	5	46	22	2°
1974	24	8	13	3	25	15	10°
1975	28	11	14	3	35	21	5°
1976	13	4	4	5	15	13	28°
1977	21	13	4	4	40	15	1°
1978	26	10	8	8	42	25	19°
1980	18	8	8	2	36	22	9°
1981	23	13	6	4	32	15	2°
1982	18	11	1	6	43	23	6°
1983	22	13	5	4	47	17	5°
1984	14	6	6	2	23	14	17°
1985	20	7	6	7	36	39	27°
1986	34	17	13	4	62	22	1°
1987	15	7	3	5	21	12	6°
1988	23	9	8	6	21	18	11°
1989	19	7	9	3	25	16	2°
1990	25	10	7	8	24	18	2°
1991	23	12	7	4	28	15	1°
1992	25	10	7	8	28	23	12°
1993	20	9	8	3	27	17	4°
1994	27	12	8	7	42	35	6°
1995	23	9	6	8	26	23	12°
1996	23	9	8	6	39	32	11°
1997	25	8	9	8	41	32	13°
1998	23	8	3	12	34	35	15°
1999	26	14	2	10	53	36	4°
2000	26	10	10	6	48	38	8
COPA DO BRASIL							
1990	6	3	2	1	5	3	6°
1993	6	2	2	2	11	10	8°
1995	7	3	3	1	13	6	6°
1996	3	2	1	0	7	3	10°
1997	4	2	1	1	8	6	13°

	J	V	E	D	GP	GCCO	
1998	6	3	2	1	12	5	5°
1999	4	2	1	1	10	5	10°
2000	12	8	2	2	28	13	2°
2001	7	5	0	2	24	9	5°
COPA DOS CAMPEÕES							
2000	4	2	1	1	5	4	SF
2001	6	5	0	1	21	10	2°
RIO-SÃO PAULO							
1933	22	15	2	5	69	31	2°
1950	7	2	1	4	18	23	6°
1951	7	0	2	5	8	18	8°
1952	9	3	2	4	15	18	7°
1953	9	4	2	3	12	9	3°
1954	9	4	2	3	10	11	4°
1955	9	2	2	5	11	16	9°
1957	9	3	2	4	14	12	7°
1958	9	4	2	3	28	19	4°
1959	9	4	2	3	23	22	5°
1960	9	2	3	4	11	19	7°
1961	9	2	3	4	12	16	8°
1962	6	2	3	1	9	7	2°
1963	9	3	2	4	11	16	8°
1964	9	1	2	6	8	21	10°
1965	16	7	2	7	32	33	2°
1966	9	5	0	4	14	11	5°
1997	4	0	2	2	4	7	4°
1998	10	2	5	3	14	15	2°
1999	8	5	1	2	12	9	3°
2000	8	4	0	4	12	17	4°
2001	8	6	1	1	15	10	1°
CAMPEONATO PAULISTA							
1930	26	16	9	1	77	27	2°
1931	26	20	5	1	92	31	1°
1932	11	8	1	2	33	12	2°

■ **O Auge.** O período em que o São Paulo ganhou mais títulos em toda a sua história foi a primeira metade da década de 90. De todos os torneios conquistados, os que tiveram maior importância para o clube foram as duas conquistas da Libertadores e do Mundial Interclubes em 1992 e 93. O São Paulo confirmou a supremacia derrubando as fortes equipes do Milan (ITA) e do Barcelona (ESP), nas disputas em Tóquio, no Japão.

■ **Primeiro passo.** Com a conquista do Brasileirão de 1991, em duas finais muito disputadas contra o Bragantino (1 a 0 e 0 a 0), o São Paulo, além de chegar ao tricampeonato brasileiro, adquiriu o direito de disputar a Libertadores do ano seguinte. Foi o primeiro passo para o clube atingir o antigo sonho de chegar a Tóquio. Não só conseguiu em 92, como voltou em 93 para se tornar bicampeão mundial.

■ **Título inédito.** Depois de 24 tentativas, o São Paulo finalmente conquistou o tão sonhado Torneio Rio-São Paulo, em 2001. Sob o comando do técnico Osvaldo Alvarez, o Vadão, o time bateu o Botafogo na final, com duas vitórias (4 a 1 no Maracanã e 2 a 1 no Morumbi). O Tricolor ainda revelou vários novos craques, como o meia Kaká, o volante Júlio Baptista e o zagueiro Jean. Kaká foi o autor dos dois gols da decisão.



Ano a ano, confira os principais campeonatos disputados pelo São Paulo ao longo de sua história, desde 1930, ano da primeira fundação do clube, até o fim do primeiro semestre de 2001

	J	V	E	D	GP	GC	CO		J	V	E	D	GP	GC	CO
1933	14	11	1	2	62	16	2°		1968	26	11	6	9	39	36 4°
1934	14	10	3	1	34	12	2°		1969	29	17	3	9	47	32 3°
1936	20	7	2	11	29	37	8°		1970	18	12	3	3	29	15 1°
1937	9	4	0	5	8	11	7°		1971	22	17	2	3	39	17 1°
1938	10	6	2	2	30	13	2°		1972	22	14	8	0	32	7 2°
1939	20	10	1	9	38	28	5°		1973	22	6	9	7	22	20 8°
1940	20	9	1	10	42	41	6°		1974	26	12	10	4	28	15 4°
1941	20	13	5	2	55	32	2°		1975	35	26	7	2	60	16 1°
1942	20	15	2	3	77	28	3°		1976	28	12	10	6	39	16 3°
1943	20	15	3	2	63	22	1°		1977	46	23	13	10	73	36 3°
1944	20	13	3	4	69	32	2°		1978	51	23	16	13	59	48 2°
1945	20	17	2	1	70	20	1°		1979	43	16	15	12	46	37 7°
1946	20	17	3	0	62	20	1°		1980	44	22	13	9	55	33 1°
1947	20	8	9	3	48	27	4°		1981	56	28	12	16	82	45 1°
1948	20	16	2	2	54	19	1°		1982	40	23	9	8	64	36 2°
1949	22	16	4	2	70	23	1°		1983	48	16	18	6	70	39 2°
1950	22	13	5	4	54	26	2°		1984	38	20	13	5	52	23 3°
1951	28	17	3	8	46	34	4°		1985	42	23	12	7	72	29 1°
1952	30	21	4	5	66	31	2°		1986	38	11	20	7	50	36 7°
1953	28	24	2	2	70	21	1°		1987	42	17	18	7	61	42 1°
1954	26	15	5	6	46	29	3°		1988	25	13	6	6	43	26 3°
1955	26	16	6	4	72	37	3°		1989	29	14	11	4	37	16 1°
1956	19	13	4	2	58	25	2°		1990	23	8	7	8	22	17 16°
1957	18	13	4	1	53	24	1°		1991	34	21	12	1	66	27 1°
1958	38	25	10	3	93	39	2°		1992	34	21	9	4	63	29 1°
1959	38	22	9	7	79	38	3°		1993	36	20	7	9	67	30 3°
1960	34	13	11	10	74	54	8°		1994	30	16	9	5	66	38 2°
1961	30	18	5	7	73	40	3°		1995	36	17	10	9	51	35 5°
1962	30	19	5	6	66	35	3°		1996	30	16	7	7	54	35 2°
1963	30	18	8	4	56	26	2°		1997	26	12	11	3	56	28 2°
1964	30	12	9	9	51	40	5°		1998	14	11	1	2	40	15 1°
1965	30	13	7	10	52	32	5°		1999	18	12	4	2	47	23 3°
1966	28	12	10	6	45	35	5°		2000	20	14	4	2	45	22 1°
1967	27	16	9	2	54	17	2°		2001	15	6	3	6	32	26 6°

■ **Década de Ouro.** Até hoje, o maior número de títulos estaduais conquistados em um década pelo São Paulo foram nos anos 40. Em 1943, 45, 46, 48 e 49, o "Rolo Compressor", como foi chamado o time várias vezes campeão, conquistou o Paulista de forma espetacular. O famoso ataque, com Luizinho, Sastre, Leônidas, Remo e Teixeira – mais tarde também com Friaça –, deixou muito zagueiro com dor de cabeça.

■ **Consagração dos Menudos.** Em 1987, o São Paulo já não contava mais com Careca, o ídolo no início dos anos 80. Porém, Müller e Silas permaneceram no elenco. Foram as armas mortais para a campanha vitoriosa do Paulistão de 87. Nas fases decisivas, os craques são-paulinos, dirigidos por Cilinho, não tomaram conhecimento de Palmeiras e Corinthians e faturaram o 15º título paulista do clube.



TÍTULOS PAULISTAS

ganhou o São Paulo desde o ano de sua fundação. O último da galeria foi o Paulistão de 2000, vencido sobre o Santos.



TÍTULOS BRASILEIROS

conquistou o São Paulo (1977, 86 e 91). O clube é também o que mais vezes disputou finais nacionais. Ao todo, foram oito vezes.



TÍTULOS

do Mundial Interclubes e da Libertadores tem o São Paulo. O Tricolor conquistou suas maiores glórias nos anos de 1992 e 93.

LEGENDA

- J - Jogos
- V - Vitórias
- E - Empates
- D - Derrotas
- GP - Gols Pró
- GC - Gols Contra
- CO - Colocação
- SF - Semifinalista
- 1F - 1ª Fase
- 2F - 2ª Fase
- 8 - Oitavas-de-final
- 4 - Quartas-de-final

TODOS OS CAMPEÕES

MUNDIAL INTERCLUBES

1992 – Zetti; Vítor, Adílson, Ronaldão e Ronaldo Luís; Pintado, Cerezo, Cafu e Raí; Müller e Palhinha

1993 – Zetti; Cafu, Válber, Ronaldão e André Luiz; Dinho, Doriva, Cerezo e Leonardo; Müller e Palhinha

LIBERTADORES

1992 – Zetti; Cafu, Antônio Carlos, Ronaldão e Ivan; Pintado, Adílson e Raí; Müller, Palhinha e Elivélton

1993 – Zetti; Vítor, Válber, Gilmar e Ronaldo Luís; Pintado, Dinho, Cafu e Raí; Müller e Palhinha

SUPERCOPA

1993 – Zetti; Cafu, Válber, Ronaldão e André Luiz; Dinho, Doriva, Cerezo e Leonardo; Müller e Palhinha (Juninho)

RECOPA SUL-AMERICANA

1993 – Zetti; Cafu, Válber, Ronaldo e André; Dinho, Cerezo, Palhinha e Leonardo; Valdeir e Müller

1994 – Zetti; Vítor, Válber, Júnior

Baiano e André Luiz; Doriva, Cafu (Axel), Palhinha (Juninho) e Leonardo; Euller e Guilherme

CONMEBOL

1994 – Rogério Ceni; Pavão, Nélon, Bordon e Ronaldo Luís; Vítor, Mona, Pereira e Juninho (Murilo); Denílson (Danilo) e Caio

CAMPEONATO BRASILEIRO

1977 – Waldir Peres; Getúlio, Tecão, Bezerra e Antenor; Chicão, Teodoro e Darío Pereyra; Viana, Serginho e Zé Sérgio

1986 – Gilmar; Fonseca, Wágner Basílio, Darío Pereyra e Nelsinho; Bernardo, Pita e Silas; Müller, Careca e Sidney

1991 – Zetti; Cafu (Zé Teodoro), Antônio Carlos, Ricardo Rocha e Leonardo; Ronaldão, Bernardo e Raí; Müller, Macedo e Elivélton

RIO-SÃO PAULO

2001 – Rogério Ceni; Jean, Rogério Pinheiro e Wilson; Belletti (Reginaldo Araújo), Fabiano (Kaká), Maldonado,

Carlos Miguel (Júlio Baptista) e Gustavo Nery; Luís Fabiano e França

CAMPEONATO PAULISTA

1931 – Joãozinho; Clodoaldo e Bartô; Milton, Bino e Sasso; Luizinho, Armandinho, Friedenreich, Araken e Junqueira

1943 – King; Piolim e Virgílio; Zezé Procópio, Zarzur e Noronha; Luizinho, Sastre, Leônidas da Silva, Remo e Pardal

1945 – Gijo; Piolim e Renganeschi; Rui, Bauer e Noronha; Luizinho, Sastre, Leônidas da Silva, Remo e Teixeira

1946 – Gijo; Savério e Renganeschi; Rui, Bauer e Noronha; Luizinho, Lele (Ponce de León), Leônidas da Silva, Remo e Teixeira

1948 – Mário; Savério e Mauro; Rui, Bauer e Noronha; China, Ponce de León, Leônidas da Silva, Remo e Teixeira

1949 – Mário; Savério e Mauro; Rui, Bauer e Noronha; Friaça, Ponce de León, Leônidas da Silva, Remo e Tei-

■ **Na marca da cal.** Depois de empatar duas vezes com o Flamengo pelo placar de 2 a 2, nas finais da Supercopa de 1993, o São Paulo faturou mais um título internacional. Naquela decisão, o que mais chamou a atenção foi o alto nível das duas equipes. O Tricolor levantou a taça de campeão depois que Marcelinho, ex-Corinthians e agora no Santos, chutou a sua cobrança na disputa de pênaltis na trave.

■ **Expressinho Tricolor.** Por causa do calendário do futebol brasileiro, o São Paulo foi obrigado a disputar a Conmebol de 1994 com jogadores reservas e juniores. O clube disputava ao mesmo tempo mais dois torneios. O resultado foi mais um título, depois de vencer e arrasar o Peñarol-URU, na primeira final, por 6 a 1, no Morumbi. No jogo de volta, o time garantiu a taça, no Uruguai, mesmo perdendo por 3 a 0.

■ **Título polêmico.** A primeira fundação do São Paulo foi em 1930. Mas o clube não conseguiu manter os seus pagamentos em dia e fechou as portas. Em 16 de dezembro de 35, abriu novamente. Mas, durante a antiga administração, o clube conquistou o Paulistão de 31. Depois de muitos anos, a Federação Paulista de Futebol reconheceu o título, que os clubes rivais recusam admitir que é do Tricolor.



Desde o Campeonato Paulista de 1931 até o Torneio Rio-São Paulo de 2001, confira todos os times campeões do São Paulo Futebol Clube ao longo da história

xeirinha

1953 – Poy; De Sordi e Mauro; Pé de Valsa, Bauer e Alfredo; Maurinho, Albella, Gino, Negri e Teixeira

1957 – Poy; De Sordi e Mauro; Dino Sani (Sará), Vitor e Riberto; Maurinho, Amauri, Gino, Zizinho e Canhotinho

1970 – Sérgio; Forlan, Jurandir, Dias e Gilberto; Édson e Gérson; Paulo, Terto, Toninho Guerreiro e Paraná

1971 – Sérgio; Forlan, Jurandir, Arlindo e Gilberto; Édson e Gérson; Terto, Pedro Rocha, Toninho Guerreiro e Paraná

1975 – Waldir Peres; Néelson, Paranhos, Samuel e Gilberto; Chicão, Pedro Rocha e Terto; Muricy, Serginho e Zé Carlos

1980 – Waldir Peres; Getúlio, Oscar, Darío Pereyra e Airton; Almir, Heriberto e Renato; Paulo César, Serginho e Zé Sérgio

1981 – Waldir Peres; Getúlio, Oscar, Darío Pereyra e Marinho Chagas; Almir, Heriberto e Renato; Paulo César,

Serginho e Mário Sérgio

1985 – Gilmar; Zé Teodoro, Oscar, Darío Pereyra e Nelsinho; Márcio Araújo (Falcão), Silas e Pita; Müller, Careca e Sidney

1987 – Gilmar; Zé Teodoro, Adílson, Darío Pereyra e Nelsinho; Bernardo, Silas e Pita; Müller, Lê e Edivaldo

1989 – Gilmar; Zé Teodoro, Adílson, Ricardo Rocha e Nelsinho; Vizolli, Bobô e Raí; Mário Tilico, Ney e Edivaldo

1991 – Zetti; Cafu, Antônio Carlos, Ricardo Rocha e Nelsinho; Sidnei, Suélio e Raí; Müller, Macedo e Elivélton

1992 – Zetti; Vítor, Adílson, Ronaldo e Ronaldo Luís; Pintado, Cerezo, Cafu e Raí; Müller e Palhinha

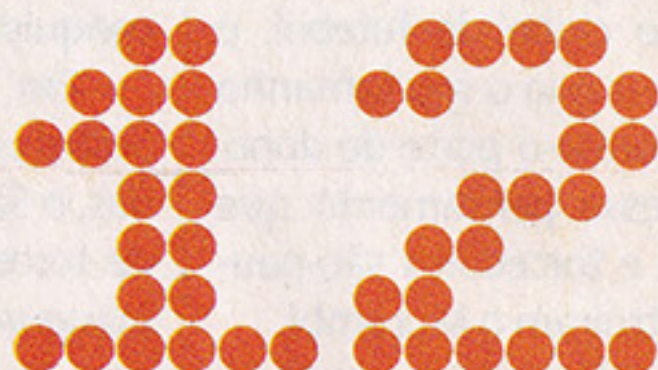
1998 – Rogério Ceni; Zé Carlos, Capitão, Márcio Santos e Serginho; Alexandre, Fabiano, Carlos Miguel e Denílson; Dodô (Raí) e França

2000 – Rogério Ceni; Belletti, Edmilson, Rogério Pinheiro e Fábio Aurélio; Maldonado, Vágner, Raí (Fabiano) e Marcelinho; Edu (Carlos Miguel) e Evair (Sandro Hiroshi)



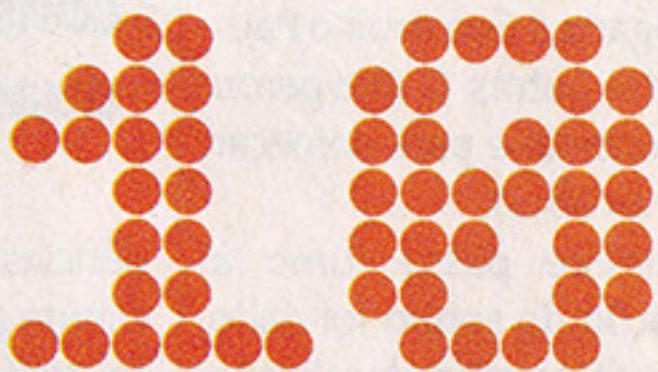
TÍTULOS

faturou o São Paulo em competições oficiais e não-oficiais entre 1990 e 94. No início dos anos 90, o Tricolor era o papa-tudo do futebol.



TÍTULOS

têm Müller, Ronaldão e Zetti jogando com a camisa tricolor. Até 2001, são os jogadores que mais ganharam títulos pelo São Paulo.



TÍTULOS

oficiais ganhou Telê Santana em cinco anos de São Paulo. Além de ser o técnico que mais venceu, foi o que mais tempo ficou no cargo.

■ **A história se repete.** Como no início da década de 70, quando o São Paulo conquistara o bicampeonato paulista em 1970 e 71, dez anos depois o São Paulo ganhou os Estaduais de 80 e 81. Dessa vez, derrotou o Santos e a Ponte Preta, respectivamente. E, com as conquistas de 85, 87 e 89, o Tricolor faturou o título simbólico de Campeão da Década. O clube foi maior vencedor nos anos 80, superando todos rivais.

■ **Golpe de mestre.** Em uma grande jogada de bastidores, a diretoria são-paulina conseguiu inscrever Raí, que estava na França, para jogar o jogo final do Paulistão de 1998 contra o Corinthians. Com a desvantagem de ter perdido a primeira partida por 2 a 1, o Tricolor reverteu a situação. Os craques Raí, França e Denílson comandaram o time rumo ao título paulista na vitória por 3 a 1. Foi o quarto título estadual de Raí.



TÓQUIO. Foi na capital japonesa que o São Paulo conquistou os dois maiores títulos da sua história: os Mundiais Interclubes de 1992 e 93.

MORUMBI, A REALIZAÇÃO DE UM SONHO

Orgulho dos são-paulinos, estádio fica pronto só depois de várias campanhas promocionais para arrecadar dinheiro para a obra

Se o campo é a peça fundamental da existência do clube de futebol, é certo pensar que o seu tamanho varia conforme o porte do dono. Foi com esse pensamento que dirigentes e torcedores são-paulinos construíram o Morumbi.

É certo afirmar que o estádio pertence não só ao São Paulo Futebol Clube, mas também a cada torcedor tricolor. Para terminar as construções do grande empreendimento, os dirigentes fizeram várias promoções como: "Permanente Paulistão" e "A Grande Jogada é Construir o Paulistão", entre outras. O que gerou a renda necessária para começar e finalizar as obras.

O primeiro passo rumo à concretização do sonho foi dado em 1952. O terreno, localizado no Jardim Leonor, na zona sul da capital paulista, com uma parte comprada e outra cedida pela Prefeitura, teve o início das construções no ano seguinte.

Foram anos difíceis. Sem di-

neiro para grandes contratações, o time ficou 13 anos sem conquistar títulos (57 a 70).

Em 1960, com menos de 50% das arquibancadas construídas, o São Paulo cedeu à pressão de torcedores e imprensa e pré-inaugurou o estádio Cícero Pompeu de Toledo (homenagem ao ex-presidente e idealizador do estádio) sem que suas depen-

As obras do Estádio do Morumbi consumiram quase duas décadas

dências estivessem completamente prontas. O jogo de estréia foi contra o Sporting (POR): 1 a 0 para o Tricolor, gol de Peixinho.

Para finalizar as obras foram mais 10 anos. Depois de quase duas décadas de construções, o estádio finalmente ficou pronto. Em 1970, o ano da inauguração.

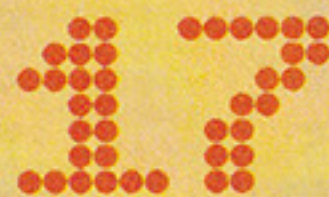
VEDETE

MORUMBI.

O estádio é o orgulho dos torcedores são-paulinos. É o local ideal para grandes decisões de campeonatos.



NÚMERO



ANOS

foi o tempo que demorou a construção do Estádio do Morumbi - de 1953 a 70.





O Morumbi ganha refletores novos e fica ainda mais iluminado, como deve ser um estádio de um clube campeão do mundo

O palco das decisões de campeonatos

■ O Morumbi, com capacidade para 89 mil pessoas atualmente, é o estádio mais procurado para as decisões de campeonatos.

Não importa se é final de Campeonato Brasileiro, Paulista, Copa Libertadores ou Torneio Rio-São Paulo, quando algum time paulista está classificado às finais a sede é, normalmente, o Morumbi.

E, por causa disso, não é do São Paulo o recorde de público de uma partida disputada no Cícero Pompeu de Toledo. É, sim, do Corinthians. Foi em 1977, na final do Campeonato Paulista entre Corinthians e Ponte Preta. O jogo decisivo reuniu no Morumbi 138.032 pagantes.

Hoje em dia, não é permitido mais a entrada de tantos torcedores assim, por medida de segurança, mas o posto de "Estádio-Rei" ainda resiste.



O estádio das decisões

Nos últimos dez anos, o Morumbi só não sediou as decisões do Paulista em três oportunidades. Sendo que, em duas delas, o campeonato foi definido no sistema de pontos corridos, sem finais.

Em Brasileiros, o Morumbi só perde para o Maracanã, que foi sede nove vezes, contra oito do estádio paulista.

FRASE

AGNELO DI LORENZO

"Muitos acham que para a construção do estádio o São Paulo tirou dinheiro do time. Mas, na verdade, o que aconteceu foi que o clube priorizou as construções."

Administrador do estádio durante a construção e atualmente historiador do São Paulo

LOTACÃO

135

MIL

pessoas estavam no Morumbi na final da Libertadores de 92, contra o Newell's Old Boys.

EM FOCO

MORUMBI. Quando o assunto é sediar decisões, o estádio do São Paulo Futebol Clube é sempre o preferido.





Torcedores do São Paulo lotam o Morumbi para a decisão do Campeonato Paulista de 2000 contra o Santos: título com o empate em 2 a 2

A FORÇA DA TORCIDA DA FÉ

Seja nas horas decisivas ou não, os são-paulinos sempre marcam presença para empurrar o seu clube

Tem que acreditar. Para o torcedor são-paulino, por mais difícil que esteja a situação de seu time, ele sempre acredita. O Estádio do Morumbi é a maior testemunha dessa devoção.

Quem não se lembra da força que os torcedores deram para reverter a desvantagem nas finais da Libertadores de 1992, contra o Newell's Old Boys, ou no Paulistão de 98, contra o Corinthians?

E, em se tratando de finais, durante muito tempo a torcida são-paulina ficou conhecida por só prestigiar seu time nas fases decisivas das competições. Uma análise precipitada.

Basta voltar um pouco no tempo e relembrar que a Tusp (Torcida

Uniformizada do São Paulo) foi a primeira torcida organizada do Brasil, fundada em 1938, por Manoel Raimundo Pais de Almeida. Hoje, ela não existe mais (fechou em 1995), mas o São Paulo sempre contou com o apoio dessa torcida que incentivava o time com uma banda, com direito a cornetas, bumbos e gritos de guerra.

Como o famoso grito: "Arakan, baran, bakan/ Stumberê, stumberá/ Makambé, mecambá/ Rico, rico, rá/ Rá, rá, rá/ São Paulo!/ São Paulo!/ São Paulo!"

Hoje, a torcida mais numerosa do clube é a Independente, com cerca de 25 mil associados, que foi cassada pela justiça.

Mesmo assim, ainda existem muitos são-paulinos que mantêm a tradição da torcida da fé.

MEMÓRIA SÃO-PAULINA

■ **Pacaembu são-paulino.** Em maio de 1942, 70.218 pessoas foram ao Pacaembu, uma das maiores lotações do estádio, e se espremeram para assistir à estréia de Leônidas. O jogo foi contra o Corinthians e terminou empatado em 3 a 3.

■ **Lotação inesperada.** Cerca de 80 mil torcedores foram ao Morumbi assistir ao jogo São Paulo x Union Española, em 3/8/94, que valia vaga nas semifinais da Libertadores. Detalhe: o jogo foi às 4 horas da tarde de uma quarta-feira.

TORCIDA



POR CENTO

dos brasileiros torcem para o São Paulo, segundo pesquisa LANCE!-Ibope (abril de 2001).

GALERA TRICOLOR

■ Embora sejam proibidas de se manifestar nos estádios, as torcidas organizadas do Tricolor resistem. Entre elas, estão: Dragões da Real, Falange Tricolor, Sampa Show e Tricolor Independente.

'SALVE O TRICOLOR PAULISTA'

O tenente José Porfírio da Paz, são-paulino roxo, estava prestes a ser despejado da sua casa junto com a família, em 1936, quando começou a assobiar uma melodia para diminuir a tensão. Passado o sufoco, ele passou a música "Salve o Tricolor Paulista" para o papel. Em 1942, ela se tornou o hino oficial do São Paulo Futebol Clube.

*Salve o Tricolor Paulista
Amado clube brasileiro
Tu és forte, tu és grande
Dentre os grandes és o primeiro*

*Oh, Tricolor
Clube bem amado
As tuas glórias
Vêm do passado*

*São teus guias brasileiros
Que te amam eternamente
De São Paulo tens o nome
Que ostentas dignamente*

*Trazes glórias luminosas
Do Paulistano imortal
Da Floresta também trazes
Um brilho tradicional*

*São Paulo, clube querido
Tu tens o nosso amor
Teu nome e tuas glórias
Tem honra e esplendor*

*Tuas cores gloriosas
Despertam amor febril
Pela terra bandeirante
Honra e glória no Brasil*

LETRA DE JOSÉ PORFÍRIO DA PAZ



'É MUITO FÁCIL TORCER PELO SÃO PAULO FC'

Jairzinho, filho de Jair Rodrigues, não segue a paixão do pai, 'pelezista' roxo



ARQUIVO LANCE!

Não poderia ser diferente! Nasci no dia 17 de março de 1975, com águas fechando o verão, exatamente no coração de São Paulo – na Avenida Paulista. Meu coração é de São Paulo. E, no país da bola, sou São Paulo Futebol Clube, o Tricolor Paulista.

Estranho! Alguns exclamam... Jair Rodrigues é notoriamente santista (eu diria pelezista), como seu filho foi se tornar são-paulino?! Respondo: coisas do destino. Destino bem agradável por sinal!

Logo após meu nascimento, um de meus primeiros presentes foi uma camiseta do Corinthians que foi pronta e devidamente jogada no lixo por um grande amigo de meu pai, são-paulino aliás.

A partir daí, me acostumei a sorrir com títulos tricolores.

A década de 80 me reservou momentos e times inesquecíveis! Pita, Mário Sérgio, Zé Sérgio, Serginho, Waldir Peres, Dário Pereyra, Careca, Silas, Müller, Lê e cia. Lembro-me da rivalidade com o time do Parque São Jorge e de finais emocionantes, como o Brasileiro-86 contra o Guarani.

O começo dos anos 90 selou o mérito de grande time interna-



Jairzinho poderia ser santista como o pai, mas apaixonou-se de cara pelo Tricolor; Raí é um de seus ídolos

cional. Os títulos da Libertadores, a primeira conquista do Mundial em 92 frente ao Barcelona (Raí em dia inspirado!!) e a segunda conquista contra o Milan com gol "sem querer" e tudo mais. O time dos sonhos... a máquina tricolor de fazer gols. Zetti, Vitor, Cafu, Pintado, Toninho Cerezo, Raí, Leonardo, Ronaldão, Müller,

o professor Telê e tantos outros escreveram seus nomes na história do clube. Estamos no terceiro milênio, e o clube continua revelando grandes times e conquistando importantes títulos.

Como diria Milton Neves, "é muito fácil torcer pelo São Paulo". Pelo menos tem sido mais fácil que torcer para a esquadra

brasileira (acorda, Seleção!!!!). E em uma adaptação do que disse Djavan, eu digo: Ainda bem que eu sou São Paulo; mesmo quando ele não vai bem, algo me diz em tricolor que o sofrimento leva além. Não existe amor sem medo...

JAIRZINHO OLIVEIRA É CANTOR E COMPOSITOR

LANCE!
o diário dos esportes

Editado por ARETÉ EDITORIAL S/A

Rio de Janeiro-RJ: Rua Santa Maria, 47, Cidade Nova, 20211-210, Tel. (21) 2502-1616, Fax (21) 2502-9707

São Paulo-SP: Rua Bernardo Wrona, 339, Limão, 02710-060, Tel. (11) 3856-1300, Fax (11) 3856-1314

Presidente
Walter de Mattos Junior

Diretor de Operações
Denis Oliveira

Diretor Financeiro
Mario L. Zilberberg

Diretor Comercial
René Cassettari

Gerente de Logística
Claudio Goulart

Gerente de Marketing
Célia Menezes

Diretor de Redação
Marcos Augusto Gonçalves

Coordenação e Edição
Ilone Vilas Boas
(colaborou Mateus Benato)

Pesquisa e textos
Daniel D'Amelio

Fonte de pesquisa histórica
Jornais da época

Agradecimentos
Agnelo di Lorenzo (historiador - São Paulo)

Arte

Daniel Vardi (Editor), Isac Barrios (Capa e Diagramação), Priscila Pompeu (Diagramação) e Patrícia Brunalti (Infografia)

Fotografia

Paulo Marcos de Mendonça Lima (Editor), Adriana Nery (Coordenação e Tratamento de Imagens), Clauber Larre (Tratamento de Imagens) e João Nascimento Reis (Pesquisa)

IVC

Filiado ao
Instituto Verificador
de Circulação

© ARETÉ EDITORIAL S/A. Rio / São Paulo, 2001. Todos os direitos reservados. Esta publicação não pode ser reproduzida, no todo ou em parte, nem registrada ou transmitida por qualquer que seja a forma ou meio, sem a permissão prévia e por escrito da direção do diário.

Em matéria de esporte, a gente tem tudo e mais um pouco.

Links para e-mail gratuito, multimídia, shopping e loja virtual.

Vá de uma quadra para a outra sem sair da frente do computador.

As principais manchetes e notícias do dia.

MINUTO LANCE!
Mais de 200 notícias diárias para você não perder um só lance do esporte no Brasil e no mundo.

BATE BOLA, FALA GALERA E LANCE! CHAT
O espaço interativo para você não ficar gritando na frente da tela.

AO VIVO!
Acompanhe jogos nada virtuais em tempo real.

BUSCA
Para você encontrar tudo o que pintou por aqui até um mês atrás.

BOLA CHEIA E BOLA MURCHA
As vitórias e os micos do esporte brasileiro.

REVISTA LANCE! A+
No site da LANCE! A+ você fica por dentro de tudo que os atletas fazem quando não estão jogando.

LISHOPPING
Um shopping só de esporte para você comprar artigos esportivos sem sair de casa.

Conheça o nosso time e mantenha seu cadastro atualizado.

Os destaques da semana e tudo o que está rolando no site.

Barra de navegação em Drop Down que abre todo o conteúdo do canal.

OLHO NO LANCE!
O seu diário esportivo on-line que não perde nenhum lance do mundo dos esportes.

COLUNISTAS
Juca Kfour, Trajano e outros colunistas jogando um bolão na Internet.

Aqui você ouve o que o pessoal do esporte tem a dizer.

CHARGES
Piadas diárias para nem todo mundo rir.

FIT VIRTUAL
Acesse o site mais saudável da web.

Internet zone

Lancenet. Conecte-se, acesse e veja a cara do esporte na web.

LANCENET
O CAMPEÃO DA REDE

DIGITALIZAÇÃO, TRATAMENTO, EDIÇÃO E MONTAGEM
MICHAEL SERRA

ARQUIVO HISTÓRICO DO
SÃO PAULO FUTEBOL CLUBE
2023



ONDE A MOEDA CAI DE PÉ